



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

IGOR MONTIEL MARTINS CUNHA

TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS E INCLUSÃO SOCIAL: RELATOS
DE EX-JOGADORES DE FUTEBOL PROFISSIONAL DE SANTARÉM

Santarém

2018

IGOR MONTIEL MARTINS CUNHA

**TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS E INCLUSÃO SOCIAL: RELATOS
DE EX-JOGADORES DE FUTEBOL PROFISSIONAL DE SANTARÉM**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Oeste do Pará como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFOPA), para obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de pesquisa 2: Práticas educativas, linguagens e tecnologias.

Orientador: Prof. Dr. Hergos Ritor Fróes de Couto.

Santarém

2018

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) Sistema Integrado de Bibliotecas –
SIBI/UFOPA**

C972t Cunha, Igor Montiel Martins

Trajétórias educacionais e inclusão social: relatos de ex-jogadores de futebol profissional de Santarém / Igor Montiel Martins Cunha. – Santarém, Pará, 2018.

92 fls.

Inclui bibliografias.

Orientador Hergos Ritor Froés de Couto

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Programa de Pós-Graduação em Educação.

1. Trajetória educacional. 2. Futebol. 3. Inclusão social I. Couto, Hergos Ritor Froés de, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 796.33

TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS E INCLUSÃO SOCIAL: RELATOS DE EX-JOGADORES DE FUTEBOL PROFISSIONAL DE SANTARÉM

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Oeste do Pará como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFOPA), para obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de pesquisa 2: Práticas educativas, linguagens e tecnologias.

DEFESA: _____ EM __/__/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Hergos Ritor Fróes de Couto

(Orientador e Presidente da Banca)

Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto

(Membro Interno - PPGE)

Profa. Dra. Edna Ferreira Coelho Galvão

(Membro Externo)

Profa. Dra. Irani Lauer Lellis

(Membro Suplente Interno - PPGE)

Profa. Dra. Patricia Reyes de Campos Ferreira

(Membro Suplente Externo)

Santarém

2018

À memória de Maria Isa.

AGRADECIMENTOS

Aos cinco participantes da pesquisa. É uma responsabilidade e uma grande honra contar a história de vocês.

Ao orientador Dr. Hergos Ritor Fróes de Couto, por toda a confiança, a paciência e o companheirismo ao longo do meu percurso acadêmico. É raro tamanha generosidade.

Ao Dr. Luiz Percival Leme Britto e à Dra. Sinara Almeida Costa, meus professores no Mestrado, que me ensinaram muito mais do que os abundantes conhecimentos acadêmicos.

Às contribuições pertinentes da Dra. Edna Ferreira Coelho Galvão nas bancas de qualificação e defesa, sempre realizando uma leitura atenciosa sobre os trabalhos.

À Marilena Martins, por ser minha mãe.

NAMASTÊ!



El pensamiento, Rómulo Rozo

RESUMO

Mesmo após mais de um século da inserção no território brasileiro, o futebol permanece como um dos principais elementos da cultura nacional. Tal fato contribuiu para que esse esporte fosse bastante analisado academicamente, principalmente em seus aspectos técnicos e administrativos. No entanto, ao longo das últimas décadas tem crescido o interesse dos centros de pesquisa em torno das relações sociais, muitas vezes opressivas, que se desenrolam no interior desse esporte. Um dos temas recorrentes nesse tipo de abordagem é a relação entre formação profissional e formação escolar, que, no caso do futebolista, ocorrem simultaneamente, acarretando a necessidade dos jovens esportistas de conciliar a rotina entre escola e o clube. Compreendendo que a relação entre a educação formal e a formação futebolística é conflitante no Brasil, por diversas questões culturais, estruturais e legislativas, é importante aprofundar o debate sobre a importância da educação informal nas condições de existência dos ex-jogadores. Assim, esta pesquisa teve como objeto de estudo a relação entre as trajetórias educacionais e a inclusão social de ex-jogadores de futebol na fase da pós-carreira esportiva. Para tal, foram realizadas entrevistas biográficas com cinco ex-jogadores profissionais, a partir do dispositivo metodológico denominado *retrato sociológico* (LAHIRE, 2004). Foi constatado que a atual inclusão social dos participantes da pesquisa está bastante vinculada às socializações e às práticas cotidianas, características da educação informal. Outros pontos foram exaltados, como a visão mercadológica das instituições escolares e os elementos disciplinadores da educação formal no discurso dos entrevistados. Assim, foi confirmada que a hipótese inicial que preconizava a importância da educação informal para a inclusão social dos ex-jogadores de futebol, se mostrou adequada à maioria dos casos demonstrados, embora seja recomendável tanto aprofundar esse debate, quanto realizar novas pesquisas com as questões que surgiram a partir dos resultados do estudo.

Palavras-chave: Trajetória educacional. Futebol. Inclusão social.

ABSTRACT

Even after more than a century of insertion in Brazilian territory, football remains one of the main elements of national culture. This fact contributed to the fact that this sport academically analyzed, mainly in its technical and administrative aspects. However, over the last few decades there has been growing interest in research centers around the often-oppressive social relations that unfold within the sport. One of the recurring themes in this type of approach is the relationship between professional training and school education, which in the case of the footballer, occur simultaneously, resulting in the need for young sportsmen and women to reconcile the routine between school and club. Understanding that the relationship between formal education and soccer education is still conflicting in Brazil, due to diverse cultural, structural and legislative issues, it is important to deepen the debate about the importance of informal education in the conditions of ex-players' existence. Thus, this research had as object of study the relationship between educational trajectories and the social inclusion of soccer players in the post-career sports phase. To that end, biographical interviews were conducted with 5 former professional players, using the methodological device called *sociological portrait* (LAHIRE, 2004). In the analysis, it was verified that the current social inclusion of the participants of the research is closely linked to socializations and daily practices, characteristics of informal education. Other exalted points, such as the market view of school institutions and the disciplinary elements of formal education in the interviewees' discourse. Thus, the initial hypothesis that advocated the importance of informal education for the social inclusion of former soccer players was adequate for most of the cases demonstrated, although it is advisable to deepen this debate, as well as to carry out new research with questions that emerged from the study results.

Keywords: Educational trajectory. Soccer. Social inclusion.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FORMAÇÃO ESCOLAR E PROFISSIONAL, CARREIRA E PÓS-CARREIRA DOS ATLETAS	21
2.1. O levantamento realizado.....	23
3 RELATOS SANTARENOS: RETRATOS SOCIOLÓGICOS DO INTERIOR DA AMAZÔNIA.....	38
3. 1 DAVI	38
3.1.1 Trajetória educacional e inclusão social de Davi	48
3. 2 CÉSAR	50
3.2.1 Trajetória educacional e inclusão social de César	56
3. 3 LEONARDO.....	57
3.3.1 Trajetória educacional e inclusão social de Leonardo	64
3. 4 MAURO	65
3.4.1 Trajetória educacional e inclusão social de Mauro	71
3. 5 HEITOR	73
3.5.1 Trajetória educacional e inclusão social de Heitor.....	82
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS.....	88
ANEXO 1.....	91

1 INTRODUÇÃO

Por ser manifestação cultural significativa, o futebol está em constante debate na sociedade brasileira. Respeitamos as opiniões que nascem do ideário popular sobre tal esporte, mas compreendemos que cabe à comunidade acadêmica fugir da obviedade e partir para a reflexão apurada desse fenômeno. Por conta de toda midiática que lhe foi conferida, é comum a visão romântica sobre o futebol (ROGÉRIO, 2014), relegando as opressões e problemas que estão no centro da questão. Segundo Couto (2016, p.15) “não é de interesse da indústria do esporte [...] que sejam mostrados frequentemente o fracasso daqueles que tentam realizar o sonho do eldorado futebolístico”. A partir desse pressuposto, tem sido crescente o interesse de pesquisadores no futebol, não enfatizando apenas seus aspectos técnicos ou administrativos, e sim os diversos tipos de relações que o permeiam.

O futebol é um fenômeno social que desperta expectativas de realização profissional e financeira, bem como de ascensão e prestígio social. Contudo, por sua força atrativa no seio da juventude, deve também ser examinado, na sua relação com a educação (COUTO, 2012, p.44).

Além de Couto (2012), nos deparamos com diversos autores que relacionam o futebol e a educação. Assim, Rogério (2014), ao estudar a trajetória de ex-jogadores profissionais do estado do Ceará, constatou que as mudanças na vida dos esportistas geram dificuldade de construir quantidade significativa de capital cultural, portanto, sendo difícil para essa classe de trabalhadores utilizar o que aprendeu durante a carreira de jogador em seu benefício assim que abandona os gramados.

Carvalho (2015) concluiu que a evasão escolar dos atletas-estudantes é causada, entre outros fatores, pelo limitado funcionamento da legislação esportiva, pois, na prática, as instituições de ensino superior não podem abonar ou justificar as faltas dos estudantes.

Souza et al. (2008) relatam que a escola formal muitas vezes é abandonada (com o consentimento dos pais e de outros familiares) pelas crianças e adolescentes que almejam a carreira profissional de jogador de futebol por não compreenderem o espaço escolar como possibilidade de ascensão social e econômica.

Além da constatação de que há pouco interesse regional a respeito da relação entre o futebol e a educação, visto que encontramos apenas uma pesquisa nesta temática, publicada em Belém (ALMEIDA e SOUZA, 2013), característica peculiar em nosso levantamento bibliográfico é a visão dicotômica entre formação escolar e formação esportiva. Os resultados das pesquisas apontam que o jogador deve investir

na sua formação escolar, encarando as consequências, o que acarretará em seu rendimento como esportista, ou investe em sua formação esportiva e sofre as consequências de sua escolha caso sua carreira não seja bem-sucedida.

Compreendemos que ocorre inversão de pensamento; afinal, educação formal (a educação que acontece no eixo escolar universitário) é direito, e ninguém deve ser desprovido de tal direito independentemente de seu objetivo profissional. Infelizmente, em nosso país, tanto os clubes quanto os agentes públicos continuam a ignorar essa discussão (COUTO, 2016), comprometendo a inclusão social dos jovens esportistas quando estiverem fora do mercado futebolístico. Na pesquisa de Couto (2016), fica evidente que a visão dicotômica entre escola e treinamento não precisa existir, desde que haja interesse e planejamento.

Se a relação dessa categoria de trabalhadores com a educação formal é problemática, devemos atentar para a importância da educação informal na trajetória educacional dos ex-jogadores profissionais de futebol. A educação baseada na sociabilidade e nas práticas cotidianas acaba sendo importante para muitos jogadores em sua inclusão social na pós-carreira esportiva.

Mas, afinal, o que é inclusão social?

Segundo Mota (2007), apesar de ser um termo conhecido e de fácil apreensão para o senso comum, *inclusão social* carece de teorizações científicas e aconselha que esse conceito seja compreendido pelo seu oposto: a exclusão social. Para Reis (2005), a exclusão social é a incapacidade total ou parcial de o indivíduo ter acesso aos bens e serviços, ao mercado de trabalho formal e aos direitos de todo cidadão, entre outros. No entanto, o autor alerta que a exclusão social não está vinculada apenas à questão econômica; outros elementos, como a participação dos indivíduos em grupos sociais, devem ser considerados na análise.

É muito comum ligar o entendimento de exclusão social a expressões estritamente sociais, tais como: pobreza, indigência, mendicância, subnutrição, velhice, entre outras. A concretização dessas expressões se efetiva a partir de sujeitos, tais como: morador de rua, criança em situação de rua e minorias sociais, entre outros. Em realidade, ao se fazer desta maneira, provavelmente, se esteja diminuindo à amplitude do entendimento, pois a visualização destas categorias se dá a partir de uma medida estritamente econômica, o que não, necessariamente, determina o significado da exclusão a qual o sujeito é portador (REIS, 2005, p. 3).

A exclusão social ilustra como é difícil e antigo o problema do acesso aos direitos sociais básicos e condições dignas de existência aos povos tradicionais, indígenas, afrodescendentes, pessoas com deficiência, imigrantes e demais grupos politicamente minoritários (REIS, 2005).

A pesquisa apresentada nesta dissertação teve como objeto de estudo a investigação sobre a relação entre as trajetórias educacionais e a inclusão social de ex-jogadores profissionais de futebol. Nesta pesquisa, entendemos *trajetória educacional* como os processos que se desenvolvem tanto na educação formal quanto na informal, observando as relações sociais desenvolvidas dentro e fora do contexto escolar. Ou seja, não restringimos o significado do termo *trajetória educacional* ao percurso escolar e universitário dos indivíduos.

A hipótese trabalhada foi a seguinte: as relações sociais estabelecidas fora do contexto da educação formal na trajetória educacional dos ex-jogadores profissionais de futebol em Santarém têm mais influência na inclusão social do que o nível de escolaridade alcançado. Assim, os processos educacionais desenvolvidos no âmbito informal são os mais relevantes para a inclusão social dos ex-jogadores profissionais de Santarém-PA. Focaremos na inserção dos ex-jogadores no mundo do trabalho e na atual participação em grupos sociais, bem como na celebração de acordos relativos à qualidade de vida (previdência, seguro de vida, plano de saúde), embora saibamos que a inclusão social abrange também outros elementos.

Para efeitos desse estudo, é primordial listar as definições que a sociedade acadêmica consagrou para o termo *educação*, categoria abrangente sobre a condição humana que, segundo Brandão (2004), congrega os diferentes processos de ensino e aprendizagem recebidos ao longo da vida, podendo acontecer a qualquer momento, em qualquer lugar. A partir desse entendimento e das teorizações de Gadotti (2005), é necessário analisar a Educação como requisito para a existência humana e direito cuja negação ou mercantilização pode ser considerada ato criminoso. Dentre as diferentes acepções de Educação, destaca-se a perspectiva *freireana*, que a analisa como emancipação humana, como forma de cada indivíduo existir não enquanto objeto, mas sim enquanto sujeito de sua própria história (FREIRE, 2011). Desta forma, independentemente da relação entre a escolaridade e o mercado de trabalho ser direta, o acesso e a permanência escolar são direitos de todos, previstos pela Constituição Federal.

O processo educativo, para alguns teóricos, divide-se em três tipos: formal, não formal e informal (CHAGAS, 1993), sendo a primeira caracterizada pela normatização e por ocorrer em espaços voltados para os objetivos de ensino e aprendizagem seguindo programa pré-definido comum a todos os membros da instituição de ensino; o segundo tipo é a educação não formal, que se desenvolve fora das instituições de ensino, podendo ser realizada por outros agentes sociais como as ONG's, as igrejas e diversos centros artísticos, que elaboram e promovem cursos, congressos e exposições; por último, Chagas explana que a educação informal acontece de forma espontânea nas relações sociais cotidianas em meio às vivências familiares, amigos, colegas e demais interlocutores. Isso é importante, pois lembra que a educação não se procede apenas nos centros escolares, mas também na sociabilidade, no contato com o outro, com a família, com os amigos e com demais grupos sociais.

Uma ideia importante que Cascais e Terán (2011) destacam a respeito dos tipos de Educação é que devem se complementar visando o desenvolvimento dos indivíduos; a Educação formal não é substituível, mas não deve ser vista como centro único de aprendizagem dos seres humanos. Cabe ressaltar que alguns autores não fazem a distinção dos três tipos de Educação e denominam de *Educação não-formal* tudo que ocorre fora do eixo escolar-universitário. Exemplo disso é a concepção de Gadotti (2005, p. 2).

A educação formal tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação. A educação não-formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de "progressão". Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem (GADOTTI, 2005, p. 2).

Após essa discussão inicial contextualizando o objeto de estudo e a hipótese, descreveremos a metodologia da pesquisa, que, em resumo, foi desenvolvida na cidade de Santarém-PA, com abordagem qualitativa e de caráter exploratório.

A cidade de Santarém é a sede da região metropolitana que leva seu nome, localizada na mesorregião do Baixo Amazonas paraense. Possui 294 mil habitantes segundo o censo de 2016 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e é o centro

esportivo do oeste do seu estado há décadas. Pinto (2007) relata que jornais na década de 1950 já apontavam o futebol da cidade com qualidade superior aos que se desenvolviam em seu entorno.

Juarez Ávila observa, em 1952, que Santarém era “a única cidade do Baixo Amazonas que tem um verdadeiro futebol”. Além dos “poderosos esquadões” do São Francisco, São Raimundo, América, Fluminense e Norte, havia muitos outros clubes menores como Banguzinho, Flamenguinho e Juvenil (p. 189).

No âmbito esportivo, é uma cidade ativa, com muitos praticantes de diversas modalidades, entre as quais se destacam: atletismo, vôlei e suas variações (futevôlei, vôlei de praia), natação, judô, Handebol, Basquete, MMA (Mixed Martial Arts), Skate e Ciclismo. Para atender tal público, existem na cidade muitas academias, ginásios e clubes para a prática desses esportes. Contudo, Santarém não foge à regra da maior parte das cidades brasileiras onde o futebol tem destaque.

Breve passeio pelas ruas da cidade ou busca na internet são suficientes para notar a organização de pessoas em volta de torneios entre equipes da cidade ou do interior do município. Tal qual diversas localidades brasileiras, algumas crianças e adolescentes praticam brincadeiras baseadas no futebol, enquanto outras jogam *pedradas*, partidas baseadas no futebol praticadas sem regras rígidas. Seja qual for o trajeto escolhido, o observador estará cercado de referências a algum clube de futebol nas ruas, nas casas e nos bares. Integrando esta paisagem, outras variações, como o *futsal* e o *futebol society*, são praticadas nas quadras da cidade ou nos diversos campos espalhados pela periferia. Tendo esse duplo papel de esporte e prática social, o futebol é vibrante pelo menos desde 1929 em Santarém, ano em que foi fundado o clube de futebol mais antigo da cidade, o São Francisco Esporte Clube.

A cidade tem times competitivos e boa estrutura futebolística em nível regional (PINTO, 2007), e conseqüentemente, muitos jogadores se tornaram ícones do esporte na cidade. O clássico futebolístico que divide a paixão dos santarenos é o tradicional *Rai x Fran*, respectivamente *São Raimundo Esporte Clube* e o *São Francisco Futebol Clube*. A cidade conta com campeonatos e torneios de futebol amador durante todo o ano e, em nível profissional, é representada no campeonato estadual por três equipes: *São Raimundo Esporte Clube*; *São Francisco Futebol Clube*; e *Tapajós Futebol Clube*.

Analisando o profissionalismo do futebol em Santarém, os dados levantados na pesquisa de campo demonstram que os contratos de trabalho seguem dinâmica pouco estável que dificulta o planejamento da aposentadoria desses atletas.

No intuito de verificar a hipótese da pesquisa, foi necessária análise profunda da trajetória educacional dos ex-jogadores de futebol santareno, bem como as consequências de tal trajetória após o encerramento da carreira esportiva. Esse levantamento de lembranças pessoais adentra um campo sensível, que envolve sentimentos, falas não-programadas, valores e insurreição de identidades, elementos empíricos não passíveis de quantificação.

Uma das características da pesquisa qualitativa é a inserção na rotina de um grupo ou de culturas às quais o pesquisador não pertence (MARTINS, 2004). Segundo a autora, cabe a este convencer os colaboradores sobre a importância da pesquisa e sobre a amistosidade de sua presença.

Para que a pesquisa se realize é necessário que o pesquisado aceite o pesquisador, disponha-se a falar sobre a sua vida, introduza o pesquisador no seu grupo e dê-lhe liberdade de observação. Esse mergulho na vida de grupos e culturas aos quais o pesquisador não pertence, exige uma aproximação baseada na simpatia, confiança, afeto, amizade, empatia, etc. (MARTINS, 2004, p. 294).

Segundo Bogdan e Biklen (1994), os dados da investigação qualitativa são produzidos a partir do contato com o ambiente natural, devendo o pesquisador despender grande parte do tempo no acesso às fontes de informação.

Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais. Na sua busca de conhecimento, os investigadores qualitativos não reduzem as muitas páginas contendo narrativas e outros dados a símbolos numéricos. Tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 48).

Para a investigação qualitativa é comum o interesse dos pesquisadores pelo modo como indivíduos diferentes dão sentido às suas existências: “Ao apreender as perspectivas dos participantes, a investigação qualitativa faz luz sobre a dinâmica interna das situações, dinâmica esta que é frequentemente invisível para o observador exterior” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 51).

Esta pesquisa foi conduzida a partir do diálogo entre o pesquisador e os participantes da pesquisa, de modo não foi um processo neutro, ao contrário, a maioria dos dados foram produzidos a partir de subjetividades e abstrações entre os indivíduos envolvidos, uma característica das pesquisas qualitativas (BOGDAN; BIKLEN,

1994). Uma das formas de construção dessas subjetividades é através do procedimento metodológico dos *retratos sociológicos*.

O *retrato sociológico* é o método biográfico elaborado por Bernard Lahire que consiste em narrativa da história de vida de um sujeito inserido em determinado grupo social, mas que leve em consideração as peculiaridades da trajetória de cada indivíduo, ponderando dois fatores: 1) as pessoas não ocupam uma única função social; 2) em cada função social as pessoas adquirem diversas características nem sempre coerentes entre si.

Na obra *Retratos sociológicos: Disposições e variações individuais*, publicado originalmente em 2002, Lahire (2004) propõe analisar as peculiaridades, os elementos incomuns, rompendo a tradição sociológica de análises macrológicas que envolviam grandes grupos de indivíduos.

Assim, o desafio posto por Bernard Lahire foi o de delinear um tratamento propriamente sociológico para a individualidade dos atores sociais, partindo da tradição de pesquisa de Bourdieu. Evidentemente, esse projeto requer criticar e reelaborar algumas ferramentas teóricas e metodológicas fundamentais (LIMA JÚNIOR e MASSI, 2015, p. 561).

Segundo Lahire, sociedades diferenciadas (como a nossa, com forte divisão do trabalho e grande diferenciação de funções) proporcionam experiências sociais variadas aos indivíduos que a constituem (LIMA JÚNIOR e MASSI, 2015), ou seja, um jogador de futebol pode ser um quilombola que serviu ao exército durante um ano, e que atualmente frequenta tanto a igreja quanto um clube de leitura. Então, não deve ser analisado apenas enquanto jogador de futebol, mas enquanto indivíduo que traz consigo diferentes experiências e aprendizados que não podem ser conferidas a um único grupo.

Tal como a macrosociologia de Bourdieu propõe, sociedades diferenciadas são compostas de grupos sociais e instituições aos quais podem ser atribuídos certos sistemas de disposições. Contudo, os indivíduos de carne e osso têm, geralmente, algum trânsito entre esses grupos e instituições. Eles não são somente filhos dessa ou daquela classe social, mas vão à escola, à igreja, a centros esportivos e culturais, ao cinema, ao teatro. (LIMA JÚNIOR e MASSI, 2015, p. 562-563).

Desde a delimitação dessa metodologia, os retratos sociológicos têm servido para diferentes objetos de estudo¹. Para Lahire (2004), os retratos ajudaram a compreender em que medida as disposições sociais são transferíveis de uma situação

¹ Em Lima Júnior (2013), por exemplo, os retratos sociológicos foram aplicados para entender que disposições levam à evasão dos alunos do curso de licenciatura em Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

para a outra e avaliar o grau de disposições que os atores incorporaram em socializações anteriores.

A entrevista biográfica tem sido a ferramenta mais utilizada para subsidiar análises à escala individual. Por isso, o primeiro problema metodológico que precisamos resolver é o de passar do relato de vida do entrevistado para o retrato de sua história de vida. Em uma análise sociológica à escala individual, estamos, geralmente, inferindo as disposições de um sujeito de pesquisa a partir dos fatos que ele mesmo narra sobre sua vida (LIMA JÚNIOR e MASSI, 2015, p. 565).

Na obra de Lahire (2004), base literária que fundamenta a produção de retratos sociológicos, o autor (em conjunto com um grupo de pesquisadores) selecionou oito sujeitos de pesquisa, e, junto a eles, aplicou seis entrevistas, todas variando entre dois e três horas de duração. Cada entrevista trazia temática diferente: família, escola, trabalho, sociabilidade, lazer-cultura e corpo (que envolvia alimentação, saúde, estética e esporte). Quase todas as entrevistas ocorreram na casa do entrevistado, e o pesquisador utilizava caderno de anotações etnográficas onde registrava o contato com o sujeito de estudo, o local das entrevistas e a forma como decorriam. Na obra, Lahire delimitou os critérios de seleção dos participantes e de análise dos resultados. É importante frisar que a condução metodológica de Lahire não deve ser vista como algo estático, afinal, a cada objeto de estudo cabe adaptação.

Optamos por esse dispositivo metodológico incomum, visto que, por ser análise na escala individual, os retratos sociológicos permitem identificar fatores educacionais e de inclusão social envolvidos na biografia de nossos participantes e entender qual a relação que há entre os mesmos. Nesta dissertação, os retratos sociológicos se encontram no terceiro capítulo. Ao final de cada retrato, será apresentada análise sobre a trajetória educacional, sobre a carreira esportiva e sobre a atual inclusão social dos participantes. Por questão de ética, cada retrato recebeu um nome que foi concebido aleatoriamente e que não possui qualquer ligação com o sujeito de estudo. Também substituímos outros nomes de pessoas e instituições citadas nas biografias, que consideramos comprometer a identidade dos participantes.

Realizamos cinco entrevistas entre os meses de outubro e novembro de 2017. O objetivo era um número maior, no entanto, houve resistência grande de possíveis sujeitos de pesquisa. Dois chegaram a remarcar duas vezes a entrevista com o pesquisador e no momento não apareceram nem atenderam o telefone quando contatados para saber o que ocorreu. Essa situação atrasou a pesquisa de campo e com

receio de comprometer a entrega do trabalho em tempo hábil, delimitamos em cinco participantes, que felizmente nos concederam material suficiente para as análises.

Os participantes assinaram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* e souberam que não seriam identificados. Ainda assim, alguns confidenciaram fatos da história de vida que gostariam que permanecessem apenas de conhecimento do entrevistador. As solicitações foram atendidas e constam nos retratos apenas o que foi autorizado pelos participantes.

A escolha dos participantes se deu após minucioso levantamento, com o devido cuidado de checar o período em que cada um deles atuou como jogador profissional nos clubes de Santarém², considerando a acessibilidade e espontaneidade para participar do estudo. Chegamos aos sujeitos da pesquisa por meio de contatos estabelecidos pelo Prof. Dr. Hergos Ritor Fróes de Couto. As reuniões foram gravadas em áudios MP3's por um celular do tipo *LG X Screen*, posteriormente foram transcritos e analisados. Abaixo as especificações com local, dia, hora e duração das entrevistas:

Mauro – Ambas as entrevistas na casa do entrevistado. Entrevista 1) 25 de julho de 2017, às 6:54 da noite, 35 minutos de duração; Entrevista 2) 6 de novembro de 2017, às 5:10 horas da tarde, 44 minutos de duração (no caso de Mauro foram realizadas duas entrevistas, pois ele também foi utilizado como participante piloto para a qualificação da pesquisa)

Davi – UFOPA (Campus Rondon), 18 de outubro de 2017, às 9:16 da manhã, 2 horas e 8 minutos de duração.

Heitor – Casa do entrevistado, 18 de outubro de 2017, às 7:35 da noite, 2 horas e 2 minutos de duração.

Leonardo – Praça do Bosque da Cidade, 19 de outubro de 2017, às 9:08 da manhã, 1 hora e 28 minutos de duração.

César – Casa do entrevistado, 24 de outubro de 2017, às 7:43 da noite, 1 hora e 2 minutos de duração.

A pedido de Davi, a reunião foi realizada nas dependências da UFOPA, em Santarém (Campus Marechal Rondon), pois acreditava que sua casa seria de difícil acesso ao entrevistador. Quanto a Leonardo, tinha um compromisso próximo ao Bosque municipal; assim, realizar a entrevista naquela região facilitou seu percurso. A praça do Bosque da Cidade também foi indicada por um dos possíveis participantes

² Em 1997 o futebol em Santarém foi profissionalizado, ou seja, alguns clubes se filiaram à federação estadual e passaram a manter jogadores como seus funcionários por meio de contrato de trabalho formal.

que acabaram não comparecendo ao local da entrevista. O entrevistador foi ao Estádio Colosso do Tapajós, onde aconteceria a reunião com outra pessoa que faltou. Um oitavo sujeito foi contatado, mas não conseguimos sequer marcar a entrevista.

A duração das entrevistas variou porque alguns lembram mais ou são mais detalhistas, outros necessitavam da condução do pesquisador para levar o participante “de volta” aos fatos de sua vida e assim extrair detalhes. Utilizar o método do retrato sociológico significa contextualizar o participante em vários contextos de ação, evitando a caricatura. Isso pode dar a impressão de que o objeto de estudo está desfocado (LIMA JUNIOR, 2013), mas se encontra ali, pois todas as questões da nossa entrevista estão relacionadas a pelo menos 1 dos 3 eixos: trajetória educacional, carreira esportiva e inclusão social.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Como começou a carreira no futebol?
 Quais foram seus maiores incentivadores?
 Em quais clubes jogou (datar se possível)?
 Como era sua rotina enquanto atleta? Variava muito entre os clubes?
 Enquanto foi jogador profissional, quais pessoas participaram mais da sua história de vida?
 Qual seu nível de escolaridade?
 Em quais escolas você estudou? Ficou quantos anos em cada uma delas?
 Qual era a localização e a infraestrutura de cada uma delas?
 Enfrentou dificuldades para concluir os estudos?
 Cursou alguma graduação ou algum curso técnico/profissionalizante? Quais? Conseguiu concluir?
 Em cada escola ou curso, quais foram os personagens (professores, colegas, demais funcionários) mais importantes na sua história. Por quê?
 Existia algum(ns) professor(es) ou colega(s) com quem você se identificava ou te influenciava(m) mais? Como essa(s) pessoa(s) era(m)?
 Pensava em conciliar a carreira esportiva e os estudos? Tentou? Conseguiu?
 Os clubes que você jogou se preocupavam com sua formação escolar?
 Quando e por que encerrou a carreira de jogador? Como se sentiu durante essa transição?
 Se arrependia de algo? Pensou nos estudos durante esse período?
 Acha que um jovem jogador deve valorizar obter um bom nível escolar? Por quê?
 Há uma relação entre o nível de escolaridade e o desempenho do jogador em campo?
 Exemplifique.
 Qual é seu histórico profissional?
 Como conseguiu cada emprego?
 Quais as habilidades usadas em cada cargo?
 Quais foram os maiores desafios para conseguir um emprego fora dos gramados?
 Em algum momento sentiu falta de conhecimentos técnicos?
 Em quantas residências diferentes você já morou com sua família? Descreva-as. Qual era a localização delas?

Quais são os familiares com quem você tem ou teve mais afinidade? Qual era a escolaridade delas? Com o que trabalhavam?

Em linhas gerais, como foi sua infância? E sua adolescência?

Quais as piores e melhores lembranças que você possui da sua carreira esportiva? E da sala de aula?

Atualmente, como é sua rotina semanal? Participa de quais grupos além do atual trabalho? Sua categoria de trabalho possui algum órgão representativo? Você participa dele? Como?

Possui algum plano de previdência?

Possui algum plano de saúde?

Seguro de vida?

Alguma pessoa aconselhava sobre o futuro, no âmbito da escolaridade ou da reserva de dinheiro?

Você visualizava sua vida após o término da carreira esportiva?

Em algum momento conciliou futebol e outra ocupação?

O roteiro de entrevistas foi pensado no intuito de começar abordando a carreira no futebol, para colocar o entrevistado em uma zona de conforto e, em seguida, partir para outros setores da vida. No entanto, embora a tática tenha sido bem-sucedida, pois resultou em entrevistas muito produtivas, essa mistura de assuntos dificultou a organização da entrevista em narrativa minimamente lógica. Os entrevistados fazem *saltos* em sua história de vida e isso custa a ser sistematizado como um retrato sociológico tradicional: com início, meio e fim.

Nossa pesquisa respeita todas as normas estabelecidas pela resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que apresenta as diretrizes de pesquisas envolvendo seres humanos. Por isso o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1) que foi entregue aos participantes do estudo prevê:

- Que a autorização é de livre e espontânea vontade;
- Que os participantes da pesquisa não ficaram expostos a nenhum risco;
- Que a identificação dos participantes será mantida em sigilo;
- Que qualquer participante da pesquisa poderia desistir de participar a qualquer momento, sem qualquer prejuízo;
- Que é permitido aos participantes o acesso às informações sobre procedimentos relacionados à pesquisa em pauta;
- Que um documento de apresentação do projeto seria apresentado aos participantes da pesquisa contendo os objetivos, a relevância da pesquisa e os procedimentos metodológicos do estudo, assinado pelos pesquisadores.
- Que somente após ter sido devidamente esclarecido e ter entendido o que foi explicado, deveria assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Como princípios desse estudo, é válido destacar que o bem-estar e a dignidade dos participantes foram prioridade durante o trabalho de campo e a análise dos dados.

A dissertação está dividida em quatro partes. Na introdução, demonstramos o objeto de estudo, a hipótese, algumas delimitações teóricas e a metodologia. Como estamos lidando com um grupo social específico (jogadores de futebol), trazemos um capítulo dedicado a entender a trajetória dos entrevistados. Assim, elencamos pesquisas de diversas áreas (Educação Física, Psicologia, História, Educação, Sociologia, etc.) que analisam a formação escolar e esportiva dos jovens atletas de futebol, bem como as particularidades da carreira futebolística e de seu encerramento, junto com as características físicas e psicológicas que essa fase da vida acarreta. No terceiro capítulo constam os retratos sociológicos constituídos a partir das entrevistas. Ao final de cada retrato, um tópico analisa a relação entre a trajetória educacional e a atual inclusão social de cada participante da pesquisa. Nas considerações finais, discutimos a hipótese e outros questionamentos importantes que surgiram no estudo.

2 FORMAÇÃO ESCOLAR E PROFISSIONAL, CARREIRA E PÓS-CARREIRA DOS ATLETAS

O futebol surgiu na Inglaterra em 1863, com a criação das regras que regulam a base do esporte até hoje. No Brasil atribui-se o pioneirismo dessa prática à Charles Miller, que em 1894 trouxe a primeira bola de futebol ao país. O esporte, em nível nacional, se desenvolveu inicialmente nos estados de São Paulo e no Rio de Janeiro, notadamente nos clubes *São Paulo Athletic Club*, da capital paulista, *Payssandu*, da capital carioca, e no *Athletic Association*, da cidade de Niterói (COSTA, 2001). No século XX o esporte se consolidou como o mais popular do mundo, e Couto (2012) explica que essa prática maciça deu volume às relações comerciais em torno do futebol, transformando o esporte em uma indústria e atraindo para si vultuosas movimentações financeiras, o que também aconteceu com a ajuda da mídia, que o transformou no “esporte mais divulgado, promovido, vendido e comprado” (COUTO, 2012, p. 37).

No Brasil, o futebol adquiriu características peculiares que o destacaram em relação aos outros países e possibilitaram à seleção nacional a conquista de cinco títulos mundiais. Com tanta divulgação, é normal que crianças brasileiras almejem a profissionalização no esporte. A glamourização cotidiana que a mídia apresenta sobre a vida do jogador de futebol, a possibilidade de ascensão social e financeira e a ideia ilusória de que a rotina de um futebolista é fácil certamente contribui para que, no país, muitos jovens talentosos larguem os estudos para seguir o sonho de ser jogador profissional de um grande clube, geralmente recebendo apoio da família.

Esta doação quase que exclusiva à formação desportiva pode acarretar graves problemas no que tange à formação escolar, e este contexto deve ser foco de profundas reflexões, diálogos e discussões sérias, pois espera-se que ações formativas no campo educacional devam ser revistas verdadeiramente nos e pelos clubes no sentido de possibilitar aos jogadores uma educação que forneça elementos para o desenvolvimento integral da pessoa e para a formação profissional (COUTO, 2016, pp. 18-19).

Parte problemática da escolaridade do jogador de futebol brasileiro é o fato de muitos saírem precocemente de suas casas para se dedicarem integralmente ao esporte, assim, sem a família e os amigos, abre-se uma lacuna nos conceitos de afeto, união, espiritualidade e outros elementos essenciais para a formação do ser humano (MARCO e LUIZ FILHO, 2013). Isso se acresce ao fato de que a maioria não planeja com cuidado a carreira futebolística, é algo que ocorre de forma espontânea devido ao grande apelo que o futebol possui em nosso país, como revela a pesquisa de Marco e Luiz Filho (2013, p. 62).

Quando questionados com relação ao planejamento da carreira de atleta profissional, obteve-se como resposta de que a maioria não planejou a sua carreira futebolística. Apenas tinham o sonho de jogar num grande time para obter estabilidade financeira com o futebol. No entanto, nem todos obtiveram os resultados desejados.

Parte-se da ideia de que a carreira dos atletas possui dinâmica intensa e temporalidade própria em relação à dos outros profissionais, pelo excesso de utilização da capacidade física e do desempenho laboral. a carreira do atleta geralmente é reduzida se comparada à de outros profissionais, e tal limitação temporal cria um vínculo mais intenso com a profissão, pois a programação diária, a busca por melhores rendimentos, as privações e abdicção da vida social, os hábitos alimentares e corporais do atleta são definidos a partir da rotina de trabalho, algo que também acontece nas outras profissões, no entanto, de forma mais maleável, como aponta Selingardi (2013, p.106) “[...] atletas experimentam um período de envolvimento mais curto, intenso e mais definido e eles são, muitas vezes, confrontados com preocupações de transição de carreira diferentes dos não atletas.”

Ao relatar a fase final da carreira dos atletas destacam-se os aspectos sociais apontados por Rogério (2014), quando este, em sua tese, analisou a preparação para o pós-carreira de futebolistas cearenses. Enquanto isso, Selingardi (2013) focou nos aspectos psicológicos desse período de finalização da carreira para os atletas, ao explicar, nas vivências desses esportistas de várias modalidades (inclusive o futebol), os padrões psicológicos e comportamentais vivenciados nessa fase. Muitos problemas psicológicos enfrentados pelos jogadores na aposentadoria podem ser explicados à luz do texto de Selingardi (2013) ao elencar as características típicas da transição da carreira do atleta, como o sentimento de *luto* e os desajustes emocionais.

Tais características estão ligadas a um grande elo entre o atleta e a atividade esportiva, e quando a aposentadoria começa, o ex-atleta é alguém que está se desligando de uma atividade que lhe confere grande importância simbólica e identitária, vivenciando algo semelhante à sensação de morte de si mesmo ou de alguém próximo (SELINGARDI, 2013). Esses estudos tornam perceptíveis os desafios do planejamento dos atletas para a fase da vida que sucede a prática esportiva profissional, e o quadro se agrava ao enfocarmos o futebol, um esporte de grande apelo popular no Brasil, que acaba afetando negativamente a carreira de muitos meninos advindos, principalmente, das camadas menos abastadas da sociedade e que não possuem uma preparação adequada para o pós-carreira (ROGÉRIO, 2014; SOUZA et al, 2008).

Tal processo culmina em situações nada favoráveis, como as apontadas por Roque (2011), ao retratar os sujeitos que jogavam no torneio operário em São José dos Campos: “Há muitos casos omissos e que revelam outras faces do futebol. Ex-atletas que não conseguiram se aposentar e que caíram em miséria, morreram de cirrose, tornaram-se andarilhos (p. 8)”.

Adaptando as palavras de Pires (1994), infelizmente esses casos são comuns, mas não são representados pelas mídias, pois podem atrapalhar interesses publicitários e o foco está apenas nos ídolos do presente, assim, garantem as vendas de produtos publicizados, bem como ajudam a manter a população desfocada de nossos problemas políticos, econômicos e sociais. Cabe lembrar que a realidade atual dos jogadores de futebol é muito menos *hollywoodiana* que a propagada nas mídias, com poucos profissionais levando uma carreira estável, raríssimos ídolos incontestáveis, e uma imensa maioria recebendo entre um e dois salários mínimos, soma-se a isso os riscos de lesão e a brevidade da carreira (PIRES, 1994).

Os estudos de Soares et al (2011, p. 906), apontam a difícil relação entre profissionalização do jogador de futebol e dedicação no espaço escolar e acadêmico.

Essa carreira exige extenuante trabalho corporal para aqueles que pretendem entrar nesse afunilado mercado. Todavia, é nesse mesmo período da vida que a Educação Básica, em tese, exige do jovem dedicação na incorporação de capital cultural para que possa ser uma das chaves de acesso ao mercado de trabalho.

Tal dicotomia resulta em dificuldade de construir quantidade significativa de capital educacional e reconvertê-lo, posteriormente, ao final da carreira (ROGÉRIO, 2014). Essa perspectiva de reconversão de capital na carreira do atleta de futebol é inspirada no pensamento de *Bourdieu* e foi abordada por vários autores além do Rogério (2014), dentre eles destacam-se Soares et al (2011).

2.1. O levantamento realizado

No intuito de situar a pesquisa dentro do contexto acadêmico em que a temática se encontra, elenca-se a seguir os objetivos, metodologias e resultados das pesquisas realizadas nos últimos dez anos anteriores à elaboração desta dissertação. Por conta dos múltiplos enfoques que a escolarização e a aposentadoria de atletas vem sendo retratadas pela academia, utiliza-se como recortes temáticos os trabalhos que apresentam alguma relação com o futebol e que auxiliam de forma significativa no entendimento da dinâmica interna desse esporte e sua relação com a Educação. Destaca-

se que tal levantamento não se delimita a determinado tipo de publicação ou área do conhecimento, ou seja, abaixo encontram-se teses, dissertações e artigos escritos por estudiosos das mais diversas áreas do conhecimento.

Começamos a busca por trabalhos em portal tido como referência para o levantamento de pesquisas científicas no Brasil, a Scielo (www.scielo.org.com). Inserimos vários descritores, apenas dois se mostraram eficientes: *formação atleta* e *jogador de futebol escola*. Não sabemos se pela falta de interface mais didática ou se por falta de preparo do pesquisador, no referido site foram encontrados apenas dois trabalhos relevantes o suficiente para constar em nossa revisão bibliográfica. Curiosamente, alguns autores constam em ambos os trabalhos: *Jovens esportistas: profissionalização no futebol e formação na escola* (ROCHA et al 2011); *Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros* (SOUZA et al, 2008).

Em seguida, pesquisamos as bibliotecas digitais de algumas universidades do Brasil. Com o mesmo descritor *carreira esportiva*, captamos na Universidade de São Paulo (www.tede.usp.edu.br) a dissertação de mestrado de Daniela Selingardi: *Término e recomeço: da carreira atlética à aposentadoria* (2013). E na Universidade Federal do Ceará (www.teses.ufc.br) a tese de doutorado em Sociologia de Radamés Rogério intitulada *No “segundo tempo da vida”: o jogador de futebol e a passagem para a pós-carreira*, publicada em 2014. Na biblioteca digital da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) também utilizamos o descritor *carreira esportiva*, mas obtemos o trabalho *O estudante-atleta: desafios de uma conciliação* (CONCEIÇÃO, 2015) apenas quando marcamos o filtro Educação.

Chegamos a alguns trabalhos por meio do orientador da pesquisa: *O esporte do oprimido: utopia e desencanto na formação do atleta de futebol* (COUTO, 2012); *A importância e os propósitos de ações educativas num contexto de formação desportiva nas camadas de base do FC Porto* (COUTO, 2016); respectivamente, tese de doutorado e relatório de pós-doutoramento do orientador Hergos Ritor Fróes de Couto. O mesmo também indicou o trabalho de Pires (1994).

A pesquisa de Correia (2014) foi constantemente citada por outros autores (CARVALHO e HAAS, 2015; CONCEIÇÃO, 2015; CARVALHO, 2015; COUTO 2016), assim, procuramos no Google o trabalho publicado e vimos que interessava ao nosso estudo, então o inserimos no levantamento. Outro caso parecido com esse foi o de Klein e Bassani (2014), referenciada no trabalho de Conceição (2015).

Uma grande fonte para o levantamento foi o Google acadêmico. Abaixo constam as pesquisas obtidas com cada descritor inserido:

Descritor “pós carreira esportiva”: Costa et al (2010); Silvério (2011); Barros (2007); Agresta et al (2008).

Descritor “aposentadoria atleta”: Samulski (2009).

Descritor “escolarização jogadores”: Carvalho (2015), Carvalho e Haas (2015), Soares et al (2010).

Notando que nenhuma pesquisa da região norte havia sido detectada, começamos a utilizar descritores que revelassem trabalhos na região, até que inserimos “escola futebol Pará” e nos deparamos com o trabalho de conclusão de curso de Almeida e Souza (2013). Ao inserir o descritor “escolarização futebol”, a maioria dos trabalhos elencados nesse capítulo da dissertação surgia, inclusive o de Almeida e Souza (2013), tão difícil de encontrar anteriormente por acreditarmos ser algo muito específico.

Abaixo apresentamos quadro síntese do levantamento realizado, com o título completo do trabalho, o(s) autor(es), o tipo e o ano de publicação, e finalmente, a área de conhecimento em que cada pesquisa foi realizada.

Quadro 01: Síntese do levantamento bibliográfico

Agresta et al (2008)	Causa e consequências físicas e emocionais do término de carreira esportiva	Artigo em periódico	Medicina do Esporte
Almeida e Souza (2013)	Abandono dos estudos: uma análise dos atletas de futebol em formação nas categorias de base de Belém/PA	Trabalho de Conclusão de Curso	Educação Física
Barros (2007)	Recortes na transição da carreira esportiva	Monografia de Especialização	Psicologia do Esporte
Carvalho (2015)	Atleta não estuda? Investigando a evasão escolar dos alunos atletas no ensino superior	Dissertação de Mestrado	Educação
Carvalho e Haas (2015)	Conflitos na legislação brasileira referente à escolarização de seus jovens atletas	Artigo em Periódico	Educação
Conceição (2015)	O estudante-atleta: desafios de uma conciliação	Dissertação de Mestrado	Educação
Costa et al (2010)	Fases de transição da carreira esportiva: perspectivas de ex-atletas profissionais do futebol brasileiro	Artigo em periódico	Educação Física
Correia (2014)	Entre a profissionalização e a escolarização: projetos e campo de possibilidades em jovens atletas do Colégio Vasco da Gama	Dissertação de Mestrado	Educação
Couto (2012)	Esporte do oprimido: utopia e desencanto na formação do atleta de futebol	Tese de Doutorado	Educação
Couto (2016)	A importância e os propósitos de ações educativas num contexto de formação desportiva nas camadas de base do FC Porto	Relatório de Pós-Doutoramento	Desporto
Klein e Bassani (2014)	Trabalho precoce, esporte e escola: aproximações e concorrências na formação de jovens atletas	Artigo em evento	Sociologia e Política

Pires (1994)	O viver de ontem e de hoje do jogador de futebol	Dissertação de Mestrado	Educação
Rocha et al (2011)	Jovens esportistas: profissionalização no futebol e formação na escola	Artigo em periódico	Educação Física
Rogério (2014)	“No segundo tempo da vida”: o jogador de futebol e a passagem para a pós-carreira	Tese de Doutorado	Sociologia
Samulski et al (2009)	Análise das transições de carreira de ex-atletas de alto nível	Artigo em periódico	Educação Física
Selingardi (2013)	Término e recomeço: da carreira atlética à aposentadoria	Dissertação de Mestrado	Psicologia
Silvério et al (2011)	Análise do sucesso do atleta de futebol	Artigo em evento	Administração
Soares et al (2010)	O tempo para o futebol e para a escola	Artigo em evento	Esporte e Educação
Souza (2008)	Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros	Artigo em periódico	Antropologia

Fonte: Os autores, 2018.

Carvalho (2015) investigou os fatores que contribuem para a evasão de atletas bolsistas no curso de Licenciatura em Educação Física de determinada instituição de ensino superior do estado de São Paulo. Para isso, realizou revisão de literatura sobre evasão escolar no ensino superior e entrevistas com dez alunos evadidos e dez alunos permanentes em um universo de 25 alunos atletas bolsistas da turma de 2012. Os alunos permanentes foram incorporados à pesquisa visando ampliar o entendimento sobre os motivos, não só da evasão, mas também as razões que encontram para dar continuidade dos estudos.

Constatou-se pelas entrevistas realizadas que os alunos que permaneceram nos estudos possuem maior clareza quanto às expectativas de futuro pessoal e profissional, apontando a família como agente importante na valorização da educação e conseqüentemente na prevenção de interrupções ou desistência da vida acadêmica (CARVALHO, 2015, p. 67).

A pesquisa demonstrou que o cansaço físico e as questões financeiras foram os principais motivos que levaram os atletas estudantes à evasão escolar. Aspecto desvelado por Carvalho (2015) foi a contradição entre a frequência dos alunos em sala de aula e a legislação esportiva, que orienta a boa relação entre as competições esportivas e o calendário escolar, pois as universidades não têm amparo legal para abonar ou justificar as faltas dos atletas estudantes, fazendo com que o controle de frequência, citado pela legislação esportiva, não possua aplicabilidade prática.

Os dados levantados e examinados neste estudo apontaram indicadores importantes em relação à evasão escolar dos alunos atletas, tais como a dificuldade financeira, o cansaço físico por conta de treinamento esportivo diário, o cansaço devido ao deslocamento entre clube, escola e residência, além do conflito entre o calendário esportivo e o calendário escolar. Por estes motivos, os dados indicam que a vida do aluno atleta é diferente do aluno não atleta, e que requer, portanto, uma maior aproximação entre clube e instituição edu-

cacional, ao ponto de garantir, não somente o acesso a educação, mas também a permanência de seus alunos atletas nos estudos, e conseqüentemente um melhor desempenho escolar e acadêmico dos mesmos (CARVALHO, 2015, p. 67).

A continuidade desse estudo se deu em Carvalho e Haas (2015), que investigaram a relação entre as leis vigentes no país sobre a educação e o esporte e como isso afeta a escolarização dos atletas brasileiros. Para isso, realizaram levantamento bibliográfico a respeito de dois temas: o acesso e a permanência de atletas na educação formal e as leis nacionais e estaduais que regulam a presença de jovens esportistas nas escolas e universidades.

Os estudos sobre escolarização dos atletas apresentam as dificuldades que estes encontram em conciliar as obrigações esportivas e escolares, sugerindo que clubes e escolas estejam mais próximos, flexibilizando e harmonizando as duas atividades, permitindo que seus jovens talentos esportivos permaneçam nos estudos, além de valorizá-los diante do aspecto financeiro percebido por meio do futebol (CARVALHO; HAAS, 2015, p. 2).

A conclusão obtida foi a grande contradição e falta de diálogo entre as legislações esportiva e educacional a respeito do controle de frequência dos alunos esportistas, tanto no ensino básico quanto no superior.

Observou-se que não há na legislação educacional determinação alguma que abone, ou possibilite o abono das ausências dos atletas em suas atividades escolares devido a compromissos esportivos, tampouco há a previsão de exercícios domiciliares pelos mesmos motivos (CARVALHO; HAAS, 2015, p.4).

Partindo para as pesquisas que destacam o planejamento da carreira dos atletas e suas conseqüências, Souza et al (2008) analisaram o futebol se materializando como projeto de vida para jovens das camadas populares, a partir das trajetórias de vida de duas pessoas que frequentaram a escola de futebol *Nova Geração* e, posteriormente, realizaram testes em um grande clube europeu na década de 1990.

Leandro, nosso primeiro personagem, personifica a trajetória do jovem pobre que ascende socialmente e faz fortuna no futebol europeu. Marcelo, por sua vez, tendo a mesma origem social, não consegue firmar sua carreira de jogador nem na Europa, nem no Brasil. Depois de insistir por alguns anos na carreira profissional, abandona o futebol precocemente e ingressa no mercado de trabalho com poucas qualificações para essa nova fase de sua vida (SOUZA et al, 2008, p. 88-89).

Os autores chegam à conclusão que a escola formal não era vista como possibilidade de ascensão econômica e social, já que um dos entrevistados havia abandonado o colégio em que estudava apenas para treinar durante um mês na Holanda, sendo totalmente apoiado por familiares nesse empreendimento (SOUZA et al, 2008).

Os dados foram obtidos a partir de entrevistas, de anotações no diário de campo e de matérias jornalísticas. Os autores concluíram que o capital adquirido durante os treinamentos é de difícil reconversão, caso a profissionalização no futebol não seja bem-sucedida, e mesmo na aposentadoria do jogador de futebol profissional.

A reconversão do capital adquirido ao longo dos anos de treino no futebol se mostra difícil. Marcelo possui poucas qualificações para o mercado formal de trabalho. Não concluiu o Ensino Médio e não possui cursos que possam mais bem qualificá-lo para a competição do mercado. Seu trabalho hoje não o satisfaz e não há perspectivas para a ascensão econômica. Por isso seu discurso afirma que o “sonho acabou”. Não se trata apenas de jogar futebol profissionalmente, mas também de dar conforto aos pais velhos, ajudar a filha (SOUZA et al, 2008, p. 106).

A partir disso os pesquisadores concluíram que essa profissão é muito arriscada para os que decidem se dedicar exclusivamente a ela.

Por sua vez, a tese de Rogério (2014) centrou-se na aposentadoria do jogador de futebol, seu interesse foi em torno das questões: quais estratégias utilizadas por esses sujeitos ao fim da carreira e como os capitais acumulados, durante a trajetória de vida, são utilizados nessa mudança de identidade de atleta para a de ex-atleta.

As quatro trajetórias de vida profissional que analisei nessa tese demonstraram formas diferentes de lidar com este momento tão dramático de saída da liminaridade, ao mesmo tempo em que demonstraram os elementos que estão presentes nessas diferentes experiências, a saber, o retorno ao tempo/espaço ordinário, as incertezas quanto ao que vem pela frente, a dificuldade de ocupar a mente em relação à perda da rotina (ROGÉRIO, 2014, p. 264).

Para tal, o pesquisador utilizou-se dos conceitos de *campo* e *capital cultural* de Pierre Bourdieu e do *processo civilizador* de Norbert Elias. O lócus de estudo foi o estado do Ceará, onde quatro ex-jogadores tiveram suas trajetórias de vida analisadas; o pesquisador conclui que as dificuldades vivenciadas durante a aposentadoria dos atletas advém das mudanças constantes que permeiam toda a vida profissional dos jogadores: “É vertiginosa a velocidade com que um jogador sai do anonimato para a fama e retorna ao anonimato; torna-se herói ou vilão de uma partida, de um campeonato, da história de um clube (ROGÉRIO, 2014, p. 62)”. Por fim, Rogério (2014) relata que a rede de assistência aos ex-jogadores cearenses é de curto alcance.

Silvério et al (2011) visaram idealizar um plano de carreira para os atletas que possibilite uma aposentadoria permanente a partir das constatações de muitos jogadores de futebol, que, deslumbrados com a capacidade financeira durante o auge profissional acabam passando por problemas ao final da carreira.

Deslumbrados com o brilhantismo do mundo futebolístico de bilhões de reais no auge da carreira, muitos jogadores não se prepararam para gerir a vida no período pós-carreira. Em tempos em tempos, é destaque midiático jogadores, que no auge da carreira adquiriram automóveis esportivos importados e mansões, quando se deparam com o declínio da fama acabam por enfrentar problemas financeiros (SILVÉRIO et al, 2011, p. 1).

Silvério et al (2011) realizaram essa pesquisa com base nas teorias estruturalistas e funcionalistas. Os pesquisadores constataram que a literatura existente aponta o deslumbramento dos jogadores com o dinheiro adquirido no auge da carreira, ocasionando o não investimento nos estudos e prejudica a vida desses esportistas após o declínio da carreira. Concluíram que os jogadores de futebol podem conduzir o plano de carreira de várias maneiras, principalmente adotando uma perspectiva realista, além do desenvolvimento de outros interesses e inclinações.

A resistência ao planejamento individual é ainda muito grande no Brasil, as pessoas tendem a guiar suas carreiras mais por apelos externos, tais como, remuneração, status, prestígio, etc., do que por preferências pessoais. No entanto, para isso é preciso o autoconhecimento que favorece o melhor caminho para o reconhecimento dos pontos fortes, pois favorece o encontro da forma ideal para o desenvolvimento dos propulsores de carreira (SILVÉRIO et al, 2011, p. 4).

O único trabalho paraense da lista, sobre a simultaneidade das formações escolar e esportiva, e como os atletas da capital paraense lidam com elas: Almeida e Souza (2013) analisaram o abandono dos estudos em atletas de futebol de Categorias de Base de Belém.

Pesquisas recentes abordaram a vida escolar dos atletas nas categorias de base de clubes em diversas regiões do Brasil, no entanto, nenhuma delas atingiu a região Norte do país, o que justificou a realização deste artigo, principalmente numa região que possui uma realidade diferenciada, se comparada com os grandes centros do país, quando o assunto é futebol (ALMEIDA e SOUZA, 2013, p. 2).

Os sujeitos da pesquisa foram 153 jogadores de futebol entre 14 e 18 anos de idade. Os pesquisadores lançaram mão de método misto (quantitativo e qualitativo) a partir de um questionário de 29 perguntas que abrangia desde o contexto familiar ao planejamento profissional. Os entrevistados em sua maioria haviam nascido no Estado do Pará e moravam com os pais em situações precárias, e ainda assim recebiam de sua família todo apoio para permanecer no futebol, “os atletas desejam se destacar no futebol para recompensar esse apoio, e ajudar suas famílias” (ALMEIDA e SOUZA, 2013, p. 18). Os autores concluíram que a maioria dos atletas está matriculado, apesar dos altos índices de repetência, atraso e defasagem escolar.

A maioria significativa está estudando atualmente, no turno da tarde e em escolas públicas, porém não faz nenhum curso fora da escola. Percebeu-se que os atletas planejam bastante os aspectos relacionados à suas carreiras esportivas, menos com relação aos estudos, que se mostra o principal problema enfrentado pelos mesmos, como também, a falta de estrutura dos clubes (ALMEIDA e SOUZA, 2013, p. 18).

Muitos atletas da capital paraense não abandonaram a escola, mas apresentam déficits escolares consideráveis e dificuldade em conciliar a formação desportiva e os estudos escolares, algo que com a idade e a aproximação da inserção no futebol profissional vai se tornando cada vez mais difícil (ALMEIDA; SOUZA, 2013).

Quanto ao abandono dos estudos, apenas 6,5% dos atletas da amostra abandonou a escola antes de concluir o Ensino Médio, número relativamente normal, porém, ao se analisar a repetência escolar e a distorção idade-série dos atletas, os dados encontrados indicaram grandes problemas quanto a esses itens, onde mais da metade dos atletas (54,2%) já repetiram pelo menos uma série e a grande maioria deles (71,2%) estão atrasados na escola em relação à série correta para a idade, sendo que, 45,7% dos atletas se encontram em defasagem escolar, esses déficits escolares que os atletas da amostra possuem evidenciam dizer que a maioria deles está na escola, porém abandonam os estudos.

A dissertação de Conceição (2015) traz o mesmo objeto de estudo de Almeida e Souza (2013), em capital diferente: Florianópolis. Ele investigou a forma como os integrantes das categorias de base do Avaí Futebol Clube e do Figueirense Futebol Clube vivenciavam a formação escolar e a esportista. O método etnográfico foi aplicado em jovens de 14 a 17 anos que estudavam na rede pública estadual do ensino médio de Florianópolis. Também utilizou entrevistas e questionários com os atletas-estudantes, funcionários dos respectivos clubes de futebol e com a escola que atendia esses alunos. Conceição (2015) constatou descontinuidade entre os conhecimentos adquiridos na escola, conhecimentos esses que não são analisados pelos jogadores como algo essencial à formação de um bom atleta.

A escola é duplamente desvalorizada pelo estudante-atleta: primeiro pelo imediatismo de uma carreira que não a prioriza e, segundo, por desconsiderar seu conteúdo para exercício da profissão. No caso do estudante-trabalhador, o imediatismo leva ao mercado de trabalho da mesma forma que o atleta, no entanto, o conteúdo parece ser valorizado, ou melhor, o capital cultural objetivado no diploma, pois a escolarização possibilita exercer grande parte das profissões [...] Desta maneira, pode ser percebida a relação construída com o saber motivado pela mediação do mercado de trabalho imediato (CONCEIÇÃO, 2015, p. 102).

Os jogadores em sua maioria analisam a escolarização como obrigação, e não como projeto para o futuro. Segundo o autor, “as duas alternativas de futuro (dupla

carreira) se equiparam, mas os indivíduos procuram fazer escolhas mediante os mecanismos disponíveis para realização de cada uma” (CONCEIÇÃO, 2015, p. 102). A pesquisa concluiu que o espaço escolar geralmente é maleável a respeito das ações dos atletas-estudantes, não exigindo tanto desse tipo de aluno em relação aos demais, com exceção das questões de frequência que podem ocasionar reprovações (CONCEIÇÃO, 2015).

Ao não expressar uma harmonia com o sistema escolar e sua suposta função social, os estudantes-atletas passam a ser taxados, como vimos ao longo de todo o capítulo anterior, como “desinteressados”, “dispersos”, “ausentes”, “malandros”, “folgados”, “descompromissados”, “bagunceiros” ou “quietos demais”, e são elevados a um status de carreira que os reconhece como futuras “estrelas” (CONCEIÇÃO, 2015, p. 94).

Seguindo a temática de gestão temporal do atleta-estudante, Soares et al (2010) alertam que, no Brasil, o debate sobre a conciliação entre a escola e a formação de atletas de alto nível nunca teve peso na agenda das federações esportivas, das políticas governamentais e dos sistemas de ensino, pois o máximo que conseguimos foram instituições esportivas tomando iniciativas isoladas em convênios com escolas privadas ou que têm escolas próprias. Apesar disso, os autores alertam que essas experiências são raras e precisam ter seus desempenhos avaliados. Tentando ampliar tal debate, dimensionam e problematizam o impacto temporal que a formação futebolística pode provocar na vida de jovens que, simultaneamente, estão sendo escolarizados, em abordagem descritiva sobre os dados produzidos por entrevistas estruturadas e semiestruturadas com 417 jogadores das categorias de base, inscritos nos anos de 2008 e 2009 na Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro.

A formação no futebol exige extenuante trabalho corporal no aprendizado de refinadas técnicas e táticas esportivas para aqueles que pretendem entrar nesse afunilado mercado. Essa formação pode ser iniciada oficialmente nos clubes de futebol a partir dos 12 anos e pode ter uma duração de até dez anos. Se a formação do jogador de futebol no Brasil exige muita dedicação, o mesmo não pode ser dito sobre a escola brasileira, apesar dos avanços nas últimas décadas (SOARES et al, 2010, p. 4).

Essa pesquisa é interessante pelo resultado que mostra uma contradição quando comparado com outras pesquisas nacionais sobre a temática. Os pesquisadores constataram que os atletas possuem mais escolaridade que a população da mesma idade e que o horário noturno é o preferido entre os futebolistas para a dedicação aos estudos escolares.

Os atletas pesquisados apresentaram (média \pm desvio padrão) $9,5 \pm 1,9$ anos de escolaridade, enquanto a população da mesma idade do Rio de Janeiro

apresenta $6,8 \pm 2,0$ anos (IBGE, 2009). Esses dados por si só não indicam a qualidade de formação escolar dos atletas, entretanto, indicam que os atletas possuem mais anos de escolaridade. Esse dado desconstrói a imagem socialmente partilhada no Brasil que o futebol retira os jovens do sistema escolar ou que eles pertencem às camadas mais desfavorecidas economicamente (SOARES et al, 2010, p. 9).

Klein e Bassani (2014) buscaram apresentar apontamentos teóricos sobre o tema do trabalho na adolescência e suas relações com a formação escolar básica, utilizando especificamente o grupo de jovens atletas.

Os clubes, muitas vezes, acabam deixando de lado esta etapa da formação do sujeito, pois seu dia-a-dia baseia-se também numa busca constante por resultados. O abandono escolar, comum para estes jovens atletas, ocorre por diversas razões, mas, em geral, intensifica-se para os adolescentes acima de 14 anos, justamente a idade em que grande parte deles ingressa nas categorias de base de clubes esportivos, passando a viver longe de suas famílias (KLEIN e BASSANI, 2014, p. 13).

A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, que denunciou o grande impacto que a rotina, nas categorias de base de clubes de futebol, provoca na escolarização básica desses sujeitos, pois, para os autores,

Esses jovens acabam perdendo uma parcela de oportunidades significativas advindas das vivências escolares, entre elas o contato com o saber científico produzido através da instituição formal, as interações sociais com seus colegas, entre outros (KLEIN e BASSANI, 2014, p.12).

Os pesquisadores alertam que o país não oferece políticas públicas para atender esse grupo social que em sua maioria vem das camadas populares e enxergam no esporte uma forma de ascensão social.

Rocha et al (2011) verificou como os atletas conciliam as rotinas de treinamento com a escolarização básica e como os atletas percebem a escola como projeto de ocupação futura. Para isso, os autores realizaram 12 entrevistas semiestruturadas com jogadores das categorias de base (todos entre 15 e 20 anos de idade) de quatro clubes de futebol no estado do Rio de Janeiro. Foram constatadas formas variadas de conciliação entre a formação escolar e a esportiva, com a ressalva de que todas essas formas visam a permanência do atleta no espaço escolar. Entre as táticas mais frequentes estavam as mobilidades entre turnos e estabelecimentos de ensino com o consentimento de seus responsáveis legais. Outro resultado importante da pesquisa foi a percepção, por parte dos autores, de que a preocupação dos atletas está na carreira futebolística, a escola estava em segundo plano.

Além da pressão dos jovens em um mundo marcado pela celeridade, do sonho de enriquecer por meio da profissão de jogador de futebol e dos problemas

estruturais da escola atual, que parece não dar conta dos desejos e necessidades dos adolescentes, cabe ressaltar que outros fatores também poderiam contribuir para o desinteresse pela escola, como a falta de capital cultural dos pais; a falta de tempo para cobrar dos filhos um bom rendimento escolar; as incertezas e exigências cada vez maiores do mercado de trabalho; o apelo midiático e o glamour que envolvem determinadas profissões, como a de jogador de futebol, marcadas pela "aura" do talento e pela ideia equivocada de que não demandam muito esforço; entre outros aspectos (ROCHA et al, 2011, p 256).

Couto (2012), utilizando metodologia ao mesmo tempo quantitativa e qualitativa, investigou a partir das categorias *opressão* e *conscientização*, em Paulo Freire, os processos que se estabelecem na seleção, formação e profissionalização de atletas do futebol brasileiro. A opressão sobre o atleta é constante, e passa desde a submissão dos mesmos a critérios escusos para ascender na carreira, bem como a visão do jogador não como um ser humano, mas como um produto, que possui um valor no mercado futebolístico e pode ser comprado, emprestado e descartado. A pesquisa analisou as escolinhas, tendo como sujeitos os pais, proprietários e alunos na faixa etária de 10 a 12 anos, como também jogadores e ex-jogadores que, na época da pesquisa, jogavam ou haviam jogado em grandes clubes da cidade de São Paulo. O estudo concluiu que a consciência dos sujeitos a respeito da exploração sobre eles não é exterminada, mesmo com a intensa opressão exercida sobre os mesmos.

O reconhecimento da alienação e da exploração capitalista sobre o atleta do futebol não elimina a possibilidade da conscientização e da emancipação; ao contrário, as potencializa, uma vez que, como a bem conhecida narrativa de Hegel sobre o senhor e o escravo, a libertação do último só começa quando ele mesmo se percebe como escravo (COUTO, 2012, p. 144).

Correia (2014) buscou compreender os motivos que levaram alguns jovens a dividir suas rotinas entre a formação escolar e a profissionalização em três modalidades esportivas diferentes (futebol, remo e atletismo) e quais estratégias utilizaram para esse objetivo, além do papel da escola do Vasco da Gama nesse processo de conciliação.

Reconhecendo o esporte como "fio condutor" da nossa história, das nossas representações sociais e analisando sua capacidade de influenciar até mesmo aqueles que procuram se ver alheios à sua prática e conhecimento, compreendi que o esporte significa uma importante janela para a compreensão da sociedade brasileira (CORREIA, 2014, p. 15).

O autor se valeu de referencial teórico-metodológico pautado nos conceitos de projeto individual, *campo* e *habitus* de Pierre Bourdieu e realizou um *survey* com 180 alunos matriculados na escola Vasco da Gama, cerca de 88% dos discentes dessa

instituição no período de realização da pesquisa. Correia (2014) constatou que a escola do Vasco da Gama executa papel importante no processo de conciliação das rotinas dos atletas que estudam e que cada modalidade, por possuir configuração própria, carece de estratégias diferenciadas para conciliação dos atletas-estudantes entre a rotina escolar e a profissionalização esportiva.

O colégio do Vasco da Gama também é um importante instrumento para aqueles que têm um projeto exclusivamente esportivo e muitas vezes veem a escola como um empecilho a essa profissionalização. O clube e os responsáveis pela administração sabem que a prioridade dos atletas é a formação profissional, e o colégio existe justamente para escolarização desses jovens, por isso a instituição busca não reter facilmente os alunos, a não ser em situações de completa insuficiência de rendimento e presença. Através dos mecanismos de flexibilização já referidos anteriormente, aliados aos trabalhos, às avaliações de recuperação e às pontuações extras para aqueles que não conseguem, o colégio acaba promovendo esses alunos para as séries adiante (CORREIA, 2014, p. 234).

Essa ideia do colégio próprio do clube tem que ser vista com cuidado. Se as escolas regulares não oferecem flexibilidade para os atletas-estudantes, recomendamos cautela para que a permissividade dos colégios tutorados por clubes não seja aceita e normalizada, visto que isso é utilizar a rotina específica dos jovens atletas para reduzir o espaço escolar à mera fábrica de diplomas, e não de formação integral.

Enquanto isso, Couto (2016) demonstra experiência portuguesa desenvolvida pelo Departamento Pedagógico do Futebol Clube do Porto para gerenciar a educação dos atletas das categorias de base do clube a partir de sua equipe multidisciplinar. Nessa pesquisa, o autor lança importantes questionamentos que geralmente ficam em segundo plano nos trabalhos dentro dessa temática:

Quais as responsabilidades que devem realmente ser atribuídas aos clubes, já que os mesmos lucram milhões em negociações envolvendo os jogadores? Qual a colaboração que os clubes têm realizado em níveis sociais, culturais e educacionais na vida dos jogadores que pertencem as suas categorias de formação de base? (COUTO, 2016, p. 18).

O autor realiza esses questionamentos tendo em vista tudo que os jovens atletas devem abdicar para buscar a profissionalização no esporte. Para analisar como o Futebol Clube do Porto gerenciava as atividades escolares e esportivas, a produção dos dados consistiu em entrevistas semiestruturadas aplicadas aos jogadores da categoria sub-17, além de profissionais do clube nos setores técnicos e pedagógicos e pais dos referidos jogadores. Tais entrevistas resultaram em 13 categorias a partir da análise de dados. A pesquisa concluiu que os atletas das categorias de base recebem boa estrutura do Futebol Clube do Porto para conciliar suas atividades escolares e

esportivas, acarretando na noção de responsabilidade que esses jovens atletas possuem simultaneamente com a formação escolar e a formação esportiva, apesar dos desgastes físicos dos treinamentos e da dificuldade de conciliação do tempo.

Entrando, no campo de estudo a respeito das vivências do ex-atleta durante a aposentadoria, Agresta et al (2008) tiveram como objetivo pesquisar como ex-atletas profissionais de várias modalidades, inclusive do futebol profissional, viveram esse fim da vida profissional incluindo as características físicas e emocionais de tal processo.

A forte identidade atlética apresenta importante impacto na natureza da transição de carreira para adaptação a um novo estilo de vida, ou seja, atletas fortemente identificados com a figura de esportista podem vivenciar o momento do término de carreira com uma mudança de identidade. Nesse caso, ocorre a perda da valorização pessoal e aparecem dificuldades de adaptação para o desempenho de outros papéis sociais não-relacionados ao esporte, já que esses não foram exercidos durante a carreira no esporte (AGRESTA et al, 2008, p. 507).

Os pesquisadores avaliaram 79 ex-atletas de alto nível, a partir de uma entrevista semiestruturada, do sexo masculino, que pertenciam a duas modalidades esportivas: futebol e basquetebol. Observa-se na conclusão desse estudo que os sentimentos vivenciados pelos atletas foram, em sua maioria, de tristeza e conformismo, além de uma piora na condição física na vida pós-carreira esportiva.

Contribuindo com essa temática, Barros (2007) realizou rica revisão bibliográfica a respeito da abordagem que a Psicologia do Esporte tem sobre a transição na carreira esportiva, assim, a obra possui alguns modelos conceituais das fases de vida na carreira esportiva. O trabalho concluiu que a atuação do psicólogo do esporte é ainda pouco desenvolvida, e de escassa referência bibliográfica.

O fenômeno da transição na carreira esportiva é um tema que ainda necessita de muitos estudos e atuações práticas dos psicólogos do esporte. Apesar da escassa literatura a respeito, existe consenso em alguns apontamentos e discussões realizadas por diversos autores. O primeiro ponto importante a ser considerado é a ausência de artigos que tratem especificamente da transição na carreira esportiva em periódicos importantes para os psicólogos do esporte e educadores físicos em geral (BARROS, 2007, p. 19).

Costa et al (2010) investigaram de forma retrospectiva, os principais aspectos relacionados à cada fase de transição da carreira esportiva de ex-atletas de futebol. Eles aplicaram questionários semiestruturados com 25 ex-atletas de futebol que atuaram em grandes clubes brasileiros e que no período de realização da pesquisa residiam em Belo Horizonte. Costa et al (2010) constataram que durante as fases de desenvolvimento, o apoio da família, as dificuldades encontradas para a continuidade da

prática e a preocupação com o planejamento da carreira esportiva foram destacadas como importantes no processo de desenvolvimento esportivo.

Destaca-se a preocupação que os atletas apresentaram em relação ao planejamento de suas carreiras, em como as mesmas deveriam ser conduzidas. Tal preocupação se deu, em parte, pela despreocupação dos atletas em relação à vida acadêmica, dessa forma, o futebol era visto como uma esperança de tentar reverter a realidade financeira das famílias em que alguns desses atletas estavam inseridos (COSTA et al, 2010, p.98).

Os autores asseveram que o desenvolvimento da carreira dos atletas foi assistido, em todas as fases, pelo apoio (financeiro e / ou motivacional) de suas famílias. Deve-se ressaltar que nessa pesquisa os principais motivos citados para o término da carreira esportiva foram as lesões, a idade, a necessidade de cuidar da família e a falta de motivação.

Finalizando, Samulski et al (2009) realizaram levantamento a respeito do ciclo de carreira dos atletas até a aposentadoria em seis atletas de diferentes modalidades esportivas.

Utilizando este tipo de método de estudo é possível avaliar as características da transição que incluem a duração da carreira esportiva, as mudanças de posição social, o grau de estresse, os desafios enfrentados e a percepção de estresse no momento de transição (SAMULSKI et al, 2009, p. 86).

Para os autores, a justificativa de estudar o que leva os atletas a se retirarem do esporte é indicar caminhos que minimizem os transtornos que a aposentadoria provoca nos atletas e entender como se dá o processo de transição na carreira esportiva. Segundo a pesquisa, existem dois tipos de carreira no futebol.

Distinguem-se dois tipos de carreira no futebol, as que se encerram de forma precoce, como por exemplo, atletas acometidos de graves lesões, e as extensas, caracterizadas por atletas que se aposentam próximo dos 40 anos de idade (SAMULSKI et al, 2009, p. 86).

É uma pesquisa de abordagem qualitativa que fez uso de entrevistas retrospectivas semiestruturadas. Samulski et al (2009) detectaram que as carreiras tiveram seus encerramentos de forma planejada, e que o apoio da família foi determinante para a permanência no esporte. O levantamento realizado auxiliou nos ajustes da pesquisa. Debruçar sobre as peculiaridades dos profissionais do esporte nos revelou a complexidade de trabalhar com esse grupo social. Características dessa revisão bibliográfica merecem ser estudadas.

Um grupo de pesquisadores chama a atenção por conta do vasto material produzido e publicado sobre a temática. Atualmente é improvável falar da relação entre

jogadores de futebol e escolarização sem citar algum trabalho de *Antonio Jorge Gonçalves Soares*, *Leonardo Bernardes Silva de Melo* e *Tiago Lisboa Bartholo*. Em qualquer plataforma digital em que essa temática seja abordada, esses nomes certamente irão aparecer, e juntos provavelmente. Tal fato talvez se deva aos projetos de pesquisa que integraram; *escolarização e formação esportiva de jovens futebolistas e suas variações (formação e escolarização de atletas de futebol no estado do Rio de Janeiro e profissionalização e escolarização de jovens futebolistas na Espanha)*. Aconselhamos que os interessados pela temática apreciem os produtos desses projetos de pesquisa, foram 09 artigos produzidos.

Também é perceptível a falta de produção amazônica sobre a temática, mas isso se tornou lugar comum. Muitas pesquisas realizadas na região alegam que a produção científica é escassa, apesar do grande esforço nos últimos anos para desenvolver a pesquisa e a pós-graduação nessa área. Parece que ainda não temos o resultado desses esforços e a Amazônia continua sendo uma das regiões menos analisadas pela comunidade acadêmica no âmbito das ciências humanas, se comparada a outras localidades do Brasil.

3 RELATOS SANTARENOS: RETRATOS SOCIOLÓGICOS DO INTERIOR DA AMAZÔNIA

Alguns nomes de pessoas, lugares e instituições foram alterados para encobrir a identidade dos participantes da pesquisa. Os termos fictícios estão com o sinal de asterisco (*) no primeiro momento em que aparecem.

3.1 DAVI

“A Fazenda Verde* antigamente vivia na lamparina, não tinha energia elétrica. As casas todas de barro. Era um lugar bem simples, mas era uma vida feliz”.

É assim que Davi* se refere à comunidade quilombola onde nasceu e passou parte da infância, no interior do município de Santarém. Filho de agricultor e pescador com pouca educação formal (“lá meu pai cuidava da roça, plantava melancia, pescava [...] parece que ele estudou um pouquinho, se ele estudou foi até a segunda série”) e de uma camponesa analfabeta, Davi começou seus estudos na escola de sua comunidade, que segundo ele, “atualmente está bonita, mas na minha época era apenas uma salinha”. Recorda-se que enquanto morou lá, ele e sua família eram católicos, algo que mudou posteriormente.

Em um momento da entrevista, ao lembrar de seu pai, comentou sobre a fama dos pescadores e suas histórias: “meu pai até hoje ele tem tantas histórias, o dia que você quiser saber dessas histórias de quilombolas pode procurar ele, minha família toda é quilombola”. E apesar do tempo passado, nosso entrevistado ainda se recorda do procedimento para chegar na zona urbana do município.

Não tinha ônibus naquele tempo, a gente acordava às 4 horas da manhã e andava 7 quilômetros naquele frio da madrugada até chegar em outra comunidade onde a gente pegava o Pau-de-Arara que ia para a cidade. Era meio desconfortável, muito buraco na estrada, e como eu era jovem, muitas vezes vinha em pé, tinha que dar o lugar para os mais velhos, sem contar que a gente se sujava muito com tanta poeira, chegava na cidade parecia que nem tinha tomado banho. Mas as pessoas eram obrigadas a fazer isso, tinham que fazer compras, consultar o médico...

Objetivando melhores condições de vida para a família e o acesso dos filhos a escolas mais estruturadas, os pais de Davi se mudaram para a zona urbana de Santarém. Ao chegar na cidade, a família se instalou numa casa de madeira na periferia, que pertencia à familiares que também vieram da comunidade de *Fazenda Verde* (inclusive Davi alega que esses são os parentes com quem tem mais afinidade até hoje), incluindo seu primo Michael*, que teve papel fundamental em sua carreira esportiva.

Quanto à educação formal, chegou na cidade e encontrou estrutura pouco diferente do que existia na sua antiga comunidade. A escola em que fora matriculado, próximo a sua casa, possuía uma estrutura simples e cadeiras de madeira em uma rua que sequer era asfaltada. Apesar das condições, foi nessa escola que conheceu um professor de Matemática com quem sempre se identificou por ter boa aptidão para os números (“foi um cara que me ajudou muito, me incentivou, ele falava “olha, Davi, dá para ser professor de matemática”).

Quando questionado sobre as melhores lembranças que tem da vida escolar, recorda que ver sua aprovação na entrega de resultados ao final do ano letivo era sempre o momento especial (“você vê que está aprovado, esse é a melhor coisa, porque não é fácil, mas você passou”).

Durante sua infância e adolescência em Santarém, Davi já vivenciava a relação com o futebol, visto que sua família sempre foi apaixonada pelo esporte, tendo vários parentes próximos, inclusive mulheres, que foram jogadores (as) de times amadores locais (“a minha infância aqui sempre foi estudar e jogar futebol. Eu brincava na rua no time da minha irmã, aqui de Santarém. Ela gostava muito de futebol, chegou a jogar também.”)

Davi começou a jogar no time amador que sua irmã administrava na periferia da cidade. Além disso, ele treinava em uma escolinha de futebol do bairro (“essa escolinha já existia há muito tempo. Eu treinava, ia para o colégio, então foi um começo, como a base para poder engrenar, sair daqui e conquistar meus espaços fora”). Davi recorda que sempre teve apoio dos familiares, até porque a maioria estava envolvida diretamente com futebol (“a maioria dos meus irmãos foi jogador amador, teve um que jogou no São Raimundo, São Francisco, chegou a ir pra Belém”).

É óbvio, poxa, quem não quer que um irmão seja um jogador reconhecido, famoso? Então você vai ter esse apoio da família. Isso é bom porque a família é a parte principal de tudo, se você não tem esse apoio você acaba destruindo com sonho de uma família, de um irmão, daquilo que se quer conquistar. Quando você tem um apoio da família se torna muito mais fácil.

As cobranças a respeito do comportamento de Davi perante os outros membros da comunidade caracterizam grande parte da sua educação informal durante a infância e a adolescência, bastante pautada nos princípios comunitários eclesiais de respeito e colaboração (a referência a Deus é uma constante na fala do entrevistado). alega que sempre teve bons relacionamentos por onde passou, fosse em casa, na escola ou nos vários clubes onde transitou e credita essa característica à educação

que recebeu em casa, pautada nos valores cristãos (“sempre tive uma boa relação com todo mundo [...] nós sempre fomos uma família cristã porque nunca gostamos de festa, de beber, de sair, somos muito reservados. Por isso que hoje a gente tem uma família muito unida).

explicou que depois de um tempo trabalhando como empregada doméstica para ajudar no sustento da família, sua mãe passou a se dedicar à casa e aos filhos, permitindo que cobrasse Davi a respeito das atividades escolares e da colaboração nos afazeres domésticos.

Minha vida na adolescência não era difícil, sempre tive uma liberdade da minha mãe, mas com responsabilidade. De manhã eu estudava, depois tinha Educação Física no colégio, fazia as obrigações em casa, por exemplo: “hoje é dia do fulano lavar a louça, de varrer a casa”. Ela sempre ensinou essas coisas para mais tarde a gente poder viver sozinho. Eu tinha horário de brincar, de jogar. Ela falava a hora para estar em casa. Era muito cobrado também o horário de estudar em casa.

Atualmente, a mãe de Davi continua aplicando o mesmo acompanhamento escolar com sua neta, filha de Davi com ex-esposa (“cobra até da minha filha que mora lá com ela, quer ver o caderno, o que é que a professora está passando”). Segundo o participante de nossa pesquisa, essa obrigação era constante (“saber se a gente estava estudando mesmo, ligava para o colégio, mandava estudar, depois estava liberado para brincar, para jogar bola, para sair”).

Davi tem 11 irmãos, sendo 7 homens e 4 mulheres, e vários primos que sempre praticaram o esporte com ele. Aliás, foi através de um deles que iniciou a busca pela profissionalização no futebol. Certo dia, Michael, seu primo que jogava em um grande clube da cidade de São Paulo, ligou para ele perguntando se queria ser jogador profissional de futebol (“eu disse *óbvio, que eu quero, é isso que quero para mim*”).

A adaptação na metrópole não foi fácil. Passou as dificuldades que qualquer jogador comum enfrenta, principalmente os advindos do interior do Pará, e que partem em direção a uma capital como São Paulo (“é algo totalmente diferente, é outro mundo, é outra vida”). Ele, aos 17 anos, questionava a Deus o motivo de estar tão longe de sua família e demorou a se adaptar ao novo estilo de vida (“você olha aquela imensidão, um monte de gente numa correria danada”). A temperatura paulista também incomodava o entrevistado (“muito frio, frio demais. Eu só pensava em voltar”).

Quando questionado sobre o motivo que não o fez desistir, o mesmo indicou a vontade de seguir no sonho do futebol (mesmo com as dificuldades, com os problemas, era isso que eu queria”) e a base familiar que sempre o incentivou e ajudou

(“graças a Deus sempre tive força da minha família, sempre teve o apoio e com isso eu fui vencendo cada etapa”).

Apesar da formação católica, durante sua estadia em São Paulo, Davi passou a frequentar a igreja evangélica. Posteriormente sua família também aderiu à conversão evangélica (a minha família também conheceu Jesus e o aceitou como o senhor e salvador da sua vida”).

Davi conseguiu se inscrever e ser aprovado em uma peneira³ para uma equipe do interior de São Paulo, mas conta que o processo era bem diferente do que o realizado na atualidade, pois teve que viajar para o clube e jogar perante os avaliadores (“hoje trabalham mais com DVD, vídeo. Claro que vai ter o teste, mas eles perguntam logo pelas gravações”). Segundo Davi, os avaliadores pesquisam o histórico do garoto, à procura de características que auxiliem o treinamento em campo (“procuram má conduta, porque hoje a primeira coisa que cobram do jogador é disciplina”).

Outro requisito essencial da carreira futebolística, segundo Davi, é a determinação. Isso porque durante as seletivas, há pouca empatia dos dirigentes dos clubes com a situação dos garotos, acarretando que os jovens jogadores muitas vezes se encontram em situações adversas durante as *peneiras* (“não queriam saber se você estava bem fisicamente, se você estava bem alimentado” “Você tinha que chegar lá e dizer é *isso que eu quero*, encarar e fazer do jeito que estava mesmo”). Segundo ele, isso diferencia os garotos que realmente desejam prosseguir na profissão, pois muitos, ao passarem por situações como essas acabam ficando meio tímidos, querem voltar para as suas famílias, principalmente os que foram criados em cidades pequenas e médias, como era o seu caso.

Apesar das dificuldades, conseguiu ingressar como juvenil no clube do interior paulista, onde passou uma temporada. Em seguida, se profissionalizou em um clube do interior mineiro, também ficando lá uma única temporada, pois foi contratado por outro clube, desta vez no sul do Brasil, na sequência de sua carreira.

A trajetória no futebol é uma coisa assim... às vezes você está aqui no clube e daqui a uns dias você pode não estar mais... mas esse prazo pra você sair de um clube pro outro às vezes ele demora, é verdade. Você já está com contrato feito por outro clube, mas o atual não libera, então tem toda essa dificuldade. A gente fica até parado.

³ Seletiva na qual os clubes decidem quem serão os novos jogadores da base da equipe. Apesar de ser mais conhecido pelo seu uso no futebol, o mesmo processo e o mesmo termo são utilizados em vários outros esportes.

Em um desses períodos em que esteve parado, quando ainda em São Paulo, Davi fez um curso de Informática, acreditando que isso o ajudaria na recolocação profissional (“fiz para arranjar um emprego melhor, porque hoje tudo é no computador. Tenho até o certificado”). As indefinições a respeito da carreira esportiva (“minha carreira sempre foi meio esquisita”) faziam Davi retornar para Santarém, onde seus conhecidos o aconselhavam que voltasse a estudar (“nunca foi meu forte”), mas o mesmo relata que o estudo não tinha muito sentido, pois não conseguia se visualizar enquanto profissional fora da área futebolística (“eu nunca pensei assim: vou estudar para ser professor, advogado. Nunca pensei em estudar enquanto jogava. Jogar. Meu foco era só jogar”).

Nos clubes em que atuou, o período de adaptação era um pouco demorado, e comparou a chegada de um jogador em um clube com a chegada de um aluno novato em uma escola (“é igual chegar em um colégio novo, conquistar as amizades leva um certo tempo”). Segundo o entrevistado, a confiança é algo que vai surgindo naturalmente, desde que o jogador se esforce, até porque ser tímido não auxilia na carreira do jogador profissional, quem pretende seguir na carreira deve ser sociável.

Sempre tive uma relação boa com os outros então não tive problema, nunca tive conflito porque eu sempre fui evangélico, então a criação dos pais e da mãe ela é parte fundamental para que você se torne uma pessoa bem recebida onde quer que você esteja.

Davi construiu suas melhores lembranças da carreira esportiva jogando em um dos maiores clubes do sul do Brasil. Viajou com muito conforto para diversos lugares, era tão bem tratado tanto no clube quanto nos hotéis e estádios que se sentia um soberano (“você é quase rei”). Em uma das temporadas pelo clube, fez parte da campanha que culminou no título da segunda divisão do campeonato nacional, ajudando a equipe a retornar à elite do futebol brasileiro.

Em meio a tudo que acontecia no setor profissional de sua vida, Davi nunca perdeu contato com as suas raízes interioranas (“sempre me relacionei com a Fazenda Verde” “fazíamos todo ano o jogo da família. Aliás, fazemos até hoje”). O jogo da família é um evento realizado anualmente. Como visto anteriormente, a família de Davi está dividida em duas partes, uma que continua em seu local de origem, a comunidade quilombola de Fazenda Verde, e outra que migrou para a cidade. Ao final de cada ano, os parentes de cada região se enfrentam em um campo de futebol na

Fazenda Verde, sempre com muito respeito e amizade, pois o jogo é apenas um pretexto para uma festa de reencontro entre os parentes. Ele participava desse evento mesmo quando morava no sudeste brasileiro.

Todo ano quando eu vinha de férias do clube eu participava do jogo da família, que existe até hoje. Existe uma rivalidade entre os times e sempre vai existir, mas é gostoso estar em família, comemorando, não tem confusão, não tem briga.

De fato, Davi aparenta personalidade amistosa, de fácil convívio. Essa característica refletia na estadia em clubes por onde passou, pois observa que, apesar de não ter contato com nenhum dos jogadores que foram seus colegas de trabalho, nunca teve problema de relacionamento, seja com jogadores, técnicos, roupeiros, gandulas, médicos, entre outros... Ele também recorda com bom humor os momentos divertidos com um dos seus colegas de quarto, que atualmente é jogador na Espanha.

Sempre tive um relacionamento muito bom com ele, era meu parceiro de andar pelo shopping, de sair por aí. Ele estava no primeiro carro dele, aprendendo a dirigir e dizia: Bora, Davi? Eu corajoso dizia: Bora!.

Sobre a relação entre a escola e a carreira dos jogadores, Davi explica que as bases juvenis das equipes sempre incentivam a estudar, até porque é obrigatório (“então quando você passa no teste eles vão te colocar no colégio”). Segundo nosso entrevistado, um dos primeiros itens requeridos é o histórico escolar (“lembro que só no juniores faziam isso, no profissional não lembro de ninguém”). Para ele, as condições hoje em dia são mais favoráveis para quem planeja estudar e treinar, principalmente se for da base de um grande clube.

O estudo hoje é mais interessante para o mundo do futebol. Esses clubes grandes muitas vezes já têm faculdade para o jogador da base sair dali com uma profissão, mesmo se ele não engrenar no futebol. Antigamente você treinava de manhã, de tarde, e à noite você ia para o colégio. Hoje é obrigatório, há pouco tempo estava com um jogador lá da base do Coritiba e ele estudava. Já o profissional não, porque eles têm muita competição, então eles não têm tempo para estudar. Apesar que atualmente muitos jogadores tem diploma universitário, mas só conseguiram depois que estabilizaram a carreira no futebol.

Davi destaca a oportunidade de jogar na Europa frustrada pelo seu empresário como o pior momento de sua carreira (“quando reflito sobre tudo aquilo que passei, querendo ou não, eu me entristeço um pouco”). O que aconteceu foi o seguinte: Davi, em 2006, após dois anos jogando em clubes da região sul do Brasil, foi chamado para fazer testes em um clube polonês. Lá permaneceu durante 21 dias (o prazo máximo para um imigrante não precisar de visto) e foi aprovado pelos avaliadores com uma

condição: assinaria primeiramente um contrato menor de 6 meses, onde continuaria sendo avaliado pelo clube, integrando o time de reservas. Ele estava satisfeito e era a favor do acordo (“fiquei tão feliz com aquilo que até perdi a noção”), via aquele contrato como a chance de se estabilizar na Europa e prover conforto para sua família. No entanto, a negociação foi cancelada pelo seu empresário, que não aprovou a ideia de um período curto para seu cliente na Polônia (“aquela chance toda foi embora por causa de uma ignorância do meu empresário”).

Durante sua carreira como jogador, não pensava muito em sua vida fora dos gramados (isso incluía a escolarização). Assim, suas principais preocupações profissionais eram: conseguir posição em um grande clube do Brasil ou da Europa, e ser convocado para a seleção brasileira (ele fez parte da seleção de *juniores*).

O jogador profissional ele não pensa no fim da carreira, no que ele vai fazer se não der certo. O primeiro objetivo era conquistar exterior, seleção, eu não imaginava o depois.

No entanto, admite que recebeu conselhos a respeito do futuro e que frases como “carreira no futebol é muito curta” eram uma constante, advindas principalmente de amigos fora do mercado futebolístico (“jogador de futebol quanto mais ganha, mais quer gastar”). Embora Davi recorde que trabalhou com alguns jogadores mais experientes que conseguiram estabilidade fora dos gramados, por meio de investimentos que aconteciam principalmente em imóveis (“já eram muito experientes, tinham passado por muitos clubes, então o salário deles era muito maior”). Quando questionado sobre ter planejado ou não algum investimento, explicou entre risos que nunca conseguiu dinheiro suficiente para investir. Outras ideias frequentes entre os jogadores é continuar trabalhando com futebol após o fim da carreira como jogador. Alguns pensam em ser treinadores, preparadores físicos, professores de escolinhas, mas Davi alegou que não pensava nessas funções pós-carreira de jogador.

No retorno da Polônia, Davi fez teste para um dos grandes clubes da capital paulista. Nessa época, ele já possuía um DVD com os seus momentos de destaque em campo. Esse DVD foi assistido pelos avaliadores do clube, que gostaram de imediato do jogador, e questionaram se ele estava fora de alguma equipe por ser indisciplinado, já que essa era a única explicação para um esportista daquele nível estar sem jogar. Assim, foi convocado para se apresentar ao clube em uma segunda-feira,

onde assinaria o contrato. No entanto, em um jogo amistoso na várzea⁴ realizado no domingo, véspera da apresentação e assinatura de contrato, Davi rompe um ligamento no joelho.

Não fui mais, eles me ligaram perguntando porque eu não havia me apresentado ao clube, mas eu fiquei até constrangido em responder porque jogador profissional não pode participar de jogo amistoso por aí, você não pode sair do clube para jogar porque se eles descobrirem você perde seu contrato e é como uma firma em que você trabalha, se você está fazendo coisa errada, você não tem direito nenhum. Então depois que aconteceu aquilo tudo eu peguei minha mala e fui trabalhar na 25 de março com os meus amigos.

Enquanto estava em São Paulo, Davi morava em uma casa onde viviam três irmãos maranhenses que conheceu por intermédio do primo Michael. Todos trabalhavam na *avenida 25 de março*, referência nacional em comércio de rua. Ele conta que foi fácil aprender a vender, bastava estudar o material (“eu vendia DVD pirata, brinco, bicho de pelúcia”). Davi, na época envolvido com comércio ilegal, relata que era lucrativo trabalhar na 25 de março, pois era muito frequentado, algo que mudou na atualidade (“vendia muito bem, hoje não vende mais porque tiraram todos os camelôs da 25, não pode mais”).

Quando questionado por sempre buscar trabalho voltado ao comércio (“vender é fácil, o ruim é receber”), Davi explica que aprendeu a se comunicar enquanto era jogador de futebol por meio da experiência, não recebeu nenhum tipo de treinamento para lidar com o público (“tem que dar entrevista, tem que atender torcedor”). As únicas instruções que eram passadas vinham de colegas de campo mais experientes.

Eles falavam assim: olha Davi, se for dar entrevista tem que ter muito cuidado no que você vai dizer, principalmente com o torcedor porque querendo ou não são eles que estão ali incentivando, então tem que saber atender, dar atenção.

Havia toda uma preparação pessoal para o futuro relacionamento com a imprensa. Ele constantemente se visualizava dando entrevista para os repórteres, imaginando como explicaria cada situação. Nesse exercício, aprendeu a ser carismático, que para ele, é função essencial aos vendedores bem-sucedidos (“para ser vendedor, tem que estar com sorriso no rosto, mesmo se estiver com dificuldades”). O papel da sua família nesse processo também foi importante, pois sua criação foi pautada no respeito pelos outros (“São Paulo é um lugar onde você tem que respeitar os outros,

⁴ Futebol amador praticado com pouca estrutura, geralmente organizado por amigos. Prática muito comum nas periferias do Brasil. Não confundir com os terraços fluviais periodicamente alagados da região amazônica, embora o Futebol de Várzea também seja comum nas comunidades da várzea amazônica.

aprender a conviver com pessoas diferentes, tudo isso minha criação me deu”) e na extroversão (“sempre fui um cara sorridente, brincalhão. Minha família é assim, isso conquista as pessoas”).

Davi sempre teve apoio de toda sua família para prosseguir no futebol, no entanto, o incentivo principal vinha de seu pai, talvez por conta de sua relação com o esporte no passado (“meu pai também foi jogador de futebol amador”). Ele recorda que em vários momentos, frustrado com os rumos de sua vida profissional, pensou em desistir (“quando eu voltei dessas longas viagens eu falei: não quero mais saber de futebol, vou trabalhar”), mas permaneceu após ouvir os conselhos do pai. Foi ouvindo esses conselhos que aceitou o convite para retornar a sua terra natal, jogando por um clube da cidade, após ter trabalhado como autônomo na *25 de março* durante quase dois anos.

Alguns anos após retornar ao clube santareno, encerrou a carreira por uma lesão que lhe traz sequelas até hoje (“no fim da carreira aparece tudo que é problema, você não consegue mais treinar, começa a ser rejeitado e percebe que as coisas chegam ao fim”). Ele relata que ao se dar conta da proximidade do fim da carreira que tanto sonhou, encontrou conforto na espiritualidade.

Eu sempre orava muito pra Deus, pedia para que eu não ficasse frustrado quando tivesse que encerrar a carreira, com ressentimento que pudesse atrapalhar toda minha vida. Pedia que eu tivesse forças para poder trabalhar, para poder viver, porque é triste ver que aquilo que você tanto sonhou, que é tão gostoso, está acabando.

Essas angústias foram superadas pelo ex-jogador, que atualmente busca estabilizar sua vida através do trabalho, da família e da igreja.

Sou solteiro, mas moro com minha filha. Moramos com minha mãe, meu pai e mais 3 irmãos. Vou sempre à igreja dia de domingo, à célula⁵ na quarta-feira, graças a Deus. Vendo minhas coisas na Fazenda Verde e assim vou vivendo.

Ele continua atuando como profissional autônomo, comprando alimentos na cidade de Santarém e revendendo os mesmos em sua comunidade de origem (“gosto de ser autônomo, de trabalhar para mim”). Ele ingressou no ramo através de um amigo que trabalhava em um açougue, e que viu a possibilidade de lucrar fazendo esse intermédio entre o campo e a cidade. O convite foi feito à Davi, quando seu amigo percebeu que ele tinha vocação para o comércio (“eu sempre ia em São Paulo comprar

⁵ Encontro religioso semanal.

roupa para revender aqui na cidade”). No entanto, atualmente Davi atua sozinho, pois seu amigo perdeu o interesse no negócio.

Davi sentiu muita dificuldade no início do empreendimento, por conta de não ter avançado nos estudos. Ele não conseguia administrar as finanças, elaborar um planejamento de compra e venda, tinha dificuldades até para se comunicar com os vendedores (“como não tive estudo, foi difícil. Mas com o tempo a gente vai aprendendo, o fato de ter sido jogador e vendedor na 25 de março deixava menos complicado, porque me deu uma certa atitude”).

Atualmente, a rotina de Davi consiste em planejar seu trabalho semanal (“saber o que está faltando lá na comunidade, comprar os produtos, revender”). Por conta de uma lesão na perna, não pode mais jogar futebol (até amarrar os sapatos é difícil”).

Eu machuquei no último clube em que joguei, e ao invés de me tratar, continuei jogando bola, jogando em várzea, fui extrapolando. Tinha um doutor que me tratava, agradeço a Deus pela vida dele. Ele sempre insiste: vai lá no consultório, quero tratar você! Eu nunca mais fui. Tenho orado muito para Deus, para que eu possa jogar pelo menos o jogo da família desse ano.

Quando questionado sobre plano de saúde, Davi respondeu que não possuía, e que o médico que tratava de sua perna não cobrava pelo tratamento (“nem tomo remédio, meu plano de saúde é só Jesus”).

O lazer de Davi possui muita dependência da zona rural (“os amigos que tenho aqui em Santarém são do interior”), pois constantemente vai visitar algum parente no interior, pescar, passear na fazenda de algum conhecido e disse que o fato de ter sido jogador de futebol nunca fez com que ele fosse tratado de forma diferente (“todos eles conhecem minha história, mas sempre me trataram como qualquer pessoa da família. Eu também nunca me achei melhor que ninguém”).

Davi é associado ao sindicato rural do município, pois em parceria com seu irmão, adquiriu um terreno em uma comunidade (“a gente quer fazer um roçado, trabalhar lá”). nunca possuiu cargo no sindicato (“só participo das reuniões mesmo”). Nosso entrevistado acredita que poderá se aposentar pela associação, pois paga uma taxa mensal e já viu outros integrantes se aposentarem como produtores rurais.

Davi indica que chegou a pensar nos estudos várias vezes depois que encerrou a carreira esportiva (“já me incentivaram, acho que seria bom para mim”). No entanto, o mesmo se sente desestimulado quando vê seu irmão e seu sobrinho chegando em casa com vários livros e apostilas (“essa vida não é para mim, não tenho paciência para isso”).

Davi incentiva que os jovens que sonham com a carreira do futebol também valorizem a escolarização:

Futebol é uma carreira curta, é raro você dar a sorte de ser um Neymar, a chance de você se frustrar na carreira é grande. Tem que ser jogador, mas tem que ter uma boa formação também. As coisas hoje em dia não estão fáceis nem para quem está formado, imagina para quem não está.

Davi não vê diferença entre os jogadores que estão ou não dentro da sala de aula (“acho que não afeta o rendimento em campo, vai da vontade de cada um”).

Apesar de tudo que passou, ele se mostrou grato pelo que viveu (“eu era um moleque do interior, saí de lá para conquistar tantas coisas... Foi bom demais”). Nosso entrevistado constantemente agradece a Deus, por Ele ter permitido todas essas oportunidades.

Meus parentes lá da comunidade têm jornais, têm revistas comigo. Tem imagem registrando o que conquistei. Não cheguei a ficar rico, mas tenho uma boa história para contar.

3.1.1 Trajetória educacional e inclusão social de Davi

De uma maneira geral, a trajetória educacional de Davi é marcada por elementos informais, que afetam inclusive sua atual ocupação no mercado de trabalho. sua família, muito ligada ao esporte, influenciou sua trajetória profissional. Davi alega trazer da criação familiar o carisma e da criação religiosa e da estadia em São Paulo o respeito pelas pessoas. Ele aprendeu a se comunicar profissionalmente com jogadores mais experientes enquanto mentalizava dar entrevistas para a imprensa e a vender na prática, enquanto trabalhava com seus amigos na rua *25 de março*.

Apesar de enfatizar suas habilidades de comunicação, Davi reconhece que a comunicação e o carisma tradicional não foram suficientes para administrar sua empreitada mais recente, a revenda de carnes para sua comunidade. Nessa ocupação, de onde tira seu sustento, aprendeu a se comunicar com os fornecedores na prática, na experiência, e acredita que ter frequentado a escola tornaria essas experiências menos complicadas.

Percebemos no retrato de Davi alguns fatores que podem ter ocasionado desconexão com a educação formal: negro, experimentou a discriminação e desde cedo vivenciou a dificuldade para o acesso aos serviços da cidade e a uma educação de qualidade. Ele e sua família se mudaram para a cidade com a intuito de encontrar melhores escolas públicas, mas isso não aconteceu, pois a escola próxima a casa de

Davi apresentava pouca melhora em relação à que frequentava no interior. Os pais de Davi não tinham significativo grau escolar, fator apontado por alguns pesquisadores da educação adeptos das teorias estruturalistas e funcionalistas como importante para uma relação harmoniosa com o espaço educacional formal.

Não é nosso objeto de estudo verificar tais questões, mas durante a entrevista, fica claro que o espaço escolar/acadêmico não é agradável para Davi, e chega mesmo a lhe causar certa repulsa.

Ainda sobre a questão parental, a mãe de Davi cobrava o desempenho do filho nas aulas, atitude que mudou quando este se tornou jogador de base em alguns clubes de outras regiões do país, a partir de então as pessoas passaram apenas a aconselhar que ele não abandonasse os estudos. Pelo apoio dado por toda a família de Davi, podemos inferir que no Brasil ainda persiste a ideia do futebol como um investimento da família.

Davi apresenta visão pragmática de educação formal. Ela aparece sempre vinculada a alguma profissão ou perspectiva de melhoria financeira; isso fica evidente também quando comenta que só estudou informática básica visando melhorar o currículo. Talvez o único momento em que a educação formal apareça com algum significado seja na relação com seu professor de Matemática, área em que Davi possui habilidade e que utiliza atualmente em seu emprego como autônomo.

Apesar de ter vários parentes que cursam o ensino superior, a inclusão social de Davi pouco está relacionada com a educação formal. Tanto a inserção quanto as habilidades utilizadas no emprego atual derivam de socializações anteriores. Davi pouco se relaciona com as pessoas do meio urbano e quando faz é no campo religioso. Inclusive, ele cuida da saúde pautando-se nos conhecimentos que adquiriu em sua família e na Igreja sobre a fé. Quase tudo que Davi possui na atualidade e a forma como leva a vida é muito inspirada no que viveu fora da escola, com exceção da aptidão para a Matemática, que ele ainda utiliza.

Ainda a respeito da inclusão social, é evidente que no caso de nosso participante ela está pautada na relação com parentes e conhecidos do interior com quem ele já se relacionava antes da carreira futebolística e que as práticas de lazer e de interação se encontram dificultadas pelos problemas de saúde. Davi possui um plano de previdência rural e está pensando em investir na agricultura após ter adquirido um terreno em parceria com seu irmão.

3. 2 CÉSAR

César* passou a infância e boa parte da adolescência no bairro da Consolação*, localidade à beira do rio (“eu não saía das praias”). Foi aí que começou a se relacionar com o futebol, jogando nos campinhos do bairro em todos os fins de semana. Seu pai trabalhou por 25 anos na Companhia Docas do Pará (“ele estava lá desde a construção do cais”) e sua mãe foi uma professora que abandonou a profissão para se dedicar à criação dos filhos.

Ela sempre me incentivou a estudar. Mas sabe como é adolescente, na época eu só queria estar em beira de campo ou soltando pipa. Estudo era terceira opção.

César era um entre os 5 filhos do casal (além de César haviam mais 2 homens e 2 mulheres). Ele lembra que seu pai o ensinou a respeitar as pessoas, a ser humilde, e a não mexer nos itens alheios (“se chegasse com objetos de outras pessoas em casa, ele brigava”). Seu pai havia falecido há 3 meses. Já sua mãe continua viva e, segundo ele, muito sábia até hoje (“todo dia aprendo algo diferente com ela”).

César tem ótimas recordações de seu primeiro bairro, gostava muito de estar com seus amigos em festas locais (“se não tivesse festa em algum lugar a gente fazia a nossa”). Por isso, não aceitou quando seu pai decidiu que a família deveria mudar de casa, para um bairro próximo ao centro da cidade, devido à violência no entorno da residência (“tinha muita briga lá perto, muita confusão”). Quando toda sua família se mudou, ele preferiu ficar morando com um amigo de infância. Apenas algum tempo depois, seus familiares conseguiram que ele mudasse de ideia (“depois eles me convenceram que era bom morar aqui no Bairro do Arcanjo**”). Mas o tempo não o afastou do local de origem.

Até hoje, em alguns finais de semana vou lá, tenho muitos amigos. A gente assa uma carne, toma uma cervejinha, bate um papo lembrando os tempos da infância, da adolescência. Tem coisas que a gente não esquece.

Ele recorda que frequentou apenas uma escola durante toda sua vida (“lá eu cursei da alfabetização ao 1º ano do ensino médio”). As dificuldades financeiras que sua família passou afetavam o desempenho de César em sala de aula de várias formas: faltava dinheiro para farda, para apostilas, para o material escolar. Mas o que mais incomodava nosso entrevistado, era a fome (“eu nunca tinha dinheiro para merenda, um aluno que não está alimentado não rende”). O que agravava a situação era a Matemática (“eu penava naquelas expressões grandes”), por conta da dificuldade

na disciplina, reprovou duas vezes. Em compensação, se sentia confiante em História, Língua Portuguesa e Geografia.

Não tenho muita lembrança da escola, só lembro que eu faltava muito, lembra da recuperação, era cada matéria ruim. Essa parte da minha vida eu não gosto de comentar.

Durante a adolescência, ainda estudando, César começou a trabalhar em uma esquadria de ferro. Conseguiu o emprego por intermédio de seu pai (“ele trabalhava no porto, conhecia muita gente e achava que eu poderia ajudar com as contas em casa”). Entrou como arrumador de ferro e após 5 anos, saiu da esquadria como seralheiro soldador, o maior grau no trabalho de uma esquadria (“só não avancei na empresa por causa do meu problema de visão, que nessa profissão prejudica muito”).

Na esquadria eu serrava, limpava, fazia grade e tinha que fazer os cálculos para não errar o corte do ferro. Pois é, eu não gostava de Matemática, mas na esquadria era diferente, eu usava a trena e me preocupava muito em acertar o corte do ferro principalmente por dois motivos: não podíamos perder a peça, era muito desperdício de material e de tempo, e se desse algum problema depois que o produto fosse entregue ao cliente, um material mal soldado, por exemplo, a culpa ia cair toda para cima de mim.

Sua carreira futebolística começou em Santarém, no ano de 1993. Ele jogava campeonatos de bairros, algo comum antigamente. Certo dia, um olheiro de um clube importante da cidade perguntou se ele não queria fazer um teste na sede da equipe.

Eu hesitei na época, tinha vontade, mas imaginei que seria complicado chegar em um time principal de forma rápida, pois eu já possuía 24 anos de idade nessa época, achei que não teria oportunidade. Esse olheiro, que era alguém ligado à diretoria do clube, disse que se eu jogasse bem, eles dariam um jeito de me colocar.

Nesse período, duas pessoas conversaram com César: o Seu José*, um senhor que possuía um time amador no bairro, (“joguei nesse time várias vezes”); E um professor de Educação Física com quem sempre se identificou.

Quando ele soube que o time estava interessado em mim, veio me aconselhar. Perguntou se realmente era ser jogador profissional que eu queria, falou dos desafios de jogar em um clube que não disputa apenas campeonatos de bairros, explicou como eu deveria fazer na hora do teste...

Seu José mora perto da casa de César até hoje. Atualmente o time dele não existe mais, no entanto, toda vez que ele, Seu José, precisou de algum favor, César nunca negou auxílio (“temos uma boa relação até hoje”), inclusive jogando pelo antigo time de Seu José, agora desativado.

Já o meu professor de Educação Física, que sempre me incentivou, falou também para que eu mudasse meu comportamento. Ele disse que eu tinha

potencial, tinha talento, mas que não podia continuar preguiçoso, indisciplinado. Mas no futebol eu não era assim, tanto que nunca pensei em conciliar futebol com outra profissão, me dediquei apenas ao futebol, os estudos ficaram para trás.

César passou no teste e foi chamado para se apresentar ao clube, que defendeu durante 6 temporadas, mas apenas a última delas não foi como jogador amador⁶. O que ele temia não aconteceu: sempre teve vaga no time e foi muito bem recebido por todos. (“No futebol fazemos muitas amizades. A gente sofre muito, mas também leva amigos para o resto da vida”).

A rotina na equipe era a seguinte: trabalhava de manhã em uma loja de materiais de construção e à tarde treinava no clube. Mas ambas eram administradas pela mesma pessoa. Antigamente em Santarém, na época do futebol amador isso era comum. Geralmente os jogadores possuíam um emprego cedido por alguém da diretoria do clube, onde trabalhavam meio período, e por onde recebiam legalmente o pagamento pelos serviços prestados ao time. Mas isso só foi possível até 1996. Na atualidade, os jogadores de clubes profissionais de Santarém possuem sua carteira de trabalho própria, como manda a lei.

Durante a carreira esportista, César atuou pelos dois principais clubes de Santarém, além de vários times em toda a região norte (“joguei em Santarém, em Belém, Castanhal, Porto Velho”). No entanto, o ex-jogador recorda que apenas uma diretoria comentou algo a respeito da escolarização.

Teve uma vez que o presidente me chamou, perguntou se eu queria continuar os estudos lá em Castanhal. Eu falei que não tinha como eu continuar, queria voltar para minha terra, se tivesse oportunidade em Santarém eu continuaria meus estudos aqui. Mas acho que foi a única vez que comentaram sobre isso, o pessoal só visa o jogador para estar dentro de campo.

César compara a vida de jogador de futebol a uma aventura. Treinava de segunda a sexta-feira pela manhã; no sábado se concentrava para o jogo (“jogador não pode sair, treinar, se divertir no dia da concentração”), finalmente aos domingos acontecia o jogo, e depois disso o ciclo *treino-concentração-jogo* recomeçava. Enquanto foi jogador de futebol, morou com seus pais no mesmo bairro onde vive atualmente (“além dos meus pais, sempre tive comigo muitos amigos e amigas aqui no bairro”), e recorda que sempre teve bons relacionamentos nos clubes por onde passou, principalmente com os roupeiros e massagistas (“se você não tratar bem esses funcionários, você está ferrado porque depende muito deles”).

⁶ Em 1997 o futebol em Santarém foi profissionalizado.

César não se preocupou com a formação escolar (“a gente só pensa em competição, no jogo que vem pela frente. O que vier depois da carreira é lucro”). Porém, lembra que tanto seus pais quanto alguns amigos mais próximos o aconselharam a estudar e a investir o dinheiro que recebeu. Seguindo esse conselho, comprou a casa onde mora com sua família atualmente, mas não conseguiu concluir o ensino médio.

O entrevistado listou várias dificuldades enfrentadas por ele e seus colegas jogadores na época em que atuavam pelo clube, principalmente quando a equipe tinha que se deslocar. Com pouco recurso financeiro, muitas vezes usavam o barco ao invés do conforto e da velocidade do avião, e era difícil encontrar um lugar ideal para treinar (“no hotel que a gente ficava não dava para fazer exercício físico, a gente só esperava a hora do jogo para aquecer”). Soma-se a tudo isso o que sofriam quando chegavam na capital, por serem times do interior do estado (“eles tinham muito preconceito com o pessoal da nossa região”).

César encerrou a carreira esportiva por questões financeiras. Ele já havia investido na casa o que tinha reservado no banco, e faltou dinheiro para sua família (“eu já era casado e tinha duas filhas na época”). Como o futebol deixou de ser algo lucrativo na cidade (“os clubes não pagavam direito mais. Queriam fazer acordo, parcelar, pagavam atrasado”), ele resolveu procurar emprego no mercado de trabalho formal, onde também enfrentou dificuldades para ser contratado.

Não consegui emprego rapidamente. Na época que eu saí do futebol existiam poucas empresas de grande porte para empregar várias pessoas, e geralmente as empresas eram negócios de família, quase não contratavam funcionário de fora, a maior dificuldade foi essa.

A oportunidade surgiu quando um amigo de César, que trabalhava em uma loja de material de construção, soube que a empresa estava necessitando de vendedores. Ele se recordou que o jogador havia trabalhado nesse cargo quando ainda era jogador de futebol amador e pediu que levasse o currículo para a loja.

Na entrevista com o gerente, foi questionado a respeito da carreira no futebol, e se comprometeu a não aceitar mais os constantes pedidos para que retornasse aos gramados (“estou passando dificuldades agora, se vierem atrás de mim, não me libere para jogar, até porque eu não quero mais”). Isso aconteceu em uma sexta-feira. Na segunda-feira seguinte, César começou a trabalhar na empresa onde se encontra até hoje (“estou lá há quase 14 anos”).

Foi difícil encerrar a carreira de futebol. Você passa uma vida toda lá dentro para deixar de um dia para o outro. O pessoal falava para eu continuar, para

voltar a jogar, mas eu não queria mais. Depois dos problemas financeiros que passei saí por vontade própria. Mas eu abandonei a carreira, não o futebol. Jogo minha bolinha até hoje.

Ele pensou nos estudos quando *pendurou as chuteiras* (“pensei em voltar aos estudos. Mas só pensei mesmo, não tive ação. Essa parte eu não gosto muito de comentar”). Apesar de não ter concluído os estudos, defende que os jogadores que visem essa carreira valorizem a escolarização (“a carreira de futebol é muito rápida. Depois que acaba, vai viver do quê? Então em primeiro lugar tem que ser o estudo”). O ex-jogador acredita que há relação entre a permanência na escola e o comportamento em campo (“quando você não está bem consigo mesmo, acaba extrapolando no campo, com seus parceiros que não tem nada a ver com os seus problemas”). crê que a família e a escola afetam a disciplina dos jogadores em campo (“vai depender muito da pessoa, mas a escola tem influência sim, eu percebia isso”).

César fez curso profissionalizante de Informática visando o desempenho na atual loja onde está empregado (“antigamente era tudo na mão: caderneta, nota, tabela. Quando fui para a segunda loja o sistema de computação já estava desenvolvido, então tive que me aperfeiçoar, para poder ficar no ramo”).

Na hora de contratar creio que ele observou meu histórico, eu era disciplinado com horários e era um bom vendedor na loja do meu antigo chefe, isso aparecia no currículo. Lá onde estou agora não tem nem o que falar, sempre estou entre os melhores do mês. Conheço muito de material de construção, que é uma área complicada porque evolui o tempo todo. Chega muita gente do Sul atrás de material que aqui ninguém conhece, então você tem que estar disposto a aprender no dia-a-dia, senão fica para trás.

Ele participou de cursos e palestras na área de comunicação e vendas fornecidos pela empresa (“trabalhar com público é complicado. Aprendi a ouvir o cliente, falar apenas o necessário”). O fato de ter sido jogador de futebol também ajudou (“de vez em quando chegava um que já me conhecia como jogador e comprava comigo. Era bom porque eu ganhava comissão”). A desenvoltura de César na loja anterior onde trabalhou também facilitava seu trabalho, pois, durante dois anos, trabalhou apenas com pagamento de banco (“foi aí que aprendi a me comunicar profissionalmente, porque na esquadria não precisava atender público externo, era só fazer as peças mesmo. Eu era meio tímido, não sabia de nada”).

Atualmente o ex-jogador é casado e tem duas filhas (“uma faz faculdade, a outra parou a faculdade para trabalhar”). Dos 5 irmãos, apenas uma não está empregada, pois cuida de sua mãe. Vários genros e sobrinhos moram próximos à sua casa e estão constantemente com ele (“estão sempre por aqui, principalmente à noite”).

César ainda joga futebol amador em campeonatos para a categoria Master⁷, defendendo um bairro que não é o seu e disse entre risos: “pois é, as coisas estão assim agora”.

Em termos de saúde, o único problema que tem enfrentado é a respeito da visão, que piorou no último ano (“trabalhar no computador danifica muito, daqui a pouco vou usar óculos igual ao seu”). Ele se considera um sortudo por não trazer sequela física da carreira de jogador, nem do seu pior momento dentro dos gramados, quando um jogador quebrou seu nariz (“o que mais me deixou chateado foi que ele veio na maldade, acertou o cotovelo no meu nariz de propósito”). O entrevistado recorda que o tratamento foi demorado e difícil, mas felizmente superado sem sequelas.

César gostava das viagens que fazia como jogador (“cada lugar lindo que a gente conheceu. A gente passeava porque sabia que só visitaria aquele lugar uma vez”). E, apesar de gostar de viajar, utiliza pouco esse recurso como uma alternativa de lazer (“o único lugar que eu vou ultimamente tem sido o sítio dos meus sogros. Viagem longa não tenho como ir, financeiramente é complicado”).

Ele morou em apenas dois bairros durante toda sua vida; na Consolação, onde viveu a infância e a adolescência, e no Bairro do Arcanjo, onde mora desde os 19 anos de idade. Ele gosta do local onde vive, diz ser conhecido pela maioria dos vizinhos e considera o Arcanjo um bairro tranquilo (“aqui não temos problema com ninguém, é gostoso morar aqui”). Apesar de ter uma boa relação com a vizinhança e de ser católico (“final de semana todo mundo se reúne”) ele não frequenta muito a igreja mais próxima (“fiz um curso de Pais e Padrinhos recentemente, mas não participo muito, só vou quando dá mesmo”), nem a associação de moradores (“nem sei se funciona, está o tempo todo fechada”).

A rotina de César atualmente consiste em trabalhar. Ele chega às 7 horas da noite em casa, de segunda a sexta. No sábado, a jornada de trabalho é um pouco menor, até às 3 horas da tarde. Aos fins de semana, sua família promove um churrasco (“para não passar em branco”) e também aproveitam para descansar.

Ele tem plano de previdência do INSS, mas não tem plano de saúde nem seguro de vida. Atualmente é vinculado ao Sindicato dos Comerciários de Santarém (e paga uma taxa por isso) que atua em toda a rede comercial, incluindo vendedores, a categoria de César. Sempre que possível ele participa das reuniões, e aponta que o

⁷ Categoria dedicada a jogadores com idade mínima de 40 anos, visa manter os amantes do esporte em atividade adequando o nível físico das equipes. Existe em várias modalidades esportivas além do futebol.

teor delas consiste no conflito entre patrão e empregados (“os empregadores querem saber mais do lado deles. Se o funcionário trabalhar 12 horas por dia, para eles está bom demais, alguns não querem pagar horas extras, dizem que os funcionários têm muitos direitos. É complicado”).

3. 2. 1 Trajetória educacional e inclusão social de César

A trajetória educacional e a inclusão social de César em alguns momentos parecem ser muito vinculadas ao afeto. aprendeu com seu pai quando este ainda era vivo e continua aprendendo com sua mãe, da qual ele diz extrair um conselho sempre que a visita. O fato de sua mãe ter sido professora não foi suficiente para que César se dedicasse aos estudos: ele, segundo as próprias palavras, era preguiçoso, indisciplinado, e reprovou duas vezes por seus problemas com a Matemática. César é mais inclinado para questões humanas e abstrações. O único professor que via nele algum talento era o de Educação Física, ainda que relutante por conta do comportamento enquanto aluno.

César é o único entrevistado que possui peculiar relutância em contar o seu relacionamento com a escola, o que parece ser uma questão interna e pessoal mal resolvida. No entanto, conseguimos extrair que ele atribui a não conclusão do ensino médio à sua imaturidade durante a adolescência, mas esquece de citar as dificuldades financeiras que dificultavam sua concentração nas aulas (algumas vezes chegando a passar fome) como algo que pode ter dificultado o prosseguimento nos estudos.

Novamente, cabe comentar que César tem visão pragmática da educação, mas, diferente de Davi, ele também entende que a educação formal afeta o comportamento das pessoas, inclusive dentro do campo de futebol. No mais, é válido lembrar que tanto César quanto Davi fizeram Informática visando o mercado de trabalho.

Em César, encontramos novamente forte influência da educação informal. Na esquadria de ferro ele aprendeu o ofício da serralheria, na primeira loja em que trabalhou ele desenvolveu a comunicação e no emprego atual ele se destaca na área de vendas após aprender a vender por meio da prática. É claro, também devemos apontar que os cursos e palestras promovidos pelo atual empregador auxiliaram no processo. Detalhe: em nenhum emprego de César foi requisitado certificação formal para

sua contratação. Na esquadria, seu pai conseguiu o emprego através de um conhecido. Na primeira loja, foi contratado considerando um acordo para receber salário por seus serviços como esportista, e na atual loja, foi indicado por um amigo.

Ele nunca se desvinculou de seu bairro de origem e em dado momento resistiu à mudança para uma área mais centralizada da cidade. No entanto, em seu novo lar, estabeleceu grandes vínculos com a localidade e a vizinhança, e construiu ali uma vida cercada de amigos e familiares que constantemente frequentam a casa (o entrevistador é testemunha). Portanto, apesar de não frequentar nenhum grupo que congregue seus vizinhos e de não comparecer à igreja com frequência, podemos indicar que a inclusão social de César é relativamente grande no âmbito relacional.

Em resumo, apesar da frustração de César em não concluir o ensino médio e de não fazer todas as viagens que deseja, possui inclusão social relativamente boa devido às relações sociais no âmbito da educação informal, participando inclusive de sindicatos de sua categoria, jogando futebol amador frequentemente e morando na casa que construiu a partir dos recursos financeiros adquiridos e conselhos seguidos enquanto ainda atuava dentro das quatro linhas.

3. 3 LEONARDO

Leonardo* nasceu em Alenquer, mas desde muito novo, com pouco mais de um ano de idade, ele e sua família vieram para Santarém. Não se recorda da época em que viveu fora do município (“sou santareno de coração”) e atualmente pouco se relaciona com sua cidade natal (“só vou lá para jogar”).

Ele tem quatro irmãos e três irmãs. O pai deles faleceu há quase 20 anos em um acidente no trânsito, descrito como um homem calmo que não havia concluído o ensino fundamental. Ele trabalhou como motorista depois de não conseguir se estabilizar financeiramente em uma empreitada no garimpo. Já a mãe, ainda viva, sempre foi uma dona de casa rígida, criada no interior de Alenquer e que não havia estudado.

Leonardo acredita que sua infância foi bem aproveitada nos campinhos, praias e igarapés da cidade (“os meninos hoje não têm infância”). Sua ligação com o futebol começou cedo, quando um campo próximo a casa em que nasceu era o principal local de lazer. No início, sua mãe não aprovava a brincadeira, mas acabava cedendo à pressão que os amigos de Leonardo faziam para que ele jogasse.

Apesar de sua mãe não ter condições de pagar, foi alfabetizado em escolinha particular. Isso porque uma das professoras gostava da família de Leonardo, e resolveu dar aulas de graça. Foi com essa professora que ele desenvolveu o gosto e as habilidades para a Matemática (“eu agradeço muito a essa senhora”).

Certa vez, ficou 45 dias em Belém disputando um torneio, estava em seu último ano do ensino médio. Quando chegou à cidade teve apenas três dias para estudar para as provas de Matemática. Na divulgação dos resultados, todos perguntaram como havia conseguido tirar as maiores notas da turma estudando em pouco tempo (“mas era assim, sempre tive facilidade para essa área, achava bacana”). As habilidades de Leonardo foram usadas inclusive por sua irmã, na época em que administrava uma escola de educação infantil.

Ela tinha 180 alunos. Na educação, dentro da sala de aula, ela era ótima. Mas para administrar... [risos].... Então passei um ano trabalhando com as finanças da escola, coloquei as contas em dia, tinha professor que não recebia há 4, 5 meses, saí de lá sem dívida nenhuma e ainda deixei um balancete pronto. Em seguida ela contratou uma contadora profissional, formada e tudo. Quando ela viu o balancete que eu havia deixado, perguntou quem era o contador que havia feito aquilo, porque era muito bem feito.

Leonardo estudou basicamente em dois colégios, possui o ensino médio e o curso técnico em Contabilidade (que fazia parte da grade curricular das escolas públicas naquela época) completos, nunca reprovou e aponta ter sido um aluno dedicado e competitivo (“não gostava de ficar atrás dos outros, queria sempre ser o melhor ou estar entre os melhores”). Por exemplo, sua mãe não precisava mandar ele estudar em casa, pois o mesmo fazia isso por conta própria.

Quanto aos professores que passaram por sua trajetória escolar, ele era querido pela maioria, mas já havia entrado em conflito com um deles por corrigi-lo publicamente (“certa vez um falou para que eu o corrigisse apenas em particular”).

Para demonstrar a personalidade de sua mãe, conta que certa vez discutiu com uma colega em sala de aula a respeito de exercícios de Matemática. Em certo momento da discussão, ela o chamou de *ladrão* e Leonardo revidou com um tapa no rosto da colega. Os dois foram encaminhados a diretoria, os pais foram chamados e o procedimento formal foi realizado. Em particular, Leonardo conversou com a mãe e explicou o acontecido (“ela prometeu que não ia me bater porque ninguém chamava filho dela de ladrão”). Após a reunião na diretoria, quando os dois alunos já haviam pedido desculpas, a mãe de Leonardo resolveu castigar o filho publicamente (“ela me deu uma surra na frente de todo mundo”). Além de envergonhado, ficou decepcionado

(“ela podia ter feito isso em casa”). Ele considera esse um dos piores momentos de sua vida acontecido em um ambiente escolar.

Leonardo sempre foi advertido a respeito dos estudos (“meus parentes falavam: futebol passa, estudo fica”). Nosso entrevistado se arrepende de não ter investido no ramo da Matemática, área em que possui afinidade até hoje (“dou aula de reforço até o 9º ano do ensino fundamental”). Segundo o jogador, durante a juventude no futebol, a empolgação não permite que os jogadores foquem em outra coisa além do *aqui- agora* (“parece que colocam no jogador de futebol aquelas viseiras de cavalo: a gente tem uma visão limitada das coisas quando está no auge”). Ele acredita que estaria em uma situação econômica e social melhor se tivesse estudado.

Leonardo acredita que a relação entre escola e futebol está melhor na atualidade. Vários projetos se preocupam com a formação escolar, em sua época isso era raro (“os clubes só queriam sugar mesmo o jogador”). Ele detalha que hoje é provável encontrar times que flexibilizam o horário para jogadores universitários, mas em grandes clubes, pois em Santarém essa não é a tônica da situação (“recentemente vi jogador faltar na escola por causa de treinamento, até levei essa situação para a diretoria do clube, mas não fizeram nada”).

No início da carreira, quando não era jogador profissional, Leonardo defendia uma equipe do *Campeonato Suburbano* (torneio entre equipes santarenas), onde foi tricampeão. Os donos do time eram garimpeiros e perguntaram o que ele queria como pagamento: televisão, geladeira, fogão... Ele, então com 16 anos, pediu um emprego. Essa foi sua primeira ocupação fora dos gramados (“eu ficava no escritório aqui de Santarém, era a sede deles”). A função dele era ser praticamente um *faz-tudo*: ajudava no rádio que usavam para se comunicar, distribuía as cartas e a produção dos garimpeiros, arrumava o local (“eles não assinavam minha carteira de trabalho, nem nome meu emprego tinha”). O que ele agradece por ter aprendido naquele emprego foi a dirigir. Antigamente, não existiam em Santarém auto-escolas e, graças ao trabalho que exercia, os outros funcionários ensinaram Leonardo a conduzir veículos (“depois disso tirei minha carteira de habilitação, só tive que fazer o teste”).

Após cinco anos de trabalho com os garimpeiros, Leonardo serviu o exército durante um ano e dois irmãos seus seguiram carreira na área: um policial militar e um soldado. Mas confessa que a vida no quartel não era sua vocação (“engraxar sapato,

se barbear o tempo todo, usar farda... é legal, mas eu sempre fui mais ligado ao esporte”). Ele julga esse período no quartel como de muito aprendizado, principalmente a respeito da disciplina.

Quando retornou do serviço militar, concluiu os estudos no ensino médio e residiu em diferentes cidades da região norte como Macapá e Belém, já atuando como jogador profissional de futebol, e se recorda das dificuldades da carreira esportiva, tão cansativa quanto estressante (“muitos jovens acham que é só chegar e jogar, mas é uma carga forte de trabalho”). A rotina era treinar de manhã e pela tarde (“a gente é muito cobrado. E quanto mais você se destaca mais você é cobrado”), e a situação piorava em clubes com menor condição financeira. Por exemplo, quando atuou por uma equipe que se instalou durante dois meses em Belém porque não tinha condições de realizar várias idas e vindas.

Os sacrifícios que ele e seus companheiros de equipe faziam eram por amor à camisa (“não me arrependo, a gente fazia aquilo porque gostava do time”), visto que futebol não dava dinheiro na época (hoje não, você já encontra jogador em Santarém ganhando muito dinheiro, principalmente os que vêm de fora”).

Enquanto jogava em Macapá, fez um gol que apareceu no programa *Fantástico* (“Eu nem assistia o programa, o pessoal veio me parabenizar e eu não sabia o que estava acontecendo”). Mas as melhores lembranças de Leonardo vêm de fora das quatro linhas.

As amizades que a gente conquista, isso é o que fica. Para cada pessoa do meio esportivo que não gosta de você também vai aparecer uma que gosta, assim é no futebol e em qualquer parte da vida. Mas acho que a maioria das pessoas gostam de mim. Em qualquer lugar que eu estou sempre chega alguém, fala comigo, faz amizade.

Conta que vários amigos que fez durante sua vida escolar conseguiram seguir carreira no futebol, ou nos sistemas de rádio e televisão da cidade, hoje em dia são personalidades regionais (“eu me orgulho de ter estudado com eles, sou amigo de vários até hoje, a gente nunca imaginou que viveria tanta coisa”).

Uma característica do futebol santareno que pouco mudou é a falta de jogos para os clubes durante toda a temporada anual. Se os clubes santarenos não se classificam para alguma competição nacional, param de jogar após o campeonato estadual, deixando grandes espaços sem atuação na temporada. Leonardo aponta que isso dificulta a vida dos jogadores, que devem procurar vaga em outras equipes da

região: “já vi pessoas abandonando uma profissão para jogar em alguma equipe. Aí no meio do ano o patrão não quer mais o funcionário, perdeu a confiança”.

Apesar de ter encontrado ocupação dentro do esporte, nunca abandonou práticas que exigiam estudo. Enquanto foi jogador, cursou o nível profissionalizante de informática básica (que alega ter esquecido o que aprendeu por não praticar) e estudou para concursos públicos onde obteve bons desempenhos, quase resultando em êxito (“fiquei em 3º lugar no concurso para os Correios, era uma vaga. Fiquei em 5º lugar no concurso para o Ministério Público, eram 3 vagas”). Atualmente ele continua atento à concursos públicos e ainda mostra vontade de estudar para as provas.

Leonardo recorda que os piores momentos de sua história no esporte foram marcados pelos problemas de saúde. Os mais graves aconteceram no rosto, no tornozelo e no joelho. Na época, o osso de seu rosto ficou deformado após um jogador tê-lo atingido em uma dividida no campo. Fez três cirurgias e entrou em desespero quando viu sua face deformada no espelho. Assim, não conseguia consumir alimentos sólidos, e durante quase um mês se alimentou apenas sugando líquidos por um canudo. Já o problema no tornozelo fez com que andasse de muleta e até de cadeira de rodas para pegar o avião no aeroporto (“além da dor, me senti mal de ficar dependendo dos outros”). O problema no joelho é o único que guarda sequelas na atualidade, por isso Leonardo frequenta sempre a academia de musculação para fortalecer essa região do corpo (“eu tenho uma calcificação porque não quis operar, tive medo). Leonardo temeu que não conseguisse mais jogar futebol, e, com muita naturalidade, recorda que chegou ao ponto de chorar de desespero.

Jogador de futebol fica com muita sequela, é complicado. E tem uns que falecem por causa de contusão, vira algumas coisas mais graves. Eu tive um colega que atingiram no estômago e depois virou um câncer porque não foi tratado. Teve outro que foi acertado na cabeça e depois faleceu também.

Ele superou essas adversidades com a ajuda da família e de alguns amigos mais próximos (“a gente descobre nessas horas como a gente tem muitos colegas e poucos amigos”). Leonardo considera essencial na vida de qualquer jogador o apoio da família (“principalmente quando você está triste em casa, ou sendo cobrado, quem sempre dá amparo é a família. É assim que o ciclo funciona”)

O jogador encerrou a carreira em 2002, quando os diretores e treinadores do clube começaram a achar que ele não estava mais em condições de jogar (“eu sempre fui titular. Aí comecei a ficar no banco, depois nem me colocavam mais para jogar, então eu achei que era hora de parar, mas eu não estava preparado”).

Ele diz ainda lembrar da época em que frequentava os estádios, pensa no que poderia ter feito (“quando a gente vai ficando velho, o psicológico da gente fica diferente, começa a lembrar umas coisas”). Sobre a questão psicológica, ele considera que o quadro de depressão é grande entre os ex-jogadores, principalmente entre os que não estudaram porque esses têm dificuldade em obter uma ocupação e em se adaptar a uma nova realidade (“eu me arrependo pelos meus estudos, mas tem gente que está pior, que sobrevive pedindo dinheiro para os empresários”). Leonardo contou inclusive que o termo *dar facada* é uma gíria interna dos jogadores da cidade para essa prática de pedir dinheiro.

Leonardo conta que muitos empresários são abertos à contratação de ex-jogadores, pois muitas empresas em Santarém mantêm time próprio e visam aumentar o nível técnico (“sabe como é empresário, a maioria gosta de bola”). Segundo o entrevistado, a rede de contatos dos jogadores de futebol também auxilia na inclusão social após o fim da carreira esportiva, pois além das amizades, o fato de ser reconhecido pelas pessoas possibilita oportunidades de trabalho. Mas ressalta que, mesmo nesses casos, possuir alguma instrução escolar ou curso profissionalizante é um diferencial (“senão fica difícil do empresário colocar a pessoa, mesmo que ele queira. E se conseguir vai ficar limpando por lá, arrumando estoque”).

Após encerrar a carreira no futebol, Leonardo trabalhou em uma loja de construção que ficava próximo à sua casa. O convite partiu do dono do estabelecimento após um de seus filhos ter sido hospitalizado (“o filho que ajudava ele estava doente, o outro foi servir ao exército. E ele já tinha uma idade, não queria cuidar de tudo sozinho”). O ex-jogador deveria trabalhar na loja durante 3 meses, mas acabou ficando 5 anos porque seu patrão gostou do serviço (“devo muito a esse senhor, muito aprendizado de venda, estoque”). Posteriormente ele deixou o emprego, pois, morando próximo ao local de trabalho, era constantemente chamado para fazer algo mesmo em fins de semana, feriado ou durante o almoço.

Com os conhecimentos que adquiriu na loja, Leonardo investiu em um empreendimento de vendas por crediário, atividade que o sustenta até hoje (“tenho um carro, então saio vendendo meus produtos”). Inclusive, indicou que a mesa em que estávamos sentados foi vendida por ele (nos encontramos no estabelecimento de um amigo do entrevistado). No início do empreendimento ele precisava sair de porta em porta oferecendo produtos, mas atualmente a sua rede de clientes já é grande o suficiente

(“quando eles querem algo já ligam, ou mandam mensagens no *Whatsapp*. Não preciso mais ficar apresentando produtos, graças a Deus”).

O entrevistado ainda possui uma relativa relação com o futebol. Já foi auxiliar técnico em equipes de Santarém, e disputa campeonatos de futebol amador pela categoria Master. Ele gostaria de ajudar em algum projeto esportivo com crianças e adolescentes (“seria bom buscar outros ex-jogadores para ajudar, esses projetos tiram muitos jovens da criminalidade”) mas lamenta que não exista incentivo do poder público e nem da classe empresarial (“meter a cara para fazer tudo sem ajuda é muito difícil”). E ainda destaca que a maioria dos projetos de futebol desenvolvidos também devem visar a escolarização dos jovens.

Tem que ser bom na escola e bom no campo. Tem que ser bom jogador e bom cidadão. Porque nem todo jovem que está no projeto vai vingar no esporte, e mesmo se vingar tem que estudar hoje em dia, já vemos vários jogadores formados nesses grandes clubes.

Segundo Leonardo, a escola dá ao aluno uma disciplina que é perceptível nos gramados (“o jogador que estuda é menos rebelde, menos explosivo, se comunica melhor, tem uma visão melhor do que está acontecendo no jogo”). Para ele, a sala de aula ajuda tanto o jogador quanto o futebol ajuda no trabalho da escola (“também acontece do futebol corrigir aluno indisciplinado. Tem aluno que deixa de ser indisciplinado na escola depois de ser disciplinado no campo”).

Atualmente, ele mora com sua esposa e sua filha de 13 anos. Sua rotina semanal consiste em acordar cedo para malhar e correr (“tenho que me cuidar porque já tenho uma idade). Apesar da preocupação, Leonardo não possui nenhum plano de saúde. Em seguida ele cuida do seu sistema de crédito (“tem dias que é mais puxado. Saio para vender, cobrar, pegar material com os fornecedores. Tem dias que você vai chegar lá em casa e eu estou ensinando minha filha”). Ele atualmente treina uma equipe de Futsal, paga a Simples Nacional para o INSS visando a aposentadoria e possui um seguro de vida, mas não pensa em se associar a algum sindicato (“muitos só servem para sugar o que tu ganhas”).

Aleatoriamente o horário do ex-jogador também é ocupado por aulas de reforço em Matemática do 6° ao 9° ano do ensino fundamental (“eu domino a Matemática do ensino médio também, mas como não tenho formação superior prefiro não me arriscar”). Apesar de complementar a renda, Leonardo diz que muitas vezes não chega a cobrar as aulas de reforço, principalmente para amigos (“minha esposa diz que sou bonzinho”).

Evito prestar vestibular porque nunca aprendi a fazer redação. Minha filha que tem 13 anos, quero que você veja, escreve tão bem. Eu falo para ela: Olha, tem que ensinar o pai, hein! Eu também pensei em fazer uma faculdade particular, o problema é dinheiro. Mas eu penso em me formar sim, em ser professor em sala de aula mesmo. Nunca é tarde.

3.3.1 Trajetória educacional e inclusão social de Leonardo

Leonardo reproduz o padrão de pais pouco escolarizados, com o agravante de ter recebido uma educação ligada a castigos físicos e humilhações em público. Nosso entrevistado não teme o confronto (vide os momentos em que corrige seus professores em sala de aula e quando agride uma colega após ser ofendido) e a competição. A ideia de não ficar em segundo plano é muito presente em Leonardo.

Nosso participante é grato por sua primeira professora por dois motivos. Foi através da solidariedade dela que ele foi alfabetizado. É também pela mesma professora que Leonardo aprendeu matemática, a área que influencia até hoje grande parte de sua história e onde ele demonstra competência tanto em sala de aula quanto na utilização prática desses conhecimentos (como no balancete que fez para a empresa de sua irmã).

Leonardo se arrepende de não ter tentado cursar uma graduação, pois acredita que estaria em uma situação mais favorável economicamente falando, se tivesse concluído o ensino superior. No entanto, entre os nossos participantes da pesquisa que não ingressaram no ensino superior, Leonardo certamente é o que mais criou vínculos com a educação formal e os estudos. Ele prestou concursos públicos onde se dedicou e quase foi aprovado, e até hoje dá aulas particulares de reforço ainda pensando em cursar a licenciatura em Matemática, o único empecilho parece ser a redação. Aliás, ao contrário de César, Leonardo parece ter alguma resistência a ciências voltadas para as humanidades, pois em nenhum momento cita algo relativo a elas.

Em seu primeiro trabalho, o ex-jogador alega ter sido uma espécie de *faz-tudo*, mas é grato ao ofício, pois nele aprendeu a dirigir. Depois ele serviu ao exército onde aprendeu a ser disciplinado, apesar de admitir que não tinha aptidão para a carreira militar. Curioso notar que Leonardo também possui uma visão disciplinadora de escola. Em seguida, ele continuou atuando no futebol e quando encerrou a carreira foi contratado por uma loja de material de construção onde aprendeu a lidar com venda, fornecedores e com esse conhecimento montou seu próprio negócio.

Apesar de a Matemática ser essencial na administração de um sistema de crediário, é nítido que a atual ocupação profissional de Leonardo é resultado de suas socializações anteriores e não da educação formal que recebeu ao longo da vida. E mesmo as aulas particulares de reforço que ele concede não parecem ser uma grande complementação em sua renda atual. Some-se a isso o fato de que vários de seus clientes são amigos que adquiriu através da trajetória no futebol. Ou seja, apesar de ser eficiente em Matemática e de se ocupar da matéria escolar até hoje, ela não parece interferir muito na inclusão social de Leonardo.

3. 4 MAURO

Mauro* cresceu em uma vila simples no Bairro de Aparecida, localizada na Rua Borges Leal que naquele período era considerada afastada do centro da cidade e não possuía asfalto. Morava com mais cinco irmãos (dois homens e três mulheres) e relata que era constante a divisão de pertence entre estes (“quando meus pais compravam uma calça, os dois com o mesmo tamanho tinham que usar, o mesmo acontecia com sapatos, meias...”). Apesar das dificuldades de viver em Santarém naquele período, e talvez até por esse motivo, Mauro relata que sua família sempre foi unida, com atenção especial aos tios (inclusive foram esses os responsáveis pela inserção do jogador na carreira de futebolista), e essa união é algo que permanece até hoje, dado que após conceder a entrevista, Mauro iria para a reza do terço semanal da família que acontece na casa de sua mãe.

Filho de uma dona de casa que havia concluído o ensino médio e de um técnico em Contabilidade (mesma área que o jogador adentrou após o término da carreira esportiva), estudou em colégios tradicionais da cidade como o *Seminário São Pio X*, o *Colégio São Raimundo Nonato* e o *Colégio Dom Amando* e recebeu uma educação rigorosa tanto dentro quanto fora da sala de aula.

Era uma educação bastante rígida, havia um respeito muito grande pelos professores e pelas pessoas que coordenavam a escola. Se chegasse uma reclamação em casa, a gente também era reprimido porque os pais achavam que aquilo que a escola ensinava, aquilo que a escola determinava era muito importante pra vida da gente. No São Raimundo era muito rígido. No Seminário era ainda mais. Tinha dois dias na semana que eu vinha em casa, almoçava e retornava para lá de novo. Eu morava na Borges Leal, a Rodagem⁸ era só pedregulho, o ônibus era maior dificuldade para passar aqui. Ali era fim de Santarém, era muito longe. Tinha o Morro do Sapo que só era um buracão no meio, perto do terminal rodoviário. A gente pegava carona em

⁸ Rua importante na área oeste da cidade.

cima de caminhão madeireiro, quando vinha sem tora⁹ a gente vinha trepado lá para poder retornar.

Antes de ter vivenciado a experiência nos locais citados, foi no Colégio Aparecida onde Mauro começou os estudos, a escola que ficava próximo a casa em que passou a infância. Algo que descreveu com satisfação foi a convivência com seus amigos de bairro, que pela proximidade geográfica, frequentavam na maioria das vezes a mesma sala de aula (“a gente brincava e estudava juntos”). Como a rua não possuía condições para a recreação, Mauro e seus amigos limpavam campinhos que existiam em grandes quintais das proximidades. Mas relata que a diversão só podia acontecer após a realização dos afazeres de aula, caso contrário estaria sujeito às *sanções* de sua mãe.

Era muito pesado, se tinha trabalho para fazer, tinha essas brincadeiras de criança, tipo jogar bola, e se não estudasse naquela hora era o castigo, você não ia fazer aquilo que você mais gostava. E também não podia tirar nota abaixo da mínima porque senão ficava lá mesmo, tinha régua, pegava bolo na mão, era desse jeito.

Mauro citou dois professores e duas professoras que tinham em comum o fato de serem divertidos, e ao mesmo tempo inteligentes (“acho que o humor é bom para descontrair, deixa o aluno mais à vontade, o assunto mais leve”).

Por outro lado, nosso entrevistado era tranquilo e atento em sala de aula, apesar de não gostar de estudar em casa, o fazia apenas para não entrar em conflito com a mãe. A melhor lembrança que ele possui da vida escolar são os amigos (“falo até hoje com amigos que fiz em todos os colégios por onde passei”). Alguns não são tão frequentes em sua vida porque moram longe (“mas de vez em quando algum colega aparece aqui”).

A maioria de seus amigos da escola jogavam bola com ele (“mas nem todos. O Jerônimo* por exemplo não jogava bola, mas a gente tinha uma amizade boa”). No entanto, muitas vezes a amizade não começava pelo futebol (“às vezes sim, às vezes não. Por exemplo, o Rubens* jogava bola comigo, mas a gente só ficou próximo por conta dos trabalhos do colégio, que a gente fazia juntos aqui em casa”).

A família de Mauro sempre foi ligada ao futebol, seu irmão mais novo jogou em um grande clube da cidade, por exemplo. Sua família organizou um time amador que disputava torneios na cidade. Mauro, por sua vez, sempre se destacou no colégio

⁹ Troncos de árvore retirados da mata e transportados nos caminhões madeireiros, muito comuns até hoje nas periferias de Santarém.

quando o assunto era futebol ou futsal (“sempre me chamavam para jogar em torneios”). Sua habilidade chamou a atenção de um tradicional clube de Santarém quando ele ainda era um adolescente.

Eu ia assistir treino do time e ficava lá até o final, algumas vezes na falta ou na contusão de algum jogador me colocavam. Com 16 anos eu já era titular, já treinava.

Isso aconteceu paralelamente ao último ano do Ensino Médio, no ano seguinte partiu para Belém, onde ficou sob os cuidados de seu tio, que para efeitos desse estudo será identificado como Felipe*. Sobre essa última fase em Santarém antes da ida para a capital do Pará, para Mauro não era difícil conciliar a vida no clube e os estudos, pois o futebol da época não era tão “puxado” quanto o da atualidade e aos 18 anos a recuperação física era muito rápida (“se tivesse bola de manhã, de tarde e de noite não tinha problema nenhum, não cansava”). Além do ensino médio, Mauro cursou o nível profissionalizante de Computação e Informática Básica durante sua adolescência, antes de se estabelecer na capital do estado.

Ao chegar em Belém para fazer cursinho pré-vestibular, foi morar com seu Tio Felipe, que estava encerrando sua carreira esportiva em um clube de futebol da capital. Nas horas vagas, Mauro treinava com seu tio e começou a ser cobiçado pela diretoria de um grande clube da região norte, sediado em Belém. Então, ele ingressou na categoria *Juniors*, na qual ficavam os jogadores de até 20 anos. Apesar de jogar pelo Juniors, em virtude de seu bom desempenho em campo, treinava com a equipe profissional e realizava algumas partidas pelo time principal, mesmo antes de completar 20 anos, idade mínima naquele período para ser enquadrado como jogador profissional (“também participava de algumas partidas principalmente quando vinha algum treinador de fora. Treinador da região não colocava a gente para jogar, mas quando vinha treinador de fora a gente fazia várias partidas”).

Paralelo a esse início como jogador profissional, nosso entrevistado ingressou em um curso universitário de Economia e conseguiu com muita dificuldade concluir quatro semestres; entretanto, teve que interromper os estudos devido à necessidade de conciliação na rotina de esportista-estudante.

Eu fiz 2 anos de Economia, mas tive que parar porque não dava. Naquela época o campeonato brasileiro ficava quase o segundo semestre todo viajando, eram muitos jogos. E ficou muito difícil, tinha professores que até ajudavam, passaram matéria para os outros colegas e diziam “olha, passa para o Mauro” e eu ia. Mas tinha uns professores que não entendiam muito isso e não deu para ficar, aí eu estudei dois anos só.

Mauro descreve que sempre pensou na sua educação formal e admite que isso foi influência dos seus pais e da criação que recebeu, achava que a vida após a carreira esportiva seria difícil tendo estudado, mas seria pior se não o tivesse feito (“eu pensava em me formar, e em guardar dinheiro. Consegui estudar, guardar dinheiro eu não consegui”). Poucas pessoas do meio esportivo recomendaram que ele investisse no estudo (“tinha que vir de dentro da pessoa, porque raramente alguém falava sobre o assunto, geralmente o técnico em algumas preleções”), mas isso era algo raro (“nenhuma pessoa ficou na minha cabeça dizendo que tinha que estudar, guardar dinheiro. Não tive nenhuma assistência desse tipo”).

Mauro conviveu com poucos atletas que tinham um bom nível escolar, sendo uma constante encontrar colegas de trabalho que só sabiam escrever o próprio nome e isso influenciava até o rendimento desses jogadores dentro de campo.

Na forma de pensar, de entender, tem muita diferença, até na maneira de se expressar, de absorver aquilo que o treinador está passando, a gente vê que tem uma dificuldade maior. Tem uns que só entendem aquele linguajar do português mais claro possível.

A maioria dos jogadores com quem conviveu não planejavam a vida após a carreira futebolística e muitos continuaram trabalhando no próprio ramo do esporte, ajudando algum clube ou como auxiliar técnico, graças à rede de contatos que eles estabeleceram quando ainda jogavam profissionalmente.

Ele se preocupava com a pós-carreira, pois teve contato com vários jogadores que, quando largaram o esporte, sem perspectivas, se entregavam ao vício da bebida, chegando até à mendicância (“também era uma coisa muito comum com os jogadores aqui de Santarém”). Mauro não queria ficar depressivo ao final da carreira (“tinha muita depressão também, eu não queria isso. Sempre quis achar logo outra coisa para fazer depois de ser jogador”).

Após anos jogando na capital paraense, Mauro decidiu retornar à terra natal depois de sucessivas frustrações com o clube em que trabalhava, que, em uma época muito anterior à Lei do Passe¹⁰, se negava a liberar o jogador para outros times mesmo tendo recebido ofertas vultuosas, inclusive de um grande clube do Rio de Janeiro. Assim, retornou à Santarém e continuou atuando pelos dois principais times da cidade, até parar de jogar profissionalmente devido a lesões que o acompanhavam há quase uma década (“a pior lembrança que tenho foi o problema no joelho, tive que

¹⁰ Lei nº 9.615/98, que modernizou e flexibilizou as negociações entre os clubes e os jogadores.

operar, foi muito dolorido. Depois da cirurgia tem a fisioterapia. É chato, tem que ter muita força de vontade”). O fim da carreira esportiva foi aparentemente tranquilo: quando se despediu dos gramados já estava há alguns anos pensando no encerramento dessa fase profissional.

Me senti tranquilo, eu já vinha me preparando uns três, quatro anos. Eu falava “está chegando a hora, vou ter que parar”. Meu joelho estava doendo muito, me falavam “mas ainda dá pra jogar”, eu falava “não, não quero mais”. Para não ficar aquele negócio só para dizer que está lá no meio, sem ter o mesmo rendimento. Aí fica no banco, fica fora, aí preferi sair, graças a Deus foi tranquilo.

Pensando em sua educação formal e com tempo para se dedicar aos estudos após o término da carreira dentro dos gramados, ele voltou a cursar uma graduação, mas desta vez não era Economia, o curso que ele havia sido impossibilitado de prosseguir em Belém, devido a rotina de jogador-estudante. Nosso entrevistado ingressou em uma conhecida universidade santarena do setor privado e concluiu o curso de Ciências Contábeis.

Após o término da carreira esportiva, Mauro foi contratado pela Prefeitura Municipal onde permaneceu durante alguns anos, e além do currículo, contou para sua contratação o reconhecimento como futebolista. Posteriormente, conseguiu a gerência da filial de uma loja de celulares e cartões por meio de um parente que lhe informou do processo de seleção que estava acontecendo. enviou seu currículo e participou da entrevista seletiva junto a outros três candidatos e obteve a vaga.

Eu possuía o curso superior em Ciências Contábeis, e na grade desse curso a gente tinha disciplinas voltadas para administração. Mas nada se compara a estar ali no dia-a-dia, na prática, lidando com as pessoas, porque cada ser humano é de um jeito. E você tem que entender o jeito do cliente, resolver os problemas deles para eles não levarem os problemas para Justiça. Também tem que conhecer os funcionários, porque tem uns que você tem que ficar ali, tocando, motivando. Outros não, já trazem a motivação de dentro deles. Então eu aprendi tudo isso lá, eu nunca havia tido uma experiência como essa.

Mauro ficou praticamente um ano trabalhando na referida loja, até a sede da empresa em Belém perder a franquia dos cartões e decidir fechar a filial em Santarém (“ficaram com loja só em Belém. Pediram que eu fosse com eles para lá, eu disse que não. Morava aqui, já tinha casado, já tinha casa, então eu não tinha interesse em ir para lá”).

atualmente é funcionário de uma empresa de energia elétrica, na qual começou há 15 anos como auxiliar administrativo após participar da avaliação de currículo e da

entrevista seletiva. No entanto, o entrevistado reforça novamente que o fato de ser um reconhecido esportista auxiliou em sua contratação:

E também tinha a influência do futebol, né! Da pessoa saber que você jogava futebol e também a empresa gostava de participar de campeonatos. Então eu acho que houve uma ajuda nesse sentido. Até quando fui deixar o currículo eles falaram.

Depois da aprovação e de trabalhar quatro anos no setor administrativo da organização, foi “escalando” cargos após fazer vários cursos técnicos fornecidos pela própria instituição.

Quando arguido sobre sua atual relação com o futebol, Mauro respondeu que participa politicamente do clube que lhe deu a primeira oportunidade, além disso ele assiste aos treinos e muitas vezes é apresentado para servir de inspiração aos mais novos. No entanto, pouco conversa com os garotos da base a respeito dos estudos, apesar de perceber por meio das redes sociais que o cenário não é muito diferente de sua época (“até em postagem no *facebook* a gente vê muita coisa errada, a maneira de se expressar, então a gente vê que tem muita coisa que continua na mesma”).

O participante da pesquisa acredita que, atualmente, para o estudante-esportista, a situação é ainda mais difícil que em sua época, devido a cobrança e ao nível técnico do futebol contemporâneo, e aponta algumas sugestões do que pode ser feito a respeito dessa problemática situação.

E pode ser que ficando só numa cidade, no mesmo clube e estudando por etapas eu acho que consegue, mas isso depende muito, tem que ter muita força de vontade e até o que não aconteceu comigo lá em Belém, o entendimento de alguns professores. Eu acho que essas bases, até dos clubes mesmo, têm que identificar o talento, aquele que pode ganhar dinheiro, sair do país ou então ficar em um grande clube aqui do país. E o restante, tem que direcionar eles para o estudo, mostrar que é importante, para a vida dele, que se ele não conseguir se manter no profissional, que o estudo também pode levar eles para outros lugares. Se não tiver aquilo pode contar que vai ter bastante dificuldade. Pode até conseguir alguma coisa, mas é muito difícil, vai ter que correr muito atrás.

Atualmente, Mauro vive com a esposa e tem um casal de filhos. A educação católica foi muito presente em toda a vida do entrevistado. Vimos que ele estudou em colégios confessionais católicos e participa semanalmente do terço da família na casa de sua mãe. Além disso, para ele, uma das experiências mais gratificantes foi ter feito um retiro espiritual católico, junto de sua esposa e de seu filho (“às vezes na vida a gente está meio perdido, então é muito bom voltar para a igreja, lembrar que existe um Deus”).

Minha rotina semanal atualmente é trabalhar, e na volta para casa, faço alguma atividade na academia, corro se der tempo, jogo uma bola, mas nem sempre dá porque eu viajo muito a trabalho. Terça feira tem o terço da família. O sábado quando não vou jogar bola eu vou na casa do papai. E no domingo é para fazer um churrasco ou ir para praia, e à noite vamos para missa.

Sobre a instituição em que Mauro trabalha, ele os considera uma outra família em sua vida (“me dou bem com todos de lá, a gente sempre faz as nossas comemorações”). O vínculo dele é maior com seu parceiro de viagem, pois geralmente eles ficam morando juntos durante 2 semanas em um hotel credenciado da empresa em outros municípios, enquanto realizam algum serviço (é o mesmo colega há um bom tempo. Já virou quase um irmão”).

Ele ainda se relaciona com personagens da sua vida de jogador (“cada time sempre tem um que a gente simpatiza mais”). Entre seus amigos, ele ainda conta com um senhor que foi seu roupeiro (“nem sei o nome dele, sempre chamei ele de Tio”).

O ex-jogador é integrante de dois grupos de futebol amador. São praticantes do esporte que realizam reuniões periódicas (geralmente quinzenais e aos sábados) em algum clube ou espaço onde podem almoçar, beber, e, é lógico, jogar futebol (“foram eles que chegaram até mim, fizeram minha inscrição”). Para além das partidas de futebol, esses grupos constroem fortes vínculos por meio do interesse pelo esporte.

Temos grupo no Whatsapp, nos comunicamos diariamente. Sempre tem comemoração, churrasco. Oramos antes da pelada. Se alguém ou se algum parente de alguém está precisando de ajuda a gente faz coleta, auxilia. Isso acontece nos dois grupos.

Por conta de sua profissão, Mauro é associado ao CREA (Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura). Ele nos contou que paga o órgão, mas que nunca participou das reuniões. A respeito da previdência, possui dois planos, um público e um privado. Além disso, possui plano de saúde e seguro de vida.

3. 4. 1 Trajetória educacional e inclusão social de Mauro

A educação formal possui grande influência da religião, pois ele estudou em dois colégios católicos e em um Seminário que oferecia o ensino básico. Algo curioso da trajetória de Mauro é que, apesar de não reclamar da educação rigorosa que recebeu (que parece ser unanimidade entre nossos entrevistados com mais de 45 anos) o que chamava sua atenção era justamente as aulas mais leves e com professores bem-humorados.

Filho de pais de boa escolaridade, levou da educação familiar uma certa herança parental, e fez inclusive a graduação em Ciências Contábeis, mesma área que seu pai. Mauro sempre pensou nos estudos, pois via os exemplos negativos de ex-jogadores que se tornavam pedintes ou ficavam deprimidos sem conseguir se inserir na sociedade de forma significativa após o término da carreira.

Ele aprendeu desde cedo a dividir e a valorizar a comunidade familiar. Ele dividia o que usava com seus irmãos, jogava na equipe de futsal da família e até hoje participa das rezas na casa de sua mãe. Foi também por meio de um tio que ingressou no esporte profissional. Esse forte cenário familiar persiste até hoje e é um dos principais responsáveis pela inclusão social de Mauro no presente.

Além da família, apontamos a religião, o trabalho e o contato com pessoas ligadas ao futebol como a base da atual rede de relacionamentos de Mauro. De todos os participantes da pesquisa, Mauro é que dispõe de maior estabilidade social, sendo vinculado ao CREA, além de manter dois planos de previdência, seguro de vida e plano de saúde. É o único participante da pesquisa que concluiu o ensino superior.

Trabalhou basicamente em três lugares, excetuando os clubes de futebol: Na Prefeitura de Santarém, na loja de cartões e na empresa de energia elétrica, sua atual empregadora. Na prefeitura foi mais evidente a contratação pelo reconhecimento enquanto jogador de futebol. A respeito da loja de cartões parece que de fato o currículo foi o mais importante. Foi nesse emprego que aprendeu a resolver conflitos e a motivar os outros membros da equipe. Na empresa de energia elétrica parece haver um misto de interesse na contratação, pode ter sido tanto pelo currículo, afinal, à época já era formado e havia sido gerente de loja, quanto pelo interesse dos chefes em montar uma equipe esportiva. No entanto, dentro desse último estabelecimento, Mauro conseguiu galgar posições fazendo cursos técnicos para ser promovido (durante a entrevista listou 6 cursos).

O caso desse participante do estudo é peculiar. Ele provavelmente é o caso onde a educação formal mais interfere na inclusão social, ocorrendo um misto da relação entre educação formal e das socializações para avaliar sua situação atual. Mauro está integrado às diversas esferas de sua vida, inclusive do futebol, onde atua por lazer e também de forma política, mas parece ter superado a dependência dos contatos esportivos para participar de forma significativa na sociedade.

3. 5 HEITOR

Heitor* cresceu nas proximidades de um colégio público do centro na cidade, e apesar de nunca ter sido matriculado nele, considera que a instituição foi importante em sua formação (“foi naquela quadra que comecei a jogar bola, e não só eu. Muitos jogadores santarenos surgiram lá”). Entre suas memórias recorrentes está o fato de ter crescido em meio a pessoas mais velhas que ele (“da minha idade só na escola mesmo”), geralmente jogadores de futebol. Esse contato com esportistas desde cedo foi gerado por seu pai, que também exerceu a profissão dentro dos gramados (“eu tive vários ídolos que me inspiraram, mas o maior deles foi meu pai”).

Eu brincava de bola, papagaio e peteca. Tinha um campinho perto de casa, a gente brincava muito lá. Naquela época não tinha celular, então tinha que se distrair. E era cheio de mato ali, meio perigoso, várias ruas perto de casa não eram asfaltadas.

Heitor teve toda sua formação escolar em instituições particulares e guarda a reprovação na 7ª série (atual 8º ano) do ensino fundamental como sua pior lembrança da vida escolar. Ele não obteve notas suficientes em 4 disciplinas, mas se recorda apenas de 3: Matemática, História e Informática (que o entrevistado define como algo que não suportava e fazia o possível para não comparecer às aulas). As chacotas dos outros garotos da turma foram difíceis de suportar (“um monte de *nerd filhinho de papai* me chamando de *burro*”).

O lado bom desse fato, é que a reprovação acabou colocando a *Professora Fátima** na vida de Heitor (“eu sempre quis estudar com ela. Quando eu reprovei pedi para me colocarem na turma em que ela dava aula”). Heitor desenvolveu grande proximidade com a nova Professora de Matemática e frequentava até a casa da docente, onde ele estudava a disciplina com a filha de Fátima (“além dela ir com a minha cara, era uma das poucas que conseguia explicar o assunto para mim”). Recentemente reencontrou a Professora enquanto passeava pelo centro da cidade (“ela está velhinha, nem achei que ia me reconhecer, mas ela até me abraçou e perguntou se eu estava bem. Tenho um grande carinho por ela”).

Algo que Heitor também se recorda da vida escolar é que desde pequeno, em todos os times que formavam ele era requisitado para jogar (“aí eu já ia preparado, levava bola e praticamente comandava os meninos. Até hoje tenho amigos desde a minha primeira escola por causa de bola”). Muitos de seus professores de Educação Física formavam seleções de sub-11 e sub-13 para que ele aprendesse e praticasse

as técnicas e táticas do futebol. E nesse âmbito ele acabou adquirindo uma grande rede de contatos que dura até hoje.

Por meio de seu pai, ingressou na categoria sub-13 de uma equipe profissional de Santarém, e aos 16 anos já fazia parte da categoria sub-20 (“onde o negócio era mais sério, a gente disputava campeonato pela Liga Esportiva Santarena, foi aí que comecei a jogar em estádios”). Assim, sua adolescência foi muito ligada ao futebol e segundo suas próprias palavras, ele “perdeu muita coisa”, por exemplo: aos finais de semana, por conta das obrigações esportivas, não podia sair e se divertir como os outros garotos de sua idade, pois devia se concentrar para os jogos que geralmente aconteciam aos domingos.

Em casa, apesar de toda a família dar apoio para a carreira futebolística, o maior incentivador era seu irmão mais velho que também ingressou nas categorias de base do futebol, mas posteriormente preferiu abandonar o esporte e priorizar outras questões em sua vida (“como ele era mais velho, estávamos em categorias diferentes, mas sempre jogamos juntos. Quando ele saiu senti muita falta dele”).

Heitor citou pessoas importantes em sua trajetória, entre elas está *Damião**, que segundo ele, é um treinador que se preocupa com o jogador tanto dentro quanto fora de campo (“ele sempre forma equipe campeãs porque ele é um cara muito agregador, um paizão mesmo”). Ele o conheceu por meio do esporte, mas acabaram se tornando amigos e Damião constantemente aconselha Heitor, que disse aprender muito com o veterano professor de Educação Física (“ele é muito inteligente, estratégico”). Recentemente ambos foram campeões em um torneio disputado em Oriximiná, pois Heitor jogou pela equipe treinada por Damião.

os citados por nosso entrevistado, a maioria se refere a treinadores que em algum momento acreditaram no potencial dele, demonstrando que Heitor é grato pelas oportunidades que recebeu. Em todas as equipes que defendeu, disse ter criado vínculos com alguns jogadores (“a gente se identifica mais com uns do que com outros. Muitas vezes porque as histórias são parecidas”), mas nenhum desses vínculos é tão forte quanto o que possui com *Fernando**, seu maior amigo do mundo futebolístico, que atualmente é seu colega de trabalho em um empreendimento que será detalhado até o fim desse retrato sociológico (“até nossas namoradas são amigas em comum”).

Perto de atingir a maioridade, Heitor partiu para o sudeste brasileiro, onde foi integrar as categorias de base de um clube do interior paulista. Ele foi levado por um empresário que da arquibancada viu sua atuação em uma partida. Enquanto esteve

nas categorias de base, havia uma preocupação por parte da diretoria a respeito da escolarização dos jogadores.

Quando cheguei lá eu já estava no 2º ano do ensino médio. Não era obrigatório estar estudando para jogar na base do clube, mas existia um acompanhamento sim. Eles falaram que havia uma escola perto do clube, que eles faziam a matrícula se eu quisesse continuar estudando. Além disso tinha um funcionário do clube que ia na escola, fazia um acompanhamento com a gente, perguntava se a gente estava indo às aulas, se dava tempo..., mas isso era na base do clube porque em todos os times profissionais que joguei ninguém tocava no assunto. Se o jogador quisesse estudar teria que treinar durante o dia e estudar a noite por conta própria.

Nesse clube, chegou a se matricular e a frequentar a escola regular, mas não conseguiu concluir o ensino médio porque a distância entre a escola e o local de treinamento era grande (“a gente não treinava na cidade, é como sair de Santarém e ir para Belterra todo dia”). Quando chegava na cidade já era quase 8 horas da noite, cansado do treino e ficava difícil comparecer às aulas. Naquela época também sentia muita saudade de casa (“principalmente da comida”).

Heitor comentou as críticas feitas ao salário dos jogadores de futebol (“as pessoas acham que o jogador só trabalha em dia de jogo, depois é só dinheiro e balada”). Ele calcula que um jogador da primeira divisão deve passar menos de 50 dias por ano em casa (“ou ele está treinando, ou está concentrando para uma partida. Tem também as viagens que ocupam muito tempo, os exames”) Segundo o entrevistado, o jogador profissional tem apenas o intervalo entre os jogos de domingo e o treino da tarde na segunda-feira, e se houver jogo no meio da semana o tempo é ainda mais escasso. Heitor descreveu ainda que, mesmo em seus dias de férias, ele devia cuidar da forma física (“eu curtia muito, mas nunca deixei de dar as minhas corridas ali no Bosque da Cidade, ia na academia durante as férias”).

Apesar de ter conquistado muitos títulos em sua carreira, sua melhor lembrança esportiva foi o encontro com um dos jogadores da seleção brasileira. Ele se recorda que na tarde de um sábado do ano 2000, ele e seus colegas da equipe sub-20 do clube do interior paulista estavam concentrados no alojamento, quando viram o jogador da seleção chegar na sala, abraçar e conversar com cada um deles (“ele é um cara muito humilde. Vários garotos choraram, é incrível ver de perto alguém que você só vê na TV”). Dois anos após o encontro, ele viu o jogador que o abraçou conquistar o pentacampeonato na Copa do Mundo para o Brasil.

Curiosamente, a pior lembrança vivida no âmbito esportivo de Heitor aconteceu no mesmo clube. O presidente da instituição fez uma festa com muito churrasco, bebida e música ao vivo (“era uma chácara em Sorocaba, coisa mais linda aquele lugar”). Dois dias após o evento, Heitor foi chamado pelo presidente, que o acusou de ter bebido todo o seu Whisky e por isso iria rescindir o contrato do jogador (“eu discuti com ele, porque ele estava me acusando sem provas e eu nem tinha bebido na festa”). Precisamos voltar um pouco no tempo e explicar que o incidente em Sorocaba aconteceu pouco após o feriado de Corpus Christi, que Heitor passou em Santarém se divertindo com os amigos e consumindo muito álcool (“eu não bebi na chácara porque já havia curtido todas em Santarém. E nem sei que gosto tem *Whisky*, nunca provei”). Nunca saberemos exatamente que aconteceu em Sorocaba, mas uma coisa é fato: Heitor teve seu contrato rescindido e ficou decepcionado com o mundo do futebol,

Eu estava jogando bem, eles iam renovar meu contrato. Fiquei sem entender e só queria voltar para casa. Até que meu empresário me ligou e falou que o clube havia cancelado o contrato com ele, por isso eles estavam mandando embora todos que ele havia colocado lá.

Em seguida, seu empresário (que já foi técnico de grandes equipes nacionais) ofereceu uma vaga em outro time do interior paulista, mas o jogador não queria mais prosseguir na carreira. A mudança de ideia ocorreu quando entrou em contato com uma grande amiga.

Hoje em dia ela é enfermeira, mora em Belém. A gente estudou junto na época do colégio e mesmo quando ficamos em cidades diferentes nunca deixamos de nos comunicar, naquela época era por carta. Ela me incentivou, me deu muita força quando eu só pensava em desistir. Até hoje nos comunicamos.

Aceitou o convite e conseguiu ficar durante seis meses no novo clube (“eu jogava, mas o futebol nunca mais foi o mesmo para mim. Guardo aquela mágoa até hoje, se eu tivesse feito eu teria dito, era moleque mesmo”). Após o curto período no segundo clube paulista, resolveu arrumar as malas e voltar para a cidade natal (“eu liguei para minha mãe e falei *já deu, estou indo embora hoje*”).

No retorno a Santarém, a jovem promessa do esporte não tinha perspectiva. Sem estudos e sem emprego, era sustentado pelos pais enquanto curtia as noitadas santarenas. Finalmente, conseguiu um emprego fora do futebol, através de um amigo da família que tinha um escritório de Engenharia Civil. ficou responsável por parte do material de construção usado nas obras (“meu trabalho era providenciar o que precisava para construir”). Heitor aprendeu o ofício com o antigo ocupante da função.

Tinha um senhor lá que cuidava dessa parte antes, mas ele foi acumulando muitas funções então decidi focar apenas na parte de escritório, legalização de projetos.... Por isso me contrataram e ele foi me ensinando, fui fazendo, com o tempo eles passaram a confiar em mim, andava carregado de dinheiro para fazer compras, morria de medo de ser assaltado.

Além de ter reprovado em Informática e Matemática no ensino fundamental, ele não realizou nenhum curso técnico profissionalizante. A falta de conhecimentos técnicos dificultou seu ofício no escritório (“quando você sai do futebol parece que é outro mundo”). Ele não sabia usar o computador com habilidade (“não existia *facebook* e essas coisas na época, não era todo mundo que sabia mexer”), também não se relacionava bem com as planilhas de materiais, uma constante em seu trabalho (“eu olhava para aquilo e falava *isso não é para mim*”). Pensou que duraria pouco tempo no emprego, mas acabou ficando 03 anos, e até conseguiu emprego na empresa para seu amigo Fernando, e só saiu quando decidiu retomar a carreira no futebol, convidado por um time profissional de Santarém.

Eu estava meio relutante, mas eu te confesso uma coisa: no primeiro dia de retorno ao futebol, quando fui treinar uniformizado, eu senti uma sensação que nunca mais havia sentido.... Eu estava indo trabalhar feliz.

Porém, é importante contar que, enquanto esteve empregado no escritório de Engenharia, Heitor se matriculou em uma instituição de ensino particular e concluiu o Ensino Médio. Ele havia abandonado os estudos no 2º ano desse nível escolar e não conseguiu conciliar futebol e escola enquanto esteve em São Paulo.

Durante alguns anos, Heitor exerceu a prática profissional no futebol santareno, mas em 2008 foi acometido por um problema na região pubiana. Ele estava treinando em Belterra quando percebeu que sentia dores na região, então após meses de tratamento sem sucesso em Santarém, viajou para São Paulo, acreditando que estava com algo mais grave (“eu chorava, pensei até em câncer, era uma dor que ninguém curava em Santarém, então viajei”). Heitor foi a convite de uma tia que mora na capital paulista e viu a situação do jogador. Ele passou 8 meses internado em São Paulo, assistindo sua equipe ser campeã pela televisão e chorando, ao mesmo tempo em que prometeu dar a volta por cima (“quando voltei, o time não me queria mais, fiquei um pouco triste, mas são coisas do futebol, já estava acostumado). Heitor ainda ficou um ano inteiro sem jogar depois que retornou de São Paulo, esperando se recuperar. Em seguida, conseguiu uma vaga em outra equipe profissional de Santarém, onde jogou 05 temporadas (2011-2015).

Durante toda sua trajetória, Heitor recebeu conselhos de parentes, amigos e de namoradas a respeito tanto de guardar dinheiro quanto voltar a estudar, mas ele alega nunca ter tido tempo suficiente (“é aquela coisa: ou eu estava treinando ou eu estava viajando”). Sobre o dinheiro, o fato de morar com os pais permitiu que ele sempre tivesse boa quantia guardada, que posteriormente investiu em um empreendimento (voltaremos a esse assunto em outro momento do retrato sociológico). No entanto, foi em novembro de 2014, durante uma viagem com sua namorada para São Paulo, que o jogador cogitou voltar a estudar.

Em um momento o meu tio falou assim: *E aí, Heitor? Está chegando a hora de parar. Vai fazer o quê depois de jogar bola?* Te confesso que nunca havia parado seriamente para pensar sobre isso porque mal ou bem eu estava ganhando meu dinheiro. Então aquilo me tocou. Quando voltamos a Santarém eu comentei com a minha namorada que ia voltar a estudar.

Assim, ingressou no curso de Educação Física, novamente em instituição particular, e já estava cursando, na época da entrevista, o 5º semestre da graduação. pretende continuar na área, e atualmente consegue se visualizar como professor, que não era seu objetivo principal (“escolhi o curso porque quero ser treinador de futebol e futsal, por isso tenho que estudar, me dedicar”). Quando começaram os estágios ele acabou se envolvendo também com a docência, contou inclusive que sente a mesma sensação de ir para o treino de futebol, vai trabalhar feliz.

Hoje fui ajudar lá na escola, mesmo que não seja meu dia de estágio eu me comprometi e fui. E olha como eu estou queimado de sol! Eu ensinei as crianças a jogar o vôlei sentado, a modalidade paraolímpica, agora eles só querem saber disso. E olha que eu criei isso porque não tinha espaço para brincar na quadra e não sabia o que fazer com aquele monte de aluno [risos].

acredita que tem facilidade em lidar com os alunos porque sempre teve contato com equipes de futsal sub-11, inclusive treina uma equipe dessa categoria em um bairro no oeste da cidade.

Em 2016, Heitor teve mais uma experiência como jogador naquele que foi seu último time, também em Santarém. Não esperava o convite, mas aceitou de imediato (“nem acertei valor, falei que eles podiam me pagar se eu rendesse em campo [risos]. No final gostaram de mim, fui titular em todas as partidas”). Desde então se afastou do futebol por conta de outro problema de saúde, uma hérnia, que o manteve afastado dos campos e das quadras durante alguns meses. Voltou a se exercitar pelo time de futsal que sua família possui, em julho de 2017. Esse envolvimento com o futsal, também ajuda na renda de Heitor.

Tenho que me cuidar mesmo quando não estou jogando futebol porque sempre rola um convite para jogar futsal, não só aqui em Santarém, nessa região toda acontecem torneios. Por exemplo, amanhã mesmo eu estou indo para Itaituba. A gente joga e ganha um dinheiro, então eu não posso ir de qualquer jeito, estou sempre correndo, malhando, até porque já estou com 35 anos, então tenho que me cuidar.

Atualmente Heitor está envolvido com uma empresa de marketing multinível, um sistema de compra e venda de produtos que o próprio tem dificuldade de explicar o funcionamento de forma detalhada.

Quem me apresentou isso foram meus amigos, inclusive o Fernando foi um deles. Eu achava complicado entender no começo, mas depois fez sentido. Fui o quarto membro a fazer parte da rede aqui em Santarém, hoje somos 40. Mas é trabalho, tinha dias que eu faltava na academia porque a gente saía de porta em porta. Como o interesse ficou maior, passamos a fazer reuniões para apresentar o negócio, mas eu não falo muito. Eu falo bem, dou entrevistas, se eu pegar meu notebook e explicar para você como funciona, você vai entender, mas para uma plateia eu não sei explicar.

Apesar da dificuldade na comunicação a grandes públicos, não é novato na área de vendas. Como dito, por morar com os pais, sempre conseguia poupar dinheiro. Certo dia viu um ex-jogador de futebol que era seu conhecido vendendo tênis para os colegas de equipe e pensou em fazer o mesmo. Foi quando viajou a São Paulo e utilizou o dinheiro que havia reservado para adquirir o primeiro lote de mercadorias (“comprei tênis, roupas, relógios... sei o que jogador gosta de usar”). Heitor conseguiu vender muito e por conta da procura pelas mercadorias, realizou outras viagens a São Paulo. Ficou 03 anos fazendo essa intermediação e conseguiu ajudar bastante nos custos da faculdade de Educação Física (“é bom ser autônomo. A hora que eu pegar um capital vou investir de novo”).

Heitor não esquece também dos compromissos da faculdade. Ele lembra que no próximo ano estará fazendo seu trabalho de conclusão de curso e pretende priorizar mais os estudos (“o futebol da nossa região não consegue estabilizar ninguém financeiramente, então tem que valorizar os estudos. Já está ruim para quem tem, imagina se não tiver estudado”). Ele aconselha inclusive os jogadores mais jovens a não seguirem o exemplo dele e pede que tentem conciliar o futebol e o estudo, até porque, em sua opinião, os estudos na educação formal afetam positivamente o rendimento do jogador dentro de campo.

O futebol hoje é muito dinâmico, muito estratégico. Acontece muito no futebol profissional dos técnicos mudarem o posicionamento dos jogadores e você tem que fazer cálculo na sua cabeça, raciocinar mesmo para se enquadrar melhor no jogo. E tem muito jogador habilidoso, forte, mas que não consegue acompanhar o que está acontecendo, aí ele mais atrapalha do que ajuda a

equipe, e geralmente quem tem pouca escolaridade se comporta assim. Claro que tem exceções, mas a gente percebe uma diferença sim.

Além dessas táticas de jogo, Heitor comenta que questões burocráticas do âmbito esportivo também exigem um domínio relativo dos códigos aprendidos na escola, como por exemplo, a assinatura de um contrato. Ele conta que é comum casos como o descrito a seguir: o jogador assina contrato com a equipe para duas temporadas acreditando que está assinando para apenas uma temporada, pois não soube interpretar o que estava escrito. Então ele tem um ótimo desempenho no seu primeiro ano e recebe uma ótima proposta de um time da capital de outro estado. O jogador fica feliz, pois acredita que vai realizar seu sonho. No entanto, a equipe que o contratou explica que o acordo abrange duas temporadas, e que outro clube, para adquirir o jogador precisa pagar a multa rescisória. A outra equipe acredita que é mais viável procurar outro esportista e retira a oferta. Assim, o jogador santareno joga sua segunda temporada forçado por um acordo que não soube interpretar, frustrado com o desejo que não realizou.

Segundo o entrevistado, é grande o número de ex-jogadores que ocupam postos de trabalho que não exigem certificação (“pedreiro, moto táxi... claro que isso não é demérito para ninguém, mas acontece que muitos ex-jogadores estão ali por obrigação, porque não conseguiram outro emprego”). Heitor revelou que a equipe de futsal de uma empresa de Santarém obteve o 3º lugar no torneio nacional da categoria apenas contratando ex-jogadores. Essa questão já foi levantada anteriormente em outro retrato sociológico, mas nosso entrevistado também comenta que muitos não conseguem ser atrativos o suficiente para as empresas, e, sem um emprego formal, acabam tendendo à criminalidade, outro elemento comum. O próprio Heitor disse que já viu antigos companheiros de time serem encarcerados. Ele acredita que a boa escolaridade deixa as pessoas menos suscetíveis a esse destino.

Heitor continua morando com a família: sua mãe (dona de uma empresa de *outdoors*), seu pai (além de um ex-jogador famoso na cidade, também foi professor de Magistério) e sua avó (que foi professora de História e diretora de um colégio público santareno, notadamente a pessoa que mais cobrava o desempenho escolar de Heitor). Seus dois irmãos constituíram família e não moram na mesma residência do participante da pesquisa. Seu irmão mais velho chegou a tentar carreira política na cidade, seu irmão do meio é bacharel em Administração.

Heitor conta que sua casa é um vai e vem de pessoas (o entrevistador confirma a informação) e que tem um relacionamento de cinco anos com sua namorada,

Também fico muito na casa da minha namorada, os pais dela gostam muito de mim, às vezes durmo para lá, então minha vida está assim agora, arrango um dinheiro daqui, um dinheiro dali. Minha namorada tem um bom emprego então a gente se ajuda.

Curiosamente, ele, assim como outros entrevistados, relatou ter se aproximado de sua espiritualidade nesse período de transição de carreira. Inclusive, no momento de marcar a entrevista ele deixou claro que não podia nas terças-feiras porque estaria participando de uma novena em uma igreja distante de sua casa. Na entrevista, ele contou que também frequenta as missas aos domingos na mesma comunidade eclesial. Curioso, o entrevistador perguntou o motivo de não frequentar a igreja que fica próxima de sua casa.

Numa terça-feira me convidaram para ir na adoração ao Santíssimo Sacramento que acontece lá, e parece que naquele dia tantas dúvidas na minha cabeça foram resolvidas. Então eu posso ter qualquer coisa nos outros dias, mas nas terças não abro mão da novena, nem das missas aos domingos.

Apesar de não trabalhar com carteira assinada, por conta dos compromissos com o esporte, a faculdade, a academia e a empresa multinível, Heitor contou estar ocupado em todas as manhãs e tardes de segunda a sexta. Aos fins de semana, quando ele não viaja para jogar futsal, frequenta um clube do qual não é associado, mas que vai a convite de alguns amigos que conheceu no meio futebolístico.

Ele acredita que a empresa multinível vai prosperar e assim poderá ter inclusive carteira de trabalho assinada e sindicato de representantes da empresa, como acontece em algumas cidades onde a empresa está instalada. Não é afiliado a nenhum outro grupo, apesar de já terem tentado convencê-lo a ingressar na política. Acredita que seria interessante um sindicato dos jogadores de futebol de Santarém, tal qual se sucede em outras cidades do Brasil.

Heitor não tinha contribuição ativa a nenhum plano de previdência, mas planeja regularizar essa situação até porque já trabalhou com carteira assinada, tanto dentro quanto fora do futebol. Nosso entrevistado não tem seguro de vida (“mas devo ter, principalmente se eu constituir família nos próximos anos”) e possuía um plano de saúde, mas cancelou porque houve um grande aumento da taxa nos últimos anos.

Se passaram duas horas? Parece que começou agora há pouco. Eu sei que não é fácil esse trabalho de vocês, mas é bacana. Não é qualquer um que

faz, não é qualquer um que escuta. O jogador é uma profissão que as pessoas não querem saber, principalmente aqui em Santarém, não valorizam. Mas é bom contar um pouco da nossa história...

3.5.1 Trajetória educacional e inclusão social de Heitor

Mesmo frequentando as melhores escolas da cidade, Heitor nunca conseguiu ter uma relação harmoniosa com os estudos, tendo reprovado no ensino fundamental e enfrentado dificuldades para concluir o ensino médio. Parece que o relacionamento dele com a educação formal só estabilizou quando ingressou no ensino superior.

Heitor admira e toma como exemplo amigos e treinadores que focam nos relacionamentos interpessoais e na inteligência para superar as dificuldades. Talvez essa modelagem tenha influenciado a prosseguir nos estudos, afinal, ele pretende continuar atuando na área do esporte e compreendeu que precisa estudar para lograr êxito nas futuras competições como treinador, um de seus objetivos.

Curiosamente, o participante de nossa pesquisa, enquanto era jogador de futebol, foi aconselhado por várias pessoas a voltar a estudar, mas o único aviso que realmente motivou uma ação foi o que seu tio deu enquanto ele estava em São Paulo, viajando com a namorada. Talvez a proximidade com o fim da carreira tenha finalmente motivado tal preocupação.

Se envolvendo com a Educação Física, Heitor parece ter se realizado em sala de aula. Antes disso, sua trajetória escolar é marcada positivamente apenas por professores de Educação Física que o incentivaram e por uma professora de Matemática. Além, é claro, dos amigos. Muitos amigos.

Outra característica da formação educacional de Heitor é desde cedo ter se relacionado com o mundo do futebol, por conta de toda sua família ser envolvida com o esporte (Davi, Mauro e Heitor são similares nesse quesito, é quase um padrão), e principalmente seu pai. Heitor só encontrava crianças na escola. Durante a adolescência o quadro não mudou muito e Heitor não levava uma vida como a dos outros jovens de sua idade, e parece sentir falta de ter se divertido mais.

Nosso entrevistado chegou a trabalhar em um escritório de Engenharia, mas conseguiu o emprego pelo fato do proprietário do escritório ser amigo de sua família. No emprego, ele também aprendeu por meio da socialização com um antigo funcionário e sentiu falta de conhecimentos técnicos em Informática e em Matemática, mesmas áreas do conhecimento em que reprovou no início da adolescência.

Heitor já trabalhou com vendas e atualmente é sócio em um empreendimento que conheceu por intermédio de seus amigos. Outro fator que complementa sua renda são os frequentes jogos de futsal. Apesar de cursar a graduação universitária, a licenciatura pouco interfere na atual inclusão social, pelo menos até o momento. Tanto o dinheiro que arrecada quanto os grupos sociais frequentados por Heitor não possui praticamente nenhuma ligação com a educação formal, com exceção dos amigos que fez nos colégios por conta do esporte, dos estágios como professor e da turma da faculdade, sobre a qual ele quase não comentou.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa buscou relacionar as trajetórias educacionais e a inclusão social dos jogadores de futebol profissional na fase da pós-carreira esportiva. Para tal objetivo, utilizamos um método biográfico que posiciona os indivíduos em vários contextos de ação. A opção por esse dispositivo metodológico incomum se fez devido a necessidade de um cenário denso, dado a abrangência dos temas abordados: trajetória educacional, trajetória profissional dentro e fora do futebol e as suas atuais condições de existência e vinculação a grupos sociais.

Durante toda a extensão do trabalho, enfatizamos que a educação não se processa apenas nos ambientes escolares e universitários. acontece também nas práticas cotidianas e nos relacionamentos interpessoais, pois a socialização é a própria educação no sentido amplo do termo (LAHIRE, 2004). Por isso, tentamos abarcar, na medida do possível, elementos significativos das biografias de nossos sujeitos, principalmente aqueles que mais se relacionam ao nosso objeto de estudo.

Para realizar essa pesquisa, foi importante compreender os jogadores de futebol como um grupo social específico, que possui relação com o corpo e com a educação formal que não pode ser desconsiderada nas análises. Isso porque têm temporalidade diferenciada na carreira esportiva, e uma forma própria de vivenciar os acontecimentos. Chega a ser icônica a quantidade de participantes de nossa pesquisa que não pensaram na pós-carreira, e as constantes referências ao *viver aqui e agora* ou ao fato de terem sido aconselhados, mas não terem tentado continuar os estudos escolares, ou terem tentado sem sucesso, por falta de suporte do clube e da legislação brasileira, que regula superficialmente a prática dos jogadores-estudantes.

Inicialmente, o foco era entender a relação entre a escolaridade e a inserção profissional. Com o amadurecimento da pesquisa, surgiu a possibilidade de analisar toda a inclusão social dos ex-jogadores, ou seja, a rotina, os grupos sociais e as condições de existência de nossos sujeitos de estudo. A inclusão social carece de mais teorizações no campo científico e possui significação abrangente, mas foi essencial para ajustar nosso processo de pesquisa.

A escolha dos jogadores de futebol se fez justamente por suas características peculiares descritas anteriormente. No entanto, isso não impede que essa pesquisa seja generalizada e adequada ao contexto de outras categorias de trabalho, visto que a educação formal brasileira ainda está distante de ser minimamente democrática,

flexível e consciente de suas práticas excludentes com vários trabalhadores. Algumas pesquisas apontam para esse cenário (SANTOS, 2003; RODRIGUES, 2015) que não parece animador frente aos retrocessos da política nacional. Assim, as escolas continuam impedindo a educação formal básica de muitos brasileiros.

O plano inicial da pesquisa era entrevistar oito ex-jogadores profissionais de futebol. No entanto, pelos acidentes de percurso já explanados, entrevistamos 05. Na obra original de Lahire (2004), quando a metodologia do *retrato sociológico* foi formulada, ele subdividiu as biografias em tópicos. No caso desta pesquisa, preferimos apresentar apenas um texto corrido, tal foi a mistura de elementos descritos na entrevista, ficou difícil setorizar e saber quando começava e terminava um assunto.

É importante ressaltar que entrevistamos uma amostra limitada de sujeitos, mas que ajuda a compreender a vida dos jogadores santarenos em vários contextos, pois nossos entrevistados começaram com idades diferentes e em épocas diferentes do esporte na cidade. Alguns alcançaram maior relevância dentro do esporte, outros atuaram intensamente na região. Eles vieram de camadas e de etnias diferentes da sociedade santarena, e possuem valores e opiniões também discordantes entre si. Ou seja, uma amostra quantitativamente limitada pode mostrar-se rica em termos de diversidade de cenários e situações.

Com exceção de Davi, todos os sujeitos do estudo concordam que há relação entre o nível escolar do jogador e o seu desempenho em campo. Esse pensamento se aproxima de Couto (2012), quando este defende a valorização dos estudos no meio futebolístico, pois, além de tornar o esporte mais inteligente, transmite uma cultura diferenciada aos que estão fora das quatro linhas. Esse autor também relata que a dissociação entre o jogador e a escola remete à profissionalização do futebol no Brasil, quando os dirigentes dos clubes, geralmente membros da elite, não queriam a dedicação de seus funcionários a outras atividades além do esporte (COUTO, 2012).

Ao final de cada retrato sociológico, apresentamos retomada dos principais pontos que envolviam a trajetória educacional, a carreira esportiva e a inclusão social do participante da pesquisa, e tentamos relacionar os processos de ensino e de aprendizagem com a atual situação do ex-jogador na sociedade. Isso foi necessário, pois a nossa hipótese de pesquisa era que os processos educacionais que ocorriam no âmbito da educação informal, ou seja, nas socializações fora do eixo escolar e universitário eram mais relevantes para a inclusão social dos ex-jogadores santarenos que a

própria educação formal. Dada a hipótese, a análise dos retratos permitiu chegar às seguintes ponderações:

- A inclusão social de Davi e César é minimamente relacionada a educação formal e bastante relacionada a educação informal.

- A inclusão social de Leonardo e Heitor está pouco relacionada a educação formal e muito relacionada a educação informal.

- A inclusão social de Mauro está relativamente relacionada a educação formal e relativamente relacionada a educação informal.

Assim, a hipótese inicial foi confirmada, visto que os processos educacionais no âmbito da educação informal são mais importantes para a inclusão social dos ex-jogadores de futebol que os processos educacionais do âmbito formal, embora novos estudos sejam recomendados para aprofundamento da temática e da discussão.

No entanto, a pesquisa constatou outros pontos de análise que devem ser exaltados. Por exemplo, a visão disciplinadora e pragmática de educação.

Embora a capacidade de interagir com as novas tecnologias de informação e comunicação, como a internet e os sistemas computadorizados, seja uma forma de inclusão social (pois possibilita o acesso a redes sociais, à multimídias e à criação de documentação) vimos que o interesse pela área só acontecia porque nossos entrevistados precisavam se adaptar ao mercado de trabalho. O mesmo se sucedia com a escola. Esta geralmente é relacionada a projeto de futuro, chance de trabalho, segundo plano caso a carreira do futebol não dê certo. Ou então, ela é exaltada por ensinar o controle da vontade, a respeitar a hierarquia e o que está estabelecido.

A escola se reduziu a isso? Ou pode ser o espaço onde os seres humanos têm acesso aos bens culturais, à engenharia, às artes e às ciências, onde os alunos podem exercer suas várias formas de ser e existir no mundo, e de se tornarem cidadãos conscientes de seus direitos e deveres? Esse é um válido questionamento, pois alguns setores da sociedade parecem cada vez mais interessados na visão utilitária do ensino.

Os participantes da pesquisa relataram que havia pouco interesse dos clubes em auxiliar algum jogador que estudasse, com exceção das categorias de base de equipes de outras cidades. Na atualidade, precisamos detectar como se encontra tal panorama. A educação é um valor social e um direito que não pode ser negado aos indivíduos que, após vestirem a camisa de um clube, passam a ser vistos como produtos.

Em todos os retratos sociológicos vimos que a inclusão social dos ex-jogadores é muito vinculada ao mundo do futebol ou a grupos religiosos (em ambos não há necessidade de educação formal). Davi inclusive parece ter desenvolvido um descrédito pelo conhecimento formal e se recusa a aceitar o tratamento gratuito para recuperar sua saúde, prefere deixar a fé agir. Mauro sempre foi católico, mas se voltou recentemente para a religião. Heitor idem. Com exceção de Davi, que está impossibilitado pelo problema de saúde, todos os participantes continuam disputando campeonatos de futebol ou de futsal, o que é algo comum no Brasil. No entanto, o que chama atenção a respeito de nossos entrevistados é que muito do lazer e da rede de contatos deles depende disso. Talvez o que esteja com menor dependência desses elementos seja Mauro.

Não estou a afirmar que ter um nível de escolaridade menor ou maior faz com que uma pessoa seja melhor ou pior enquanto condição de ser humano, estou a me referir às expectativas de possibilidades de ampliação de visão de mundo, de conjunto de conhecimentos adquiridos, de competências de desenvolvimento de criticidade, de esclarecimentos a respeito do que a sociedade discute e decide e de se tornar agente de si, de poder opinar e deliberar a propósito do que é mais adequado para a vida, para o mundo que o cerca, de estar melhor preparado para superar as dificuldades do presente e as que o futuro reserva, num contexto social cada vez mais exigente (COUTO, 2016, p. 8).

A pesquisa enfatiza que a educação formal não deve ser vista como a panaceia do mundo. Os problemas que nossa sociedade enfrenta vão muito além da matrícula e do bom desempenho escolar de nossos estudantes. As escolas e universidades não vão erradicar a criminalidade, a miséria e o subemprego, até porque são os problemas brasileiros que tiram as pessoas da escola. Mas também compreendemos que a educação é mais que um direito, é uma chance. Chance de se colocar no mundo com as condições dignas de existência. Enquanto a educação formal não conseguir erradicar nossos problemas sociais, ela pode pelo menos ajudar a combatê-los.

REFERÊNCIAS

- AGRESTA, M. C; BRANDÃO, M. R. F; NETO, T. L. B. Causa e consequências físicas e emocionais do término de carreira esportista. In: *Revista Brasileira de Medicina do Esporte* – Vol. 14, Nº 6. Nov/Dez, 2008.
- ALMEIDA, T. B. J; SOUZA, D. M. *Abandono dos estudos: uma análise dos atletas de futebol em formação nas categorias de base de Belém/PA*. (Trabalho de Conclusão de Curso) Graduação em Educação Física – Universidade do Estado do Pará, Belém, PA, 2013.
- BARROS, K. S. *Recortes na transição da carreira esportiva*. (Monografia de Conclusão) Curso de especialização em Psicologia do Esporte – Instituto Sedes Sientiae, São Paulo, SP, 2007.
- BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção primeiros passos; 20).
- BOGDAN, R; BIKLEN, S. Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas. In: *Investigação qualitativa em educação*. Portugal: Porto Editora, 1994, p. 15-80.
- CARVALHO, R. T. *Atleta não estuda?: Investigando a evasão escolar dos alunos-atletas no ensino superior*. (Dissertação) Mestrado em Educação – Universidade Cidade de São Paulo. São Paulo, 2015.
- CARVALHO, R. T; HAAS, C. M. Conflito na legislação brasileira referente à escolarização de seus jovens atletas. In: *Revista de Estudos e Investigación en Psicología y Educación*. V. Extra. Nº 12. 2015.
- CASCAIS, M. G. A; TERÁN, A. F. Educação formal, informal e não-formal em Ciências: contribuições dos diversos espaços educativos. In: *XX Encontro nacional de pesquisa educacional norte-nordeste*. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, 2011. Disponível em: file:///C:/Users/lenovo/Downloads/2011_Educa%C3%A7%C3%A3o%20formal,%20informal%20e%20n%C3%A3o%20formal%20em%20ci%C3%A7%C3%A7%C3%A5es%20dos%20diversos%20espa%C3%A7os%20educativos.pdf. Acesso em: 2 de outubro de 2016.
- CÉSAR. 2017. *Entrevista I*. [out.2017]. Entrevistador: Igor Montiel Martins Cunha. Santarém-PA, 2017. 1 arquivo.mp3 (1h2min.).
- CHAGAS, I. (1993). Aprendizagem não formal/formal das ciências: Relações entre museus de ciência e escolas. In: *Revista de Educação*, 3 (1), 51-59. Lisboa.
- CONCEIÇÃO, D. M. *O estudante-atleta: desafios de uma conciliação*. (Dissertação) Mestrado em Educação – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- COSTA, Andréia Cristina de Barros. *Bate-bola com a crônica o futebol, o jornalismo e a literatura brasileira*. 2001. 81 f. Monografia (Projeto Experimental) - Curso de Comunicação Social, Juiz de Fora, UFJF - Facom, 2001.
- COSTA, V. T; FERREIRA, R. M; PENNA, E. M; COSTA, I. T; PAIVA, T. N. S; SAMULSKI, D. M. Fases de transição da carreira esportiva: perspectiva de ex-atletas profissionais do futebol brasileiro. In: *Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, Campinas, v. 8, n. 3, p. 84-103, set./dez. 2010.
- CORREIA, C. A. J. *Entre a Profissionalização e a Escolarização: Projetos e Campo de Possibilidades em jovens atletas do Colégio Vasco da Gama*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- COUTO, H. R. F. *Esporte do oprimido: utopia e desencanto na formação do atleta de futebol*. (Tese) Doutorado em Educação - Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2012.

COUTO, H. R. F. *A importância e os propósitos de ações educativas num contexto de formação desportiva nas camadas de base do FC Porto*. (Relatório de Pós-Doutoramento) Faculdade do Desporto – Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2016.

DAVI. 2017. *Entrevista I*. [out.2017]. Entrevistador: Igor Montiel Martins Cunha. Santarém-PA, 2017. 1 arquivo.mp3 (2h8min.)

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, M. *A questão da educação formal/não-formal*. Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes sans solution? Institut International des droits de l'enfant, Sion, 2005. Disponível em: http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lquim/A_a_H/estrutura_pol_gest_educacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Forma_2005.pdf Acesso em: 2 de outubro de 2016.

HEITOR. 2017. *Entrevista I*. [out.2017]. Entrevistador: Igor Montiel Martins Cunha. Santarém-PA, 2017. 1 arquivo.mp3 (2h2min.).

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *Cidades. Pará. Santarém*. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=150680&search=||in-fogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>. Acesso em: 12 de outubro de 2016.

KLEIN, L. B; BASSANI, J. J. Trabalho precoce, esporte e escola: aproximações e concorências na formação de jovens atletas. In: *V Seminário Nacional de Sociologia e Política*. Curitiba, PR, 2014.

LAHIRE, B. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LEONARDO. 2017. *Entrevista I*. [out.2017]. Entrevistador: Igor Montiel Martins Cunha. Santarém-PA, 2017. 1 arquivo.mp3 (1h28min.).

LIMA JÚNIOR, P. *Evasão do ensino superior de Física segundo a tradição disposicionalista em sociologia da educação*. Tese (Doutorado em Ensino de Física) Programa de Pós-Graduação em Ensino de Física – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Porto Alegre, RS, 2013.

LIMA JUNIOR, P.; MASSI, L. Retratos sociológicos: uma metodologia de investigação para a pesquisa em educação. In: *Revista Ciência & Educação*. v. 21, n. 3, p. 559-574. Bauru, 2015.

MARCO, G.; LUIZ FILHO, J. Causas e efeitos do encerramento da carreira futebolística. In: *Revista Interdisciplinar Saúde & Meio Ambiente*. Vol. 2. Nº 1. Jan/Jun. 2013.

MARTINS, H. Metodologia qualitativa de pesquisa. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MAURO. 2017. *Entrevista I*. [jul. 2017]. Entrevistador: Igor Montiel Martins Cunha. Santarém-PA, 2017. 1 arquivo .mp3 (37 min.).

MAURO. 2017. *Entrevista II*. [nov.2017]. Entrevistador: Igor Montiel Martins Cunha. Santarém-PA, 2017. 1 arquivo.mp3 (44min.).

MOTA, L. O. *Envelhecimento e inclusão social: o projeto agente experiente*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

PINTO, L. F. *Memória de Santarém*. Santarém: O Estado do Tapajós, 2007.

PIRES, J. *O viver de ontem e de hoje do jogador de futebol profissional: o caso da cidade de Bauru/SP*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP. Piracicaba, SP, 1994.

- REIS, C. N. Economia Solidária: um instrumento para inclusão social. In: *Primeira Jornada de História Regional Comparada, 2005*. Porto Alegre. Livro de Resumo. Porto Alegre: FEE, 2005. v.1. p. 1-69.
- ROCHA, H. P. A; BARTHOLO, T. L; MELO, L. B. S; SOARES, A. J. G. Jovens esportistas: profissionalização no futebol e formação na escola. In: *Motriz*, Rio Claro, v.17 n.2, p.252-263, abr./jun. 2011.
- RODRIGUES, T. D. *Práticas de exclusão em ambiente escolar*. Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, SP, 2015.
- ROGÉRIO. R. M. *No “segundo tempo da vida”: o jogador de futebol e a passagem para a pós-carreira*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2014.
- ROQUE, Z. S. S. Memórias em campo: jogadores operários em São José dos Campos (1975-2010). In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo, julho 2011.
- SAMULSKI, D. M; MORAES, L. C. C. A; FERREIRA, R. M; MARQUES, M. P; SILVA, L. A; LÔBO, I. L. B; MATOS, F. O; SANTIAGO, M. L. M; FERREIRA, C. H. S. Análise das transições de carreiras de ex-atletas de alto nível. In: *Motriz*, Rio Claro, v.15 n.2 p.310-317, abr./jun. 2009.
- SANTOS, G. L. *Educação ainda que tardia: a exclusão da escola e a reinserção de adultos das camadas populares em um programa de EJA*. In: *Revista Brasileira de Educação*, 2003.
- SELINGARDI, D. C. *Término e recomeço: da carreira atlética à aposentadoria*. (Dissertação) Mestrado em Psicologia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- SILVÉRIO, A. C; APOLINÁRIO, J. C; SILVA, M. J. G; CABANAS, A. Análise do sucesso do atleta de futebol. In: *XI Encontro Latino Americano de Pós-Graduação*. Universidade Vale do Paraíba, 2011.
- SOARES, A. J. G; MELO, L. B. S; BARTHOLO, T. L; VELLARDE. G. C. O tempo para o futebol e para a escola. In: *35º Encontro Anual da ANPOCS*, 2010.
- SOARES, A. J. G; MELO, L. B. S; COSTA. F. R; BARTHOLO, T. L; BENTO, J. O. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. In: *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*. Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 905-921, out./dez. 2011.
- SOUZA, C. A. M; VAZ, A. F; BARTHOLO, T. L. SOARES, A. J. G. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 85-111, jul./dez. 2008.

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sou estudante do curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) e estou fazendo uma pesquisa cujo objetivo principal é analisar a relação entre as trajetórias educacionais e a inclusão social de ex-jogadores de futebol. Entendendo a importância de estudar sua trajetória pessoal por pertencer a um grupo profissional tão peculiar como os ex-jogadores de futebol, pretendo realizar entrevista que mostra a relação que você teve com a educação e o quanto isso interfere na sua inclusão atual na sociedade. Para isso pretendo gravar em arquivos de áudio sua entrevista, com o fim exclusivo de análise nessa pesquisa, não sendo permitido que eu reproduza publicamente suas respostas em qualquer aparelho.

Com essas informações, gostaria de solicitar a sua aceitação para participação nessa pesquisa.

É necessário esclarecer que: 1º) a sua autorização deverá ser de livre e espontânea vontade; 2º) você não ficará exposto a nenhum risco; 3º) sua identidade será mantida em sigilo; 4º) você poderá desistir de participar a qualquer momento, sem qualquer prejuízo; 5º) será permitido a você o acesso às informações sobre procedimentos relacionados à pesquisa; e 6º) somente após ter sido devidamente esclarecido e ter entendido o que foi explicado, deverá assinar este documento.

Em caso de dúvida, poderá comunicar-se comigo, o pesquisador Igor Montiel Martins Cunha, residente na Av. Marabá, nº 183, Bairro do Santíssimo Sacramento, celular: (93) 99203-6286, e-mail: igormontiel@hotmail.com.

Santarém, ____ de _____ de 2017

Assinatura do Colaborador

Assinatura do Pesquisado